



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

YANA LINHARES

**CONTINGÊNCIAS ENVOLVIDAS NO ESTUDO DO  
FEMINISMO POR ANALISTAS DO COMPORTAMENTO  
BRASILEIRAS:  
UMA INVESTIGAÇÃO EXPLORATÓRIA COM AS AUTORAS DO  
LIVRO *DEBATES SOBRE FEMINISMO E ANÁLISE DO  
COMPORTAMENTO***

YANA LINHARES

**CONTINGÊNCIAS ENVOLVIDAS NO ESTUDO DO  
FEMINISMO POR ANALISTAS DO COMPORTAMENTO  
BRASILEIRAS:  
UMA INVESTIGAÇÃO EXPLORATÓRIA COM AS AUTORAS  
DO *LIVRO DEBATES SOBRE FEMINISMO E ANÁLISE DO  
COMPORTAMENTO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina, como parte dos requisitos para obtenção do título de <sup>1</sup>Mestre em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Laurenti.

Londrina  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Biblioteca da UEL

Linhares, Yana.

Contingências envolvidas no estudo do feminismo por analistas do comportamento brasileiras: Uma investigação exploratória com as autoras do livro debates sobre feminismo e análise do comportamento / Yana Linhares. – Londrina, 2023.

175 f.

Orientadora: Carolina Laurenti.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Feminismo e análise do comportamento – Tese. 2. Questões sociais – Teses. 3. Desigualdade de gênero – Teses. I. Laurenti, C. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9

YANA LINHARES

**CONTINGÊNCIAS ENVOLVIDAS NO ESTUDO DO  
FEMINISMO POR ANALISTAS DO COMPORTAMENTO  
BRASILEIRAS:  
UMA INVESTIGAÇÃO EXPLORATÓRIA COM AS AUTORAS  
DO LIVRO *DEBATES SOBRE FEMINISMO E ANÁLISE DO  
COMPORTAMENTO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.  
Área de concentração: Análise do Comportamento.

***BANCA EXAMINADORA***

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Laurenti  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

---

Profa. Dra. Daniely Ildegardes Brito Tatmatsu  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Profa. Dra. Liana Rosa Elias  
Universidade Federal do Ceará - UFC

Londrina, 25 de setembro de 2023

## AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer a todas e a todos que fizeram parte dessa trajetória comigo. Primeiramente, à minha orientadora Carolina Laurenti. Estamos juntas desde 2015, quando eu comecei meu primeiro ano de graduação na Universidade Estadual de Maringá. Lá foi a primeira vez que entrei em contato com a Análise do Comportamento e tenho certeza que uma das principais razões para eu gostar tanto da abordagem foram as aulas espetaculares que você ministrava. Iniciei meu PIBIC no segundo ano sob sua orientação e foi você que me sugeriu fazer uma pesquisa sobre dominação masculina. Desde então, eu me apaixonei pelas pautas de desigualdade de gênero, me tornei feminista e comecei a estudar e discutir esses temas. Portanto, gostaria de agradecer não só por ser essa orientadora fantástica, mas por me apresentar a essa luta tão importante.

Também gostaria de agradecer à toda a minha família pelo suporte nesse período. Jamais conseguiria me manter sozinha em outra cidade me dedicando à pesquisa sem o apoio incondicional de todos. Em especial meus pais Iraci Linhares e João Batista Linhares, meus irmãos Yuri Linhares e Nathã Linhares, minhas cunhadas Caroline Fantini e Letícia Albuquerque, e minha prima Ana Julia Pilotti. Também gostaria de agradecer a todas as amigas e amigos que estiveram comigo nesse tempo. Às minhas amigas de infância, Marina e Mariângela, que estão comigo em todos esses 27 anos de vida e nunca saíram do meu lado. Ao Miguel Abdala, amigo incrível que eu fiz durante o mestrado e que me ajudou em todo esse processo em Londrina, se tornando uma das pessoas mais importantes pra mim e que eu vou levar pro resto da vida. Outras amizades que o mestrado me proporcionou como Thays, Bruno, Luan, Laryssa, Amanda e muitos outros.

Gostaria de agradecer também ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento e a Capes por me dar suporte para que eu me dedicasse exclusivamente à minha pesquisa. Também todas as professoras e professores do programa. Às mulheres maravilhosas que

fizeram parte das minhas bancas e tiveram contribuições essenciais para a minha pesquisa: Denisse Brust López, Camila Muchon, Daniely Tatmatsu e Eliana Rosa Elias.

Agradeço também a todas as mulheres que se dispuseram a participar da minha pesquisa como participantes. Foi um prazer enorme ter conversado com cada uma de vocês. Admiro demais cada uma e aprendi muito com cada entrevista. Da mesma forma, agradeço a disponibilidade e a contribuição duas mulheres que fizeram parte da minha entrevista-piloto e aos homens que também entrevistei.

Por fim, gostaria apresentar um agradecimento especial ao Coletivo Marias e Amélias. Por meio desta pesquisa pude perceber a tamanha importância que esse grupo teve para o Feminismo na Análise do Comportamento. Vocês tiveram que enfrentar diversos obstáculos para inserir essas discussões na nossa abordagem, porém, colheram muitos frutos. Eu, em nome também de todas as outras mulheres analistas do comportamento brasileiras, especialmente as que se dedicam aos temas feministas, agradeço a dedicação de vocês e deixo aqui registrada a minha imensa admiração a todas!

A todas as pessoas que não pude citar aqui, mas que fizeram parte e me deram suporte nessa trajetória, muito obrigada!

LINHARES, Yana. **Contingências envolvidas no estudo do feminismo por analistas do comportamento brasileiras**: uma investigação exploratória com as autoras do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*. 2023. 175f Dissertação (Pós-Graduação em Análise do Comportamento – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023).

## RESUMO

A partir da primeira década dos anos 2000, estudos com orientação feminista têm sido produzidos na Análise do Comportamento brasileira. Uma obra que se destacou no contexto dessa visada feminista é o livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*. Nesse livro, diferentes temas da agenda feminista, como patriarcado, interseccionalidade, participação de mulheres na ciência, relacionamentos abusivos, violência de gênero, dentre tantos outros, foram abordados em dez capítulos. Dada a relevância dessa obra para a difusão de questões feministas na Análise do Comportamento, o objetivo deste trabalho foi apresentar um panorama das contingências envolvidas no estudo do Feminismo por pesquisadoras brasileiras que figuraram como autoras dos capítulos de *Debates*. Para tanto, foi realizada uma pesquisa empírico-exploratória com todas as 14 autoras do livro. As informações foram obtidas por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada, que abordou questões a respeito de como se deu o contato das participantes com o movimento feminista, quais foram os temas investigados e se ainda os estudam, os obstáculos enfrentados, a importância do Feminismo para a Análise do Comportamento e as possibilidades de ampliar essa interface. As entrevistas foram realizadas e gravadas pelo *Skype* e transcritas na íntegra. As informações foram agrupadas em categorias temáticas, construídas com base em trechos representativos dos assuntos abordados nas entrevistas. Os resultados coligidos nessas categorias foram cotejados com a literatura especializada, o que permitiu evidenciar que o estudo de temas feministas pelas entrevistadas foi perpassado por aspectos que se assemelham aos indicados por pesquisas afins de outras áreas de conhecimento. Os resultados demonstraram que as entrevistadas tiveram de enfrentar diferentes contingências aversivas para estudar o tema, inclusive a crítica de que uma perspectiva feminista traria um viés para uma ciência que deveria ser neutra. O enfrentamento de eventos aversivos pelas entrevistadas se deu, sobretudo, com o apoio do Coletivo Marias e Amélias, o qual se tornou um contexto fomentador de contingências sororas, criando um sistema de reforçamento social para a realização de atividades acadêmicas voltadas à discussão analítico-comportamental de temas feministas. As entrevistadas também mencionaram como a explicitação de contingências desiguais entre os gêneros, em diferentes esferas sociais, foi promovida, ou adensada, com o exame de temáticas feministas, e como isso afetou as suas vidas pessoal e profissional. As entrevistadas também enfatizaram a importância da continuidade dos estudos sobre Feminismo na área, dentre outros motivos, por auxiliar a Análise do Comportamento a produzir uma ciência mais preocupada com a identificação dos valores e vieses de gênero. Da mesma forma, elas ressaltaram que o campo feminista poderia se utilizar as ferramentas analítico-comportamentais para promover uma sociedade mais justa e igualitária. Apesar da interface virtuosa entre Análise do Comportamento e Feminismo, descrita pelas participantes, foi possível concluir que os estudos feministas analítico-comportamentais se deram especialmente por uma iniciativa individual das entrevistadas, e não pela institucionalização de uma política científica encorajadora de pesquisas sobre essas questões na área. Em vista disso, a continuidade desses estudos na Análise do Comportamento brasileira pode ficar ameaçada.

**Palavras-chave:** análise do comportamento, feminismo, ciência, universidade.

LINHARES, Yana. **Contingencies involved in the study of feminism by Brazilian behavior analysts**: an exploratory investigation with the authors of the book *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*. 2023. 175f Dissertação (Pós-Graduação em Análise do Comportamento – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023

### ABSTRACT

Since the first decade of the 2000s, studies with a feminist orientation have been produced in Brazilian Behavior Analysis. A work that stood out in the context of this feminist aim is the book *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*. In this book, different themes on the feminist agenda, such as patriarchy, intersectionality, women's participation in science, abusive relationships, gender violence, among many others, were covered in ten chapters. Given the relevance of this work for the dissemination of feminist issues in Behavior Analysis, the objective of this work was to present an overview of the contingencies involved in the study of Feminism by Brazilian researchers who appeared as authors of the Debates chapters. To this end, empirical-exploratory research was carried out with all 14 authors of the book. The information was obtained through a semi-structured interview guide, which addressed questions regarding how the participants came into contact with the feminist movement, what were the topics investigated and whether they are still studying them, the obstacles faced, the importance of Feminism for Behavior Analysis and the possibilities of expanding this interface. The interviews were carried out and recorded via Skype and transcribed in full. The information was grouped into thematic categories, constructed based on excerpts representing the topics covered in the interviews. The results collected in these categories were compared with specialized literature, which made it clear that the study of feminist themes by the interviewees was permeated by aspects that are similar to those indicated by similar research in other areas of knowledge. The results demonstrated that the interviewees had to face different aversive contingencies to study the topic, including the criticism that a feminist perspective would bring a bias to a science that should be neutral. The interviewees faced aversive events, above all, with the support of Coletivo Marias e Amélias, which became a context that fosters serious contingencies, creating a system of social reinforcement for carrying out academic activities focused on analytical-behavioral discussion. of feminist themes. The interviewees also mentioned how the explanation of unequal contingencies between genders, in different social spheres, was promoted, or intensified, with the examination of feminist themes, and how this affected their personal and professional lives. The interviewees also emphasized the importance of continuing studies on Feminism in the area, among other reasons, for helping Behavior Analysis to produce a science more concerned with identifying gender values and biases. Likewise, they highlighted that the feminist field could use behavioral-analytic tools to promote a more just and egalitarian society. Despite the virtuous interface between Behavior Analysis and Feminism, described by the participants, it was possible to conclude that behavioral-analytic feminist studies were mainly due to an individual initiative of the interviewees, and not due to the institutionalization of a scientific policy encouraging research on these issues. in the area. In view of this, the continuity of these studies in Brazilian Behavior Analysis may be threatened.

**Keywords:** behavior analysis, feminism, science, university.



## LISTA DE APÊNDICES

<b>Apêndice A</b> – Termo de consentimento .....	165
<b>Apêndice B</b> – Roteiro de entrevista .....	169
<b>Apêndice C</b> – E-mail para as entrevistadas .....	173
<b>Apêndice D</b> – E-mail para a autorização dos dados pelas entrevistadas .....	174

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Data, duração e quantidade de páginas de transcrição das entrevistas .	31
<b>Tabela 2</b> – Áreas de atuação atuais das participantes .....	35
<b>Tabela 3</b> – Grau de especialização das participantes .....	36
<b>Tabela 4</b> – Relação do tipo de instituição de formação das entrevistadas.....	37

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	23
2.1	OBJETIVO GERAL .....	23
2.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	23
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	24
3.1	NATUREZA DA PESQUISA .....	24
3.2	PARTICIPANTES .....	24
3.3	MATERIAIS E INSTRUMENTOS .....	25
3.4	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....	27
3.5	PROCEDIMENTO .....	27
3.5.1	Contato com as participantes .....	27
3.5.2	Realização das entrevistas .....	28
3.5.3	Transcrição das entrevistas .....	28
3.5.4	Análise das entrevistas .....	29
<b>4</b>	<b>RESULTADOS/DISCUSSÃO</b> .....	30
4.1	PERFIL DAS ENTREVISTADAS .....	34
4.2	POR QUE O FEMINISMO? CONTEXTOS E PRETEXTOS .....	38
4.2.1	Contextos acadêmicos gerais .....	38
4.2.2	Contextos informais .....	44
4.2.3	Contextos analítico-comportamentais .....	50
4.2.4	Pretextos .....	55
4.3	OS ESPINHOS: SOBRE OS OBSTÁCULOS ENFRENTADOS NO ESTUDO DO FEMINISMO PELAS ANALISTAS DO COMPORTAMENTO .....	64
4.3.1	Problemas com o tema do Feminismo .....	64
4.3.2	Questões da mulher .....	68
4.3.3	Desmonte da ciência .....	71
4.3.4	Empecilhos na Análise do Comportamento .....	74
4.3.5	Feminismo como moda passageira .....	80
4.3.6	Neutralidade científica <i>versus</i> militância .....	83
4.4	TORNANDO-SE FEMINISTA: IMPACTOS DOS ESTUDOS FEMINISTAS NA VIDA DAS ENTREVISTADAS .....	89
4.4.1	Impactos positivos .....	89

4.4.2	Impactos negativos .....	97
4.4.3	Impactos no presente .....	101
4.5	SORORIDADE: O APOIO DE “MARIAS E AMÉLIAS” .....	105
4.5.1	Coletivo Marias e Amélias .....	105
4.5.2	Contingências de suporte .....	110
4.6	INSPIRAÇÕES: SOBRE AS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS PARA OS ESTUDOS FEMINISTAS .....	112
4.6.1	Literatura existente .....	113
4.6.2	Literatura possível .....	116
4.7	POR QUE ESTUDAR? A IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS SOBRE O TEMA .....	117
4.7.1	Uma ciência comprometida com questões sociais .....	118
4.7.2	Uma prática com responsabilidade social.....	122
4.8	HAVERÁ UM FUTURO? .....	126
4.8.1	Aumento na representatividade feminina na área .....	127
4.8.2	Investimento em debates .....	129
4.8.3	Defesa do ensino público .....	133
4.8.4	Disseminação do conhecimento produzido .....	134
4.8.5	Estudo do Feminismo como prática, não comportamento .....	136
4.8.6	Análise do Comportamento como objeto de estudo .....	138
4.8.7	Atuação da Análise do Comportamento .....	139
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>142</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>148</b>
<b>7</b>	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>165</b>

## 1. Introdução

O Feminismo é um movimento social marcado por discussões sobre como as opressões de gênero, de classe e de etnia perpassaram e perpassam os mais diversos âmbitos da sociedade, desenvolvendo e mantendo práticas discriminatórias (Alves & Pitanguy, 2003). Sem ignorar as diferenças entre as experiências de homens e mulheres, o movimento feminista defende que ambos os gêneros devem ser tratados não como idênticos, mas como equivalentes, denunciando também práticas opressoras e de dominação masculina presentes na sociedade (Narvaz & Koller, 2007). De forma mais sistematizada, Garcia (2011) define feminismo como um movimento voltado a promover:

. . . a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o Feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (p. 13)

O movimento passou por diversas fases, ou ondas<sup>2</sup>, todas buscando por uma maior igualdade entre os gêneros, porém, com reivindicações centrais diferentes (Silva et al., 2021).

---

<sup>2</sup> Segundo Silva et al. (2021), a trajetória do movimento feminista foi marcada por diversas lutas, desafios e conquistas, sendo essas sistematizadas em quatro ondas. Na primeira onda, que ocorreu por volta do século XIX, a mulher reivindicou principalmente, por meio do sufrágio feminino, seu direito à cidadania, em especial o direito ao voto e à educação, buscando derrubar as barreiras legais contra a igualdade de gênero. A segunda onda, de 1960 a 1980, foi representada pelo feminismo radical e sua expansão por meio de movimentos sociais. Traz a mulher como vítima de opressão, principalmente por seu parceiro, e busca os direitos e valores negados às mulheres pelos modelos e ideias tradicionais e machistas. A terceira onda, na época de 1990, destaca demandas específicas da diversidade de mulheres inseridas no movimento feminista, ganhando força o movimento homossexual, negro, lésbico, transexual, dentre outros. Por fim, a quarta onda, iniciada em 2012, é caracterizada pelo surgimento do ciberfeminismo, no qual as redes sociais são utilizadas para disseminar informações acerca de temas como violência contra mulher, disparidade salarial e falta de representatividade feminina, além de

De acordo com Keller (2006), foi no período do Feminismo da segunda onda, nas décadas de 1970 e 1980, que surge a denominada teoria feminista. O objetivo desse movimento era analisar e identificar o papel das discussões de gênero nos modos de organização da sociedade, sendo necessário, para isso, repensar as concepções básicas dos campos mais tradicionais do conhecimento, como a sociologia, a literatura e a história.

Como afirma Rago (1998), nesse período, as mulheres ocuparam as universidades e examinaram temas antes ignorados, como saúde, sexualidade, maternidade, parto, aborto, prostituição e bruxaria, além de investir na criação de núcleos de pesquisa e estudo. Declaradas feministas ou não, começaram a estudar a si mesmas, a sua história e de suas antepassadas, buscando, dessa forma, entender fatores que originaram crenças e valores responsáveis por práticas opressivas e estigmatizantes. Era um momento de revisitar e problematizar uma história desenvolvida por um viés falocêntrico, ou seja, focada nos homens e feita por eles.

Neste período dos anos de 1970 também se questionava a tradição intelectual ocidental do século XVII, caracterizada por concepções ontológicas dualistas e binárias. Eram utilizados julgamentos de valor de forma hierárquica para separar opostos, como o natural e o cultural, o universal e o particular, o igual e o diferente, a mente e o corpo, o masculino e o feminino, a razão e a emoção. Nesse contexto, a crítica feminista surge para questionar essas concepções que serviram para justificar e reproduzir relações de opressão entre os gêneros (Matos, 2008).

No que diz respeito especificamente ao contexto brasileiro, Narvaz e Koller (2007) afirmam que o movimento feminista se consolidou inicialmente nos anos de 1960, no cenário da ditadura militar, sendo que as acadêmicas, pesquisadoras e militantes atuavam na contestação de discriminações e relações de poder presentes na sociedade. Alunas de história,

---

promover estratégias de luta. Também se caracteriza por incluir a interseccionalidade como ferramenta analítica (entrelaçamento da discriminação política e social de gênero) em suas discussões (Baires & Koch, 2019; Silva et al., 2021).

antropologia e sociologia buscavam denunciar opressões sofridas pelas mulheres advindas do sistema patriarcal e capitalista. Já nos anos de 1970, com o início da redemocratização política e a ascensão de outros movimentos sociais brasileiros, o movimento feminista se fortaleceu ainda mais. Foi um período marcado por uma maior participação das mulheres em sua organização política, reivindicando seus direitos, a resolução de problemas relacionados ao trabalho, uma maior igualdade de poder entre os sexos e uma saúde de qualidade, o que refletiu no desenvolvimento de políticas públicas destinadas a suprir essas falhas (Nuernberg et al., 2011).

Entre o final dos anos de 1970 e o início de 1980 o movimento feminista brasileiro se expandiu e se diversificou. A produção acadêmica sobre gênero aumentou, foram formados mais grupos de estudos sobre o tema e realizadas pesquisas e publicações científicas sobre as mulheres. Nos anos de 1990, as principais associações científicas do país contavam com grupos que discutiam temáticas de gênero (Narvaz & Koller, 2007).

Nuernberg et al. (2011) destacam que os estudos sobre a mulher e sobre gênero foram ganhando legitimidade e visibilidade aos poucos no Brasil por meio de diversas estratégias, inclusive a obtenção de auxílio financeiro de agências internacionais como as Fundações Ford e MacArthur. Além disso, os núcleos de pesquisa espalhados pelo país também foram aumentando. No entanto, os autores destacam como as abordagens feministas ainda são marginalizadas no Brasil.

De acordo com Narvaz e Koller (2007), os estudos sobre gênero muitas vezes não encontram suporte na universidade, já que podem ser considerados apenas militância, e não uma atividade acadêmica. São marginalizados especialmente por estarem associados a movimentos sociais, em especial com partidos de esquerda e movimentos feministas. Quando presentes nessas instituições, núcleos de estudos de gênero geralmente são inseridos no contexto da pós-graduação, como se devesse ser exclusivo para especialistas, ou não são

incorporados na academia devido ao conservadorismo das universidades que resistem em atualizar seus currículos. As autoras também destacam como questões sobre gênero estão inseridas principalmente em pesquisas, e não no ensino, e como as discussões acabam se restringindo aos campos da História e das Ciências Sociais.

Nuernberg et al. (2011) afirmam que a psicologia feminista, como área de prática e pesquisa reconhecida e institucionalizada, ainda não existe no contexto brasileiro, sendo mais presente no campo da Psicologia Social e em trabalhos acadêmicos que discorrem sobre o ensino da Psicologia, pesquisa e intervenção. Segundo os autores, a Psicologia apresenta resistência aos questionamentos do movimento feminista acerca da universalidade dos seus pressupostos e às discussões sobre a relatividade do método científico, sendo que muitos estudiosos não consideram as questões de gênero como uma categoria analítica. Além disso, os autores destacam como, por meio de conversas informais com colegas no Brasil, constataram que o estudo de gênero muitas vezes é considerado apenas uma “moda”, ou até mesmo uma ideologia, algo que também poderia elucidar a ausência do termo “Psicologia Feminista” no país.

Narvaz e Koller (2007) também destacam que, apesar de a Psicologia ter publicações nas principais revistas feministas do Brasil, como a Revista Estudos Feministas e a Cadernos Pagu, e ter teses e dissertações publicadas sobre o tema, esse campo de conhecimento ainda perpetua concepções hierárquicas, binárias, essencialistas e biologicistas quando se trata de gênero. A tentativa de atender aos critérios de cientificidade levou a Psicologia a se aproximar de disciplinas como a biologia, buscando explicar as diferenças de gênero pautando-se em bases genéticas. Mesmo as concepções que refutam o viés biologicista do estudo de gênero apelam para concepções essencialistas, considerando as diferenças entre homens e mulheres como sendo devido a causas internas. Algumas características como sensibilidade,



passividade e emoção são atribuídas, então, às mulheres; agressividade, independência e racionalidade aos homens.

Nesse contexto, uma teoria psicológica que busca questionar essas visões essencialistas que também estão inseridas na Psicologia é a Análise do Comportamento. Skinner (1953/2003), seu principal representante e teórico, entende o comportamento como sendo produto da inter-relação entre o indivíduo e o ambiente, sendo que explicações internalistas e essencialistas, que consideram o comportamento como sendo somente uma manifestação observável de uma instância denominada “mente”, podem mascarar importantes variáveis envolvidas na manutenção de comportamentos e práticas culturais.

A despeito de haver uma certa resistência em inserir debates de caráter mais político na Análise do Comportamento, havendo o receio de prejudicar a objetividade da ciência (Laurenti, 2019), a teoria também vem se dedicando ao tema do Feminismo. Adotando um referencial analítico-comportamental, Silva e Laurenti (2016) entendem que o movimento busca transformar o papel da mulher na sociedade na medida em que denuncia práticas culturais que mantêm o desequilíbrio na distribuição de reforçadores entre homens e mulheres, favorecendo os primeiros. Dessa forma, considera-se que a desvantagem das mulheres em relação aos homens e a desigualdade entre os gêneros podem ser enfraquecidas por meio da mudança de práticas culturais opressoras, sem haver a necessidade de recorrer a instâncias internas que podem ocultar essas variáveis.

Maria R. Ruiz (1995, 1998, 2003, 2009) foi uma das pioneiras nas discussões sistemáticas entre o Feminismo e a Análise do Comportamento, trazendo questionamentos acerca da desigualdade entre os gêneros com base no Comportamentalismo Radical (Rosendo & Nogueira, 2020). Ruiz (1998) tece críticas à ciência psicológica, afirmando que muitas vezes se analisa o comportamento da mulher por um viés patologizante. Além disso, afirma

que a Psicologia também pode auxiliar no silenciamento das mulheres na academia, utilizando discursos machistas presentes na ciência para excluí-las do contexto acadêmico.

De acordo com Ruiz (1995), muitas feministas tecem críticas ao Comportamentalismo Radical, enquadrando-o no âmbito das ciências psicológicas tradicionais que atuam na perpetuação das relações de opressão na academia. Porém, a autora afirma que essa crítica pode estar respaldada em uma confusão entre o Comportamentalismo de Watson e o Comportamentalismo Radical, como se ambos tivessem os mesmos pressupostos.

Segundo Ruiz (1995), se esse fosse o caso, o Comportamentalismo Radical seria considerado uma filosofia que daria subsídios teóricos a uma Psicologia: i) mecanicista baseada no paradigma estímulo e resposta; ii) preocupada principalmente com o comportamento de organismos não-humanos, manipulados em laboratório; iii) que entende o organismo como passivo, produto de forças externas; iv) que caracteriza o comportamento como produto somente do ambiente, sem considerar a influência de suas características biológicas; v) que defende a necessidade de fragmentar o comportamento em unidades para analisá-lo; e vi) que lida somente com comportamentos observáveis, ignorando aspectos como experiência, pensamento e sentimentos. Entendido nesses termos, o Comportamentalismo Radical seria, de fato, incompatível com a teoria feminista, já que a mulher seria apenas um produto do ambiente e, por ser um organismo passivo, não poderia mudar a realidade opressora em que estaria inserida.

Porém, diferentemente dos pressupostos do comportamentalismo de Watson, a Análise do Comportamento compreende o comportamento por meio de um viés contextualista. O organismo seria inseparável do seu contexto, em um sentido relacional, considerando-se a função dos comportamentos, sua relação com eventos ambientais e a variabilidade de sua topografia. Dessa forma, substitui-se uma visão mecanicista de estímulo-resposta pela noção

de um comportamento fluido e variável que é selecionado pelo ambiente (Carrara, 2020; Skinner, 1953/2003, 2007).

Segundo Ruiz (1995, 1998, 2003, 2009), a visão contextualista da Análise do Comportamento vai ao encontro da teoria feminista na medida em que a explicação das ações individuais em termos da relação intrínseca entre indivíduo e mundo (Lopes et al., 2012; Reis & Laurenti, 2019) contribui para desmistificar a noção de essências masculinas e femininas. Dessa forma, chama-se a atenção para a possibilidade de alteração de práticas culturais que contribuem para a desigualdade entre os gêneros. Além disso, a crítica skinneriana ao eu iniciador (Skinner, 1953/2003, 1971, 1974) também está em consonância com a crítica feminista do foco somente no indivíduo, o que pode contribuir para negligenciar as variáveis sociais envolvidas no comportamento humano.

Ambas as teorias também chamam a atenção para o fato de que muitas práticas discriminatórias passam despercebidas por serem mais sutis e estarem presentes em práticas culturais socialmente aceitas. Assim, torna-se mais difícil identificá-las por haver uma falta de contingências discriminativas que tornem mais visíveis essas relações de opressão, o que dificulta, então, práticas de contracontrole (Rosendo & Nogueira, 2020; Ruiz, 1998). Ruiz (1995) destaca ainda a importância do autoconhecimento, sendo que, segundo Rosendo e Nogueira (2020), a mulher pode contar hoje com um apoio maior da comunidade verbal feminista que valoriza suas experiências pessoais e a torna consciente das contingências sociais que modelam e mantêm seu próprio comportamento.

Ruiz (1998) enfatiza como ponto de contato entre a Análise do Comportamento e a teoria feminista o fato de ambas considerarem o sujeito no estudo científico, sendo que a(o) cientista não se separa, então, do objeto de estudo. Isso mostraria o porquê de a cultura e a ciência serem construídas principalmente por homens e para homens, já que o conhecedor e o conhecido não se separam. Ambas as teorias também dão ênfase à experiência no

desenvolvimento do ser humano, estando confiantes quanto às mudanças sociais, promovendo práticas mais humanistas e desafiando visões de mundo tradicionais e dominantes. Por fim, ambas tentam desenvolver ações que promovam mudanças sociais em todas as instituições presentes na sociedade de modo a possibilitar oportunidades mais igualitárias e justas de acesso a reforçadores a todas(os) (Rosendo & Nogueira, 2020; Ruiz, 1998).

Para além de Ruiz, outras autoras e autores têm publicado sobre temas importantes que relacionam a Análise do Comportamento e o Feminismo. No âmbito internacional, Wolpert (2005), por exemplo, realizou uma análise feminista e multicultural do texto *Walden Two* de Skinner (1948/1976), explicitando vieses de gênero, de raça e classe. Poling et al. (1983) e McSweeney e Parks (2002) discutiram acerca da participação, da representatividade e dos desafios enfrentados pelas mulheres analistas do comportamento nos mais diversos contextos que envolvem a teoria, como a área aplicada e os estudos sobre o Comportamentalismo Radical, ao passo que McSweeney et al. (2000) e McSweeney e Swindell (1998) trataram especificamente da participação da mulher na Análise Experimental do Comportamento. DeFelice e Diller (2019) discutiram compatibilidades da noção de causação múltipla da Análise do Comportamento com a perspectiva do Feminismo interseccional. Além disso, Baires e Koch (2019) também abordaram sobre sexismo e como a Análise do Comportamento é parte do problema e parte da solução, argumentando que, ao mesmo tempo em que a teoria possui as ferramentas para mudar as contingências que mantêm práticas machistas, muitas vezes não considera adequadamente em seus estudos as contingências culturais envolvidas nessas práticas.

No contexto brasileiro também é possível notar um aumento do envolvimento de analistas do comportamento com o Feminismo. A começar pelo Coletivo Marias e Amélias, iniciativa que, de acordo com a página do *Facebook* do coletivo (2015), surgiu por meio do interesse de analistas do comportamento mulheres brasileiras em estudar o Feminismo de um

viés analítico-comportamental. Dentre suas ações constam o incentivo e suporte para a maior participação das mulheres na Análise do Comportamento, a realização de discussões, produções teóricas e práticas para embasar a atuação feminista, e a promoção de empatia e sororidade entre as mulheres acadêmicas. Diversas das analistas do comportamento que fundaram o coletivo continuam estudando sobre o tema, mesmo que de maneira mais informal.

Autoras como Pinheiro e Mizael (2019) já afirmam que as pesquisas e publicações sobre questões feministas na Análise do Comportamento vêm aumentando no país. Esses estudos envolvem, por exemplo, investigações sobre: o número de produções em periódicos analítico-comportamentais sobre o Feminismo e a Análise do Comportamento, bem como as aproximações entre as teorias descritas por eles (Couto & Dittrich, 2017; Dos Santos et al., 2018); as aproximações entre o modelo de seleção por consequências de Skinner com a distinção de sexo e gênero do movimento feminista, inspirada nas análises de Simone de Beauvoir (Silva & Laurenti, 2016); as contribuições das discussões de Maria R. Ruiz sobre Análise do Comportamento e o movimento feminista (Rosendo & Nogueira, 2020); o contracontrole exercido pelas mulheres no movimento feminista (Landinho, 2019); as convergências nos posicionamentos da Terapia Feminista e da Psicoterapia Analítico-funcional (Fideles & Vandenberghe, 2014); possíveis variáveis que controlam o uso do conceito de empoderamento em periódicos feministas (Couto, 2017); a dominação masculina, em uma análise do termo à luz da concepção skinneriana de cultura (Fontana, 2019), e a dominação masculina no contexto universitário valendo-se de conceitos analítico-comportamentais (Linhares & Laurenti, 2018).

Uma das publicações que mais destaca o avanço das discussões sobre o Feminismo e a Análise do Comportamento no Brasil é o livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento* (Pinheiro & Mizael, 2019) (doravante *Debates*). A obra teve uma

repercussão significativa no Brasil por ser o primeiro livro em português que sistematiza os estudos da Análise do Comportamento em relação ao Feminismo, tornando essas discussões mais acessíveis às(aos) analistas do comportamento brasileiras(os). Conta com diversas autoras e autores cujas pesquisas têm contribuído de forma significativa com as reflexões sobre o tema. Dessa forma, a obra também ajuda a dar visibilidade a um número expressivo de analistas do comportamento interessada(o)s neste campo de investigação (Mizael, 2019).

O livro conta com capítulos que tratam de diferentes temas feministas discutidos por uma ótica analítico-comportamental. São esses: relações entre o Feminismo interseccional e a Análise do Comportamento (Mizael, 2019); poder e patriarcado na desigualdade de gênero (Nicolodi & Arantes, 2019); métodos de investigação sobre cultura do estupro (Freitas & Morais, 2019); experimentos sobre atitudes implícitas (Marcelino & Arantes, 2019); empoderamento (Couto, 2019); análises de metacontingências e macrocontingências envolvidas na cultura patriarcal (Ferraz et al., 2019); mulheres e tecnologia (Perkoski, 2019); variáveis de gênero na terapia (Pinheiro & Oshiro, 2019) e na análise de relacionamentos abusivos (Costa, 2019); e dados sobre a história das mulheres analistas do comportamento no Brasil (Silva & Arantes, 2019).

O livro deixa explícito, então, como a interface entre o Feminismo e a Análise do Comportamento está se mostrando promissora para tratar de temáticas que talvez só ganhassem visibilidade por meio dessa aproximação com o Feminismo, mostrando como cada vez mais pontos de contato estão sendo tecidos entre as teorias. Além disso, Mizael (2019), uma das autoras e organizadoras do livro, afirma que o intuito inicial do projeto da obra era somente reunir um material dedicado ao debate de questões de desigualdade entre os gêneros em Análise do Comportamento, já que se via pouco dessas discussões nos textos estudados na formação acadêmica. No entanto, nesse processo foi possível constatar que existem diversas pesquisadoras e pesquisadores pelo Brasil que estudam sobre o tema, a(o)s quais demonstram

como a Análise do Comportamento pode contribuir para as discussões de gênero e ao mesmo tempo se beneficiar desse tipo de debate.

Considerando, então, as aproximações entre o Feminismo e a Análise do Comportamento, a relevância dos temas que vêm sendo estudados e a possível resistência da teoria analítico-comportamental em incorporar debates de caráter político em seus estudos, cumpre investigar possíveis variáveis que colaboraram e estabeleceram contexto para essas pesquisas. Tendo em vista, mais especificamente, as contribuições teóricas trazidas pelo livro *Debates*, e a constatação da variedade de pesquisadoras que estudaram o tema nesta obra, a pergunta norteadora deste estudo foi: quais contingências estavam envolvidas no estudo do Feminismo pelas autoras do livro *Debates*?

Orientada por essa questão principal, esta pesquisa buscou compreender: como as pesquisadoras brasileiras entraram em contato com o Feminismo e produziram seus estudos? Tiveram que lidar com obstáculos? Se sim, como eles impactaram sua trajetória com o movimento? Por que optaram por estudar o Feminismo por meio de uma perspectiva psicológica que é frequentemente acusada de ignorar questões políticas na academia? Receberam apoio da comunidade acadêmica e/ou das próprias analistas do comportamento para realizar essas pesquisas? Depararam-se com impasses metodológicos para estudar questões de gênero? Considerando esses possíveis impasses e a trajetória dessas analistas do comportamento no estudo do Feminismo, seria possível vislumbrar um futuro para as discussões sobre gênero na Análise do Comportamento? Pode-se esperar uma superação acerca do receio de incorporar uma perspectiva feminista nas discussões analítico-comportamentais? Seria o Feminismo somente uma “moda” na área? Qual a importância de continuar estudando temáticas feministas na Análise do Comportamento?

Investigar as contingências envolvidas no estudo do Feminismo por essas autoras pôde dar um indicativo do passado, do presente e do futuro desses estudos na área. Em relação ao

passado, foi possível identificar: i) o contexto em que essas autoras se depararam com essas discussões e publicaram suas pesquisas; ii) se entraram em contato com o tema no contexto da Universidade e/ou se tiveram um apoio institucional para a realização desses estudos; iii) se foi por contingências estabelecidas no âmbito da própria Análise do Comportamento ou por interesses e iniciativas pessoais; iv) por influência de movimentos externos à Análise do Comportamento e ao contexto universitário, como movimento feminista; entre outros. Dessa forma, foi possível entender se o crescimento desses estudos na área foi decorrente de uma política interna de incentivo a essas pesquisas pela própria Análise do Comportamento, ou se a teoria analítico-comportamental está sendo somente uma forma de interpretar um fenômeno com o qual as(os) analistas do comportamento se deparam em outros contextos.

Quanto ao presente, foi possível compreender se as autoras estão se envolvendo com os estudos do movimento feminista nos dias de hoje, se esses estudos estão se dando de forma sistematizada, no âmbito acadêmico, e se a forma de contato com o tema e o desenvolvimento de estudos na área ainda se dá da mesma maneira que no passado, ou se existem políticas e práticas mais consolidadas de incentivo ao tema na Análise do Comportamento e nas universidades, bem como se estão sendo estabelecidas mais contingências que facilitem esses estudos.

Quanto ao futuro, foi possível vislumbrar possibilidades de investigações de temas feministas e do estabelecimento de contextos para o desenvolvimento desses estudos no âmbito da Análise do Comportamento e do contexto universitário. Nesse sentido, foi sondado quais contingências estão sendo efetivas para o estabelecimento de uma discussão mais sistematizada e consolidada do tema na teoria, e quais as contingências que estão dificultando essa prática.

É importante destacar que pesquisas semelhantes produzidas por outras autoras conseguiram alcançar resultados significativos sobre o envolvimento de mulheres com o



movimento feminista. Teixeira e Ferreira (2010), por exemplo, realizaram um estudo no qual entrevistaram pesquisadoras feministas do campo da saúde coletiva que estudavam Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos para entender como se deu o contato delas com o Feminismo. Além disso, Landinho (2019) também pesquisou sobre as formas de contracontrole exercidos por mulheres feministas na cidade de Palmas-TO por meio de um grupo feminista Terças Feministas, da Universidade Federal do Tocantins. Para isso, a autora realizou entrevistas com essas mulheres de modo a sondar quais os antecedentes históricos e atuais relacionados ao seu envolvimento com a causa feminista e as consequências disso, informações essas que possibilitaram análises funcionais dos comportamentos das mulheres de estudar Feminismo. Os resultados descritos pelas autoras foram semelhantes aos encontrados nesta pesquisa.

## **2. Objetivos**

### **2.1 Geral**

Apresentar um panorama das contingências envolvidas no estudo de temáticas feministas por pesquisadoras brasileiras autoras do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*.

### **2.2 Específicos**

- Descrever o contato inicial das pesquisadoras com as discussões sobre Feminismo e Análise do Comportamento.
- Investigar se as pesquisas se deram por uma iniciativa pessoal ou por políticas de incentivo ao estudo do tema na Análise do Comportamento.
- Investigar os empecilhos enfrentados pelas pesquisadoras para estudar o Feminismo.
- Verificar a continuidade do estudo de temáticas feministas pelas pesquisadoras.

- Caracterizar os impactos dos estudos sobre o Feminismo na vida das pesquisadoras.
- Investigar a importância de continuar estudando Feminismo e questões sociais na Análise do Comportamento.
- Inquirir sobre possibilidades de estudos futuros de questões de gênero na área.

### **3. Método**

#### **3.1 Natureza da pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa de natureza empírico-exploratória a respeito da temática do Feminismo na Análise do Comportamento. Segundo Fantinato (2015), a pesquisa empírica se caracteriza pela coleta de dados de fontes diretas; no caso em pauta, de pessoas que têm conhecimento sobre o tema, fato ou situação pesquisada. A pesquisa exploratória, conforme Gil (2008), permite construir um panorama geral aproximado de um determinado fato. Tem como finalidade tornar compreensível conceitos ou ideias para formular questões mais precisas ou hipóteses que podem ser utilizadas em estudos posteriores. Além disso, é utilizada quando um determinado tema foi pouco estudado ou ainda não foi abordado antes, sendo difícil, então, formular alguma hipótese sobre ele ou operacionalizá-lo (Gil, 2008; Révillion, 2015).

#### **3.2 Participantes**

Participaram da pesquisa as 14 autoras mulheres que publicaram capítulos no primeiro volume do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*<sup>3</sup>.

### 3.3 Materiais e Instrumentos

Foi utilizado como material uma entrevista semiestruturada (Apêndice B). Esse tipo de entrevista possibilita investigar universos sociais que ainda precisam de elucidação, e, se bem-sucedida, pode permitir à pesquisadora entender como cada sujeito entrevistado percebe o tema investigado (Conforto et al., 2011; Duarte, 2004).

Segundo Manzini (2012), o modelo de entrevista semiestruturada é indicado para estudar um fenômeno de uma população específica, podendo haver uma maior flexibilização no curso das entrevistas. De acordo com Guazi (2021), essa entrevista envolve um roteiro prévio com um conjunto de questões abertas, porém, permite a utilização de questões que possam surgir no decorrer da conversa, o que leva à coleta de informações adicionais acerca do relato das pessoas entrevistadas. Esse recurso foi pertinente, então, para este estudo na medida em que os comportamentos analisados foram baseados nos relatos de uma população específica, que possui experiência com o tema em pauta.

Segundo De Rose (1999), analistas do comportamento geralmente optam por observar de forma direta o comportamento de interesse, buscando investigar suas variáveis controladoras por meio de sua manipulação em contextos experimentais. Porém, se a pesquisadora ou o pesquisador busca informações sobre comportamentos ocorridos no passado (pouco acessíveis à observação) ou eventos privados, por exemplo, a utilização do recurso das entrevistas se torna mais viável. Dessa forma, recorre-se ao relato verbal, sendo necessário, porém, que a pesquisadora ou o pesquisador considere limitações como a

---

<sup>3</sup> Apesar de também terem sido feitas entrevistas com os dois autores homens que participaram da publicação de um dos capítulos do livro, optou-se por utilizar somente as informações das mulheres, visto que foram somente coautores e não tiveram um histórico muito marcante com o movimento feminista.

possibilidade de a pessoa entrevistada ignorar alguns fatores a seu respeito, talvez devido a um repertório de autoconhecimento pouco estabelecido, e de a presença da pesquisadora ou do pesquisador poder ser um estímulo discriminativo para o comportamento do indivíduo de relatar somente o que a pesquisadora ou o pesquisador “quer ouvir” (Duarte, 2004; Micheletto, 2016).

As questões foram previamente formuladas e, antes de o roteiro ser aplicado com as participantes, foram submetidas a escrutínio em entrevistas-piloto com outras mulheres que já estudaram sobre Feminismo, mas não participaram como autoras do livro. Buscou-se investigar se as perguntas levavam às informações necessárias, se estavam compreensíveis, se era preciso modificá-las ou até acrescentar ou retirar algumas (Guazi, 2021). Após esse processo as questões foram revistas e reformuladas, resultando nas que constam no Apêndice B.

Foram solicitadas inicialmente informações como profissão, grau de especialização das participantes e se as universidades nas quais haviam feito graduação e/ou pós-graduação eram públicas ou privadas. Para a entrevista foram utilizadas questões norteadoras como: i) o contexto em que a entrevistada se deparou ou ainda se depara com as discussões sobre Feminismo e do Feminismo com a Análise do Comportamento; ii) os temas que estudou e que talvez ainda estude; iii) os obstáculos que eventualmente enfrentou ou enfrenta para realizar esses estudos; iv) a importância de estudar Feminismo e questões sociais na área; e v) como estabelecer mais contextos para essas discussões (Apêndice B).

Foi utilizado como material um Notebook Acer Aspire E5-575 para entrar em contato com as pesquisadoras, realizar, gravar, transcrever e analisar as entrevistas. Todas as entrevistadas autorizaram a gravação das entrevistas.

A fim de facilitar o processo de transcrição, foi utilizado uma ferramenta do Word “Ditar”, sendo que a entrevista era reproduzida em uma caixa de som e a voz era captada e

transcrita utilizando esse recurso. Para garantir a fidedignidade das informações com o texto transcrito foram realizadas diversas revisões para averiguar a correspondência entre a transcrição e o que foi relatado na entrevista. Nesse processo, foram feitas correções na transcrição, eliminando palavras repetidas e inserindo pontuações tentando aproximar o texto o máximo possível com a entonação da fala da participante. Todo esse processo foi realizado pela pesquisadora, sem apoio de outro software.

### **3.4 Considerações éticas**

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP-UEM) conforme parecer emitido em 11 de junho de 2022, sob registro CAAE: 58776822.2.0000.0104 e número do Parecer: 5.463.731. Além disso, foi utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), o qual foi assinado pelas entrevistadas pela ferramenta do Google Forms.

### **3.5 Procedimento**

O percurso para a busca e análise das informações concernentes a este estudo envolveu os passos descritos a seguir.

#### **3.5.1 Contato com as participantes**

O convite para a participação na pesquisa se deu via *e-mail* (Apêndice C) e pelo aplicativo do *WhatsApp*, quando não foi possível obter resposta pelo *e-mail*. Foram descritos

os objetivos da pesquisa, como se daria a participação da entrevistada e por qual meio a entrevista seria realizada (plataformas *online*). Também foram descritos os temas das questões, o porquê de a entrevistada ter sido selecionada e porque sua participação seria importante (Guazi, 2021). As entrevistas foram agendadas e, antes do seu início, foi preenchido pelo *Google Forms* o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### **3.5.2 Realização das entrevistas**

As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma de reunião *online* do *Skype*, tendo sido registradas utilizando-se o recurso de gravação da própria plataforma.

### **3.5.3 Transcrição das entrevistas**

As entrevistas gravadas na plataforma *online* foram transcritas na íntegra para possibilitar uma análise posterior dos fatores envolvidos no estudo do Feminismo pelas analistas do comportamento. O tipo de transcrição utilizada foi a não naturalista, a qual, segundo Guazi (2021), foca principalmente no conteúdo verbal da fala da participante, sendo excluídos aspectos como repetições, pausas, e informações contextuais, como a relação entre entrevistada e entrevistadora, por exemplo. No caso deste estudo, esse tipo de entrevista se justifica pelo fato de que não foi realizada uma interpretação da função das pausas e das esquivas das perguntas. A prioridade foi dada às informações trazidas pelas participantes que pudessem ser analisadas conforme o procedimento apresentado nesta pesquisa.

A transcrição foi realizada logo após a realização de uma dada entrevista e antes do início da subsequente, de modo que o processo de transcrição servisse de contexto para o aprimoramento do comportamento de entrevistar da pesquisadora e para a identificação de

eventuais aspectos que pudessem ser modificados para uma melhor condução das entrevistas. Optou-se por não anexar a transcrição das entrevistas na íntegra nesta dissertação, visto que existe um número reduzido de pesquisadoras autoras do livro, o que poderia facilitar a sua identificação. Dessa forma, foi possível que a participante se sentisse mais confortável para relatar suas experiências sem ter o receio de ter informações publicadas que pudessem ser comprometedoras.

Após cada transcrição, foram destacados alguns pontos importantes que surgiram nas entrevistas tendo como base as questões propostas. Por exemplo, foram identificadas todas as informações que a entrevistada trouxe sobre o seu primeiro contato com o Feminismo e reunidas em um tópico denominado “Contato com o tema”, escrevendo frases curtas que pudessem ilustrar de maneira mais breve esses dados. Dessa forma, foi possível tornar mais rápido o acesso à informação, sem ter que ler toda a entrevista novamente para encontrá-la.

#### **3.5.4 Análise das entrevistas**

Primeiramente, foi realizada uma leitura de familiarização das entrevistas. Em seguida, as informações das participantes foram agrupadas em categorias temáticas, tendo como base os pontos importantes destacados anteriormente, as questões propostas, e possíveis semelhanças e divergências nas respostas das entrevistadas, bem como temas que surgiram e que não estavam abarcados pelas questões. Foram selecionados, então, alguns trechos das entrevistas para exemplificar pontos destacados nas categorias, cotejando, então, com a literatura sobre o tema de modo a ilustrar como os pontos trazidos pelas entrevistadas já vinham sendo abordados em outros estudos.

No entanto, antes de seguir para o próximo passo, foi enviado um *e-mail* para às participantes (Apêndice D) com a transcrição da entrevista na íntegra, requisitando para que

lessem e destacassem informações que não gostariam que fossem utilizadas na dissertação, bem como se haveria partes que gostariam de modificar<sup>4</sup>. As partes das entrevistas autorizadas foram, então, utilizadas para a exemplificação das categorias temáticas e para discussão com base nos pressupostos do Comportamentalismo Radical e na literatura já produzida sobre o tema. Foi buscado dar visibilidade às variáveis envolvidas no estudo da interface entre Feminismo e Análise do Comportamento no Brasil, bem como a discussão sobre a possibilidade e a importância de continuar produzindo investigações sobre o tema.

Segundo Matos (1999), a(o) analista do comportamento seria um(a) empirista, estudando casos concretos; um(a) experimentalista, realizando testes e demonstrações com variáveis como forma de submeter suas explicações, e um(a) “interpretacionista”. Por isso, nesta pesquisa foi possível realizar uma interpretação funcional do comportamento das analistas do comportamento em estudar Feminismo.

#### **4. Resultados/Discussão**

O objetivo que norteou este trabalho foi apresentar uma visão geral das contingências envolvidas no estudo do Feminismo por pesquisadoras brasileiras autoras do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*. Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma pesquisa de natureza empírico-exploratória, utilizando como instrumento uma entrevista semiestruturada e tendo como participantes as autoras do livro *Debates sobre Feminismo em Análise do Comportamento*, as quais possuíam experiência com o tema e, por isso, poderiam contribuir para a compreensão dessas contingências. Foi possível, por meio das entrevistas, entender como está se dando a disseminação do Feminismo relacionado à Análise do

---

<sup>4</sup> Não foi possível obter resposta de todas as participantes quanto a essa autorização, já que algumas não retornaram o *e-mail*. Porém, como as entrevistadas já haviam assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes da realização da entrevista, optou-se por utilizar os dados, porém, tomando o cuidado para evitar relatar situações mais pessoais e prezar pelo anonimato da participante.



Comportamento, como e que tipo de estudos acadêmicos estão sendo realizados sobre o tema e se a interface da teoria com o movimento feminista está se dando mais por um comportamento individual das estudantes, ou por uma política consolidada de incentivo ao estudo do tema pela Análise do Comportamento.

Foi possível entrar em contato e obter uma resposta de todas as 14 participantes autoras de capítulos; 12 *via e-mail* e duas pelo *WhatsApp*, sendo todas as entrevistas realizadas pela plataforma do *Skype*. O fato de as entrevistadas terem respondido e se proposto a participar demonstra o quanto as pessoas se interessam por esse tema e veem a necessidade de explorá-lo na Análise do Comportamento, o que foi trazido por muitas participantes.

Ao total foram 14h e 59min de gravação das entrevistas e 404 páginas de transcrição, sendo a entrevista mais curta com 32min e 18 páginas, e a mais longa com 1h e 31min e 43 páginas de transcrição. O tempo médio das entrevistas foi de 1h e 21min. A primeira entrevista ocorreu no dia 28/08/2022 e a última no dia 02/12/2022. A fim de evitar a identificação das entrevistadas, elas serão referidas como participante 1, 2, 3, e assim por diante, conforme a ordem em que foram entrevistadas.

**Tabela 1**

*Data, duração e número de páginas de transcrição das entrevistas*

<b>Participante</b>	<b>Data</b>	<b>Duração da entrevista</b>	<b>Número de páginas de transcrição</b>
Participante 1	24/08/2022	1h 18min	30
Participante 2	01/09/2022	1h 31min	43
Participante 3	08/09/2022	32 min	18
Participante 4	14/09/2022	54 min	26
Participante 5	16/09/2022	1h 04min	30
Participante 6	23/09/2022	1h 14min	32

Participante 7	29/09/2022	58 min	32
Participante 8	03/10/2022	1h 11min	26
Participante 9	13/10/2022	36 min	20
Participante 10	14/10/2022	1h 26min	35
Participante 11	23/10/2022	1h 11min	28
Participante 12	09/11/2022	59 min	28
Participante 13	14/11/2022	36 min	19
Participante 14	02/12/2022	1h 29min	37

Os resultados e discussão foram organizados da seguinte maneira. Inicialmente foram apresentadas tabelas com alguns dados que foram requisitados no início da entrevista de cada participante: i) profissão atual; ii) grau de especialização atual; iii) e se as universidades de formação eram públicas ou privadas. Essas informações foram analisadas de modo a entender sua relação com as variáveis envolvidas no estudo do Feminismo.

Em seguida, foram descritas categorias temáticas baseadas nas perguntas das entrevistas e nas respostas das participantes. Foram realizadas discussões de cada tema articulando as falas das entrevistadas, com o uso de trechos na íntegra das entrevistas, com a literatura da área.

A primeira categoria abordou os contextos em que as entrevistadas entraram em contato com o Feminismo e os fatores que as influenciaram a estudar sobre o tema. O tópico foi dividido em: i) contextos acadêmicos, ii) contextos informais; iii) os contextos específicos da Análise do Comportamento; e iv) pretextos para o estudo do tema<sup>5</sup>. Buscou-se discutir e entender por que esses contextos e essas variáveis facilitaram o contato com o tema, bem como se estudar Feminismo se deu por uma prática institucional ou mesmo da Análise do Comportamento de incentivo ao estudo do tema, ou se foi por iniciativas individuais das participantes.

---

<sup>5</sup> Alguns desses tópicos apresentam subtópicos, sendo eles descritos em cada categoria.

No segundo tópico buscou-se discutir os obstáculos descritos pelas entrevistadas para estudar o Feminismo. Eles foram divididos nas seguintes categorias: i) problemas relacionados ao tema do Feminismo, como o preconceito em relação ao movimento; ii) questões específicas da mulher, como a maternidade, por exemplo; iii) desmonte da ciência; iv) obstáculos específicos da Análise do Comportamento. v) argumentos de que o estudo do Feminismo seria uma moda passageira; e vi) críticas de que o Feminismo seria somente uma militância e que, por isso, prejudicaria a neutralidade científica. Por meio da relação das entrevistas com a literatura, foi demonstrado como esses obstáculos já são descritos por diversas pesquisas, entendendo que, dessa forma, não se configura como empecilhos individuais, mas com o estudo do tema no geral.

No tópico seguinte foi discutido sobre os impactos que os estudos sobre Feminismo tiveram na vida das entrevistadas. Foram destacados: i) impactos positivos de estudar o tema; ii) os impactos negativos decorrentes principalmente dos diversos obstáculos enfrentados para estudar o tema; iii) e os impactos no presente, mostrando se as entrevistadas, a despeito de todas essas variáveis, continuam ou não estudando o tema. Buscou-se entender o quanto os empecilhos para estudar Feminismo afetaram ou ainda afetam as participantes, o que mudou na vida delas por ter tido contato com o tema, se hoje existem mais práticas de incentivo de estudo ao tema na Análise do Comportamento e nas universidades, e se os seus estudos ainda se dão em um contexto acadêmico de forma mais sistematizada.

O próximo tópico foi dedicado à discussão sobre a importância da rede de apoio para essas participantes. Esse fator foi debatido utilizando a descrição que as entrevistadas fizeram do Coletivo Marias e Amélias, das quais várias delas fizeram parte, e a literatura sobre o tema. Foram descritos diversos trechos das entrevistas que mostraram a trajetória do coletivo e como ele foi importante como rede de apoio e comunidade verbal para essas mulheres,

possibilitando tanto que elas se dedicassem ao tema, quanto que não desistissem dos seus estudos perante os obstáculos enfrentados.

No tópico seguinte discutiu-se as inspirações para os estudos das entrevistadas e quais temas ainda podem e devem ser explorados. Foi descrito brevemente quais os principais assuntos abordados pelas autoras e autores citados e de que tratam os textos descritos pelas entrevistadas como importantes para as suas pesquisas.

Também foi discutido sobre a importância dos estudos sobre Feminismo e questões sociais no contexto da Análise do Comportamento. Foi debatido as principais razões mencionadas pelas entrevistadas para continuar estudando os temas, sendo dividido em dois tópicos: i) a necessidade de uma ciência comprometida com questões sociais; e ii) a importância de uma prática responsável socialmente. Dessa forma, buscou-se entender o porquê é tão necessário que os estudos sobre o Feminismo e questões sociais continuem sendo realizados na Análise do Comportamento.

Por fim, o último tópico foi destinado à discussão sobre a possibilidade de um futuro das pesquisas sobre Feminismo na Análise do Comportamento. Foi discutido pontos como: i) a necessidade de mais representatividade feminina na área; ii) a importância do investimento em debates sobre o tema; iii) a necessidade de defender o ensino público; iv) a importância de disseminar o conhecimento produzido na academia; v) como o estudo do Feminismo precisa se tornar uma prática consolidada na Análise do Comportamento; vi) a necessidade de a Análise do Comportamento estudar a si mesma; e vii) como a teoria pode atuar para auxiliar no controle de práticas opressoras e no planejamento de uma cultura com relações mais igualitárias.

#### **4.1 Perfil das entrevistadas**

A primeira informação solicitada às entrevistadas foi a área de atuação atual. Os resultados estão descritos na seguinte tabela:

**Tabela 2**

*Áreas de atuação atuais das participantes<sup>6</sup>*

<b>Área de atuação</b>	<b>Número de participantes</b>
Psicologia clínica	12
Docência	3
ABA	2
Outras áreas	1

Pode-se perceber que grande parte das participantes seguiu a área clínica e um número reduzido está na academia. Silva e Fermoseli (2020) já mostram como, desde o início da regulamentação da Psicologia, a clínica prevalece como área de atuação mais popular e mais escolhida pelos profissionais, o que parece acontecer até hoje. Uma pesquisa realizada pelos autores com 232 alunos de uma instituição de ensino superior mostra como a clínica não só foi a principal escolha dos estudantes como futura área de atuação, como também foi a que eles mais haviam ouvido falar antes de entrar na universidade. Comparando a área acadêmica/docência com a clínica, o contexto clínico foi citado 104 vezes como área de escolha, e a docência apenas duas vezes. Além disso, 87,93% dos alunos tinham ouvido falar de clínica, e menos de 6,47% da academia/docência.

As entrevistadas citaram diversas vezes sobre a dificuldade da vida acadêmica, abordando acerca da desvalorização da ciência, contingências aversivas no contexto universitário, como a cobrança de prazos e produtividade, e a falta de apoio institucional, especialmente no âmbito financeiro. Ao mesmo tempo, na área clínica bastaria a(o)

<sup>6</sup> Algumas participantes trabalham em mais de uma área.

psicóloga(o) se dispor a atender, que conseguiria clientes mais facilmente, não dependendo, portanto, de apoio institucional.

Outro dado solicitado às participantes foi o grau de especialização atual. Os resultados estão apresentados na tabela seguinte:

**Tabela 3**

*Grau de especialização das participantes<sup>7</sup>*

<b>Grau de especialização</b>	<b>Quantidade</b>
Superior completo	1
Mestrado	4
Doutorado em andamento	4
Doutorado	3
Pós-doutorado em andamento	1
Pós-doutorado	1

Com esses números foi possível perceber que a realização de uma pós-graduação é algo recorrente, tendo a maioria das entrevistadas feito pelo menos mestrado. Esse dado também se mostra em uma pesquisa realizada por Landinho (2019) com participantes de um movimento feminista de Palmas-TO. A autora descreveu como todas elas tinham titularidade mínima de mestras, o que indicaria como estão em um contexto privilegiado para seus estudos, tanto em relação ao trabalho que executam, quanto à formação que possuem.

É importante destacar esses dados especialmente considerando a discussão trazida por Laurenti et al. (2019) em sua pesquisa, a qual constatou que quanto maior o grau de formação acadêmica, de graduação para mestrado, doutorado e pós-doutorado em Psicologia, menor a participação de mulheres. Por isso, mostra-se importante incentivar a participação das mulheres no contexto acadêmico, especialmente na pós-graduação. Além disso, como já demonstra Rago (1998), historicamente, quando as mulheres se inseriram no contexto

<sup>7</sup> Foi incluído como grau de especialização somente graduação e pós-graduação *stricto sensu*.

acadêmico, passaram a desenvolver pesquisas sobre temas relacionados à mulher, os quais antes eram ignorados pelos pesquisadores homens, maioria nas universidades. Esse dado enfatiza, então, a importância da presença e permanência das mulheres no contexto acadêmico.

Também foi investigado se a universidade na qual as participantes fizeram sua graduação e/ou pós-graduação eram particulares ou públicas. Essa informação está descrita na tabela seguinte:

**Tabela 4**

*Relação do tipo de instituição de formação das entrevistadas*

<b>Especialização</b>	<b>Universidade pública</b>	<b>Universidade privada</b>
Graduação	12	2
Mestrado	12	1
Doutorado	9	0
Pós-doutorado	2	0

Os dados mostram como a maioria fez sua graduação e especializações em universidades públicas. De acordo com Fernandes et al. (2013), as universidades públicas devem evitar uma formação puramente técnica que reproduz um sistema dominante que busca unicamente produtividade e eficiência econômica. Para os autores, seria necessário formar cada vez mais cientistas críticos e responsáveis socialmente, capazes de questionar o próprio conhecimento científico produzido e as questões relacionadas à sociedade no geral. Nesse sentido, é possível fazer uma relação entre o fato de essas participantes estudarem e terem envolvimento com questões sociais e terem estudado em universidades públicas, as quais tenderiam, então, a apresentar e incentivar mais esses debates.

Após compreender melhor, então, esses dados, serão apresentados a seguir os demais temas trazidos pelas entrevistadas, dialogando com a literatura e descrevendo trechos das entrevistas para elucidar alguns pontos importantes para o objetivo do trabalho.

## **4.2 Por que o Feminismo? Contextos e pretextos**

Neste tópico o foco será os contextos em que as entrevistadas entraram em contato com o movimento feminista e o Feminismo com a Análise do Comportamento, bem como os motivos iniciais relatados por elas que presumivelmente as influenciaram a estudar o tema. Os contextos serão divididos entre acadêmicos, informais, e aqueles específicos da Análise do Comportamento.

### **4.2.1 Contextos acadêmicos gerais**

Sete entrevistadas relataram ter entrado em contato com o Feminismo no contexto acadêmico. Foram incluídos os movimentos estudantis (2), os coletivos feministas na universidade (2), os grupos de extensão (1) e também o ensino médio (3). Também foram citados pelas entrevistadas o acesso por palestras e textos (1) e no estágio em clínica da universidade (1), sendo dois contextos que serão melhor abordados em outros tópicos.

#### **4.2.1.1 Movimento estudantil**

De acordo com Mesquita (2001), o movimento estudantil nos contextos latino-americanos sempre foi muito ativo, apresentando posicionamentos políticos e reivindicações em momentos muito importantes para a história do Brasil, como a ditadura militar, por



exemplo. Hoje ainda exerce um papel importante no desenvolvimento de ações e na conquista de direitos dos estudantes secundaristas, trabalhando em conjunto com outros grupos e movimentos sociais.

Santos (2020) afirma que as mulheres sempre se mostraram muito presentes nesses contextos. Um exemplo foram as ocupações de escolas, universidades e institutos brasileiros que ocorreram em 2015 após uma tentativa de reformulação do ensino médio por parte do governo. Esse movimento ficou conhecido como “Primavera Feminista” devido à grande presença feminina nessas ocupações. De acordo com a autora, nesse momento o movimento estudantil vai ao encontro de ideais dos movimentos feministas, mostrando o caráter juvenil do Feminismo da época e destacando a importância da participação das mulheres em locais de poder. A autora afirma que foi criado até mesmo um filme/documentário denominado “Lute como uma Menina” (2016), relatando a atuação feminina nesses contextos de militância estudantil.

Uma entrevistada relata sua experiência com o movimento estudantil, o qual possibilitou que ela nomeasse como Feminismo algo que já vinha se questionando há muito tempo. Segundo ela:

*O movimento feminista acadêmico foi na universidade, só que eu venho de uma família que eu tive uma criação muito forte de estimular os estudos e estimular a independência. Eu só não sabia que isso tinha um nome. Foi na graduação que eu tive contato com, dentro do movimento estudantil, com pautas sobre o Feminismo e afins, e aí foi aprender que tinha um nome em específico.<sup>8</sup>*

---

<sup>8</sup> Os trechos das entrevistas serão descritos em itálico a fim de facilitar a distinção das citações trazidas da literatura.

De acordo com Maria e Ozório, (2017), a despeito da importância histórica dos movimentos estudantis, eles tiveram sua estrutura modificada nos últimos anos com a ascensão de coletivos, os quais não apresentam hierarquias, mandatos ou eleições. Esses coletivos serão explorados a seguir.

#### **4.2.1.2 Coletivos feministas**

Segundo Maria e Ozório (2017), desde o início do movimento feminista, em 1960, as mulheres vêm se unindo em grupos para discutirem tópicos relacionados ao mundo feminino, abordando especialmente questões de desigualdade de direitos e a divisão desigual de papéis entre homens e mulheres. Porém, a despeito do avanço nos direitos conquistados, as mulheres precisam constantemente lembrá-los, lutando para manter o que já foi alcançado e buscando outros direitos que ainda não foram contemplados. Esse seria um dos papéis, então, dos coletivos. Seriam locais de cooperação e apoio, um contexto de luta conjunta, em que todas se beneficiam dos resultados das reivindicações.

Amaral e Naves (2020) também destacam o papel desse contexto para estabelecer um espaço de compartilhamento, diálogo e apoio no reconhecimento e no enfrentamento de opressões de gênero nas universidades. Segundo as autoras, os coletivos têm buscado incentivar a inclusão de debates feministas em disciplinas e a promoção de mais eventos sobre o tema. Atuam no questionamento do tipo de conhecimento produzido e sua finalidade, inserindo também diversas experiências e conceitos não muito abordados pela universidade no geral.

Pontes (2020) afirma que as demandas dos coletivos feministas vêm de diferentes mulheres que frequentam as universidades, possibilitando não só um empoderamento feminino por meio de um conhecimento social, político e científico, mas também promovendo

um local de reflexões e questionamentos sobre questões de raça, classe e gênero, se tornando um lugar de fala e escuta. Na pesquisa realizada pela autora, o coletivo feminista também se mostrou como um dos primeiros locais de contato das universitárias com o movimento feminista, o que reafirma a importância desse contexto também destacado neste trabalho.

Os coletivos também buscam chamar a atenção para casos de violência, misoginia e machismo no contexto das universidades, defendendo a importância de mais denúncias, bem como a institucionalização de canais para tal, oferecendo, também, apoio às vítimas (Amaral & Naves, 2020; Lisboa, 2017). Uma entrevistada destacou esse ponto quando relatou sobre sua participação em um coletivo: “. . . *basicamente inicialmente eram ações de apoio a uma aluna de outro curso, de outro departamento, que tava acusando um professor de assédio. E aí depois eu segui ainda nesse coletivo fazendo, sendo voluntariada para fazer acolhimento*”.

A despeito da sua importância, Amaral e Naves (2020) destacam como esses coletivos ainda têm que lidar com o silenciamento das mulheres na academia, o que faz com que as militantes precisem se reinventar quando esbarram nesses impasses. Por esse motivo, as autoras defendem a necessidade de sempre continuar investindo nesses espaços e promovendo um apoio entre as mulheres.

#### **4.2.1.3 Grupos de extensão**

Em relação aos grupos de extensão, segundo Delgado (2011) eles são formados por um coletivo de pessoas que compartilham de interesses semelhantes. Buscam a resolução de algum problema e têm como objetivo realizar uma transformação consciente do meio, não só no contexto da universidade, mas também fora dela, promovendo uma interação da academia com a comunidade.

Moreira e Martins (2022) descrevem a experiência de um grupo de extensão realizado por elas com estudantes de graduação, pós-graduação e outros participantes não acadêmicos de várias regiões do país. O projeto contou com encontros em formato remoto, no qual eram realizadas discussões de textos que tratavam de temas discutidos pelo movimento feminista. Segundo as autoras, o objetivo seria promover um letramento dessas pessoas em relação ao movimento feminista e uma maior conscientização sobre as relações de gênero, buscando formar um público mais interessado em estudar sobre esses temas. Foi descrito como essa experiência foi muito válida, tanto para as pesquisadoras quanto para as(os) participantes.

A entrevistada que relatou a participação em um grupo de extensão teve uma experiência semelhante, com iniciativas e práticas relacionadas a gênero. Portanto, entende-se que esse tipo de contexto é muito importante no ambiente acadêmico, já que permite uma troca de experiências e um apoio entre colegas universitárias.

#### **4.2.1.4 Ensino médio**

Segundo Franco (2022), o período do ensino médio é a etapa final da formação básica, a qual possibilita que a(o) aluna(o) exerça sua cidadania e progrida nos seus estudos. Dessa forma, pode ser um contexto propício para discussões de pautas feministas. É o que realiza a autora em seu trabalho, a qual faz rodas de conversas com meninas do ensino médio, entre 17 e 20 anos, sobre temas como interseccionalidades, Feminismo, e percepção das mulheres sobre o movimento antes e depois das atividades. Franco (2022) discorre sobre o sucesso da intervenção, já que houve uma participação ativa e interessada por parte das participantes. Destaca a importância de trazer essas pautas para a educação básica e afirma:

. . . pode-se considerar determinante o papel da educação de forma crítica, emancipatória como importante ferramenta para reter o avanço de pautas conservadoras, bem como se faz necessário diálogo com os movimentos para reforçar as teorias feministas e de construção de sociedades com equidade, com respeito e aceitação da diferença, de defesa dos direitos humanos. A ferramenta da educação popular aliada a um ensino que se utiliza de metodologia que instiga a criticidade, a formação de opinião é importante para avançar com pautas progressistas. (Franco, 2022, p. 55)

É importante salientar que o trabalho das autoras citadas acima foi realizado em uma disciplina de Sociologia. Da mesma forma, algumas entrevistadas que relataram ter tido contato com o Feminismo primeiramente no Ensino Médio disseram ter visto em uma disciplina, no caso, História. Conforme uma delas:

*Com o movimento em si acredito que no ensino médio. Por volta do ensino médio eu já tinha uma ideia sobre o Feminismo. Não estudando necessariamente os movimentos em si, a questão das ondas feministas, mas eu já sabia alguns conceitos do que seria as bases assim, já tinha mais ou menos desde a época do ensino médio . . . principalmente professoras de história.*

Isso demonstra, então, como é possível inserir essas discussões nos currículos acadêmicos.

Uma das participantes destacou também que mulheres da Marcha das Vadias foram à sua escola conversar sobre o tema. Ela relata:

*Mas a primeira vez que eu me lembro de terem me apresentado o Feminismo eu estava no ensino médio, e foram mulheres da Marcha das Vadias que foram lá na escola . . . E aí teve uma vez que essas mulheres foram lá, e aí eu me interessei e conheci, né. Então elas têm uma perspectiva de Feminismo mais liberal assim, né, mas foi a primeira vez que eu falei “nossa então será que eu também sou feminista?”.*

Segundo Galetti (2014), esse movimento adota o termo “vadia” com o objetivo de se voltar contra o mito de culpa das mulheres por serem agredidas devido à exposição dos seus corpos ou sexualidade. Reivindicam a liberdade da mulher sobre o seu corpo e o seu direito à segurança, chamando a atenção para a violência sofrida pelas mulheres. Portanto, é um movimento importante para as discussões de desigualdade de gênero e foi um dos meios encontrados para levar essas discussões até as escolas, destacando-se, então, como o movimento feminista pode se inserir nesses contextos.

Silva e Bianchi (2018) discutem como se vive em um tempo em que tratar de gênero no ensino básico pode ser até mesmo perigoso, considerando a presença de movimentos conservadores na política, o que por vezes compromete até mesmo a laicidade do Estado e a liberdade de expressão, aumentando o preconceito e a intolerância. Em seu trabalho com participantes de escolas públicas da zona urbana de Chapecó, as autoras chegaram à conclusão de que as escolas não contribuíam de forma significativa com as discussões sobre gênero, já que as participantes relataram estudar sobre o tema apenas no dia da mulher e de uma forma mais superficial e estereotipada. Apesar disso, as estudantes tinham certo conhecimento sobre essas discussões, especialmente por passarem por situações de machismo no dia a dia.

#### **4.2.2 Contextos informais**

A despeito de grande parte das entrevistadas terem relatado ter tido o primeiro contato com o movimento feminista no contexto universitário, outras citaram ambientes mais informais. Um deles foi o movimento feminista da respectiva cidade (1), o qual já teve sua importância destacada no restante do trabalho. Também foi citada a mídia (1) e a internet (2), modelos de igualdade de gênero no contexto familiar (3), seja por mulheres na família que chamavam a atenção para essas questões (2), ou pais que tinham uma relação mais igualitária entre si (1), e participantes que se questionavam desde cedo sobre a desigualdade de gênero (2).

#### **4.2.2.1 Internet e mídia**

Segundo Silva et al. (2021), contextos como a Internet como meio da disseminação do Feminismo fazem parte da quarta onda do movimento feminista, no âmbito do chamado ciberfeminismo. Essa onda teria surgido 2010 e teria como característica o crescimento do ativismo virtual, ou ciberativismo, destacando uma variedade de feminismos e abordando a concepção de interseccionalidade. Esses grupos fariam mobilizações e se organizariam principalmente pelas redes sociais, disseminando informações, promovendo estratégias e transmitindo conhecimento sobre as intervenções contra a LGBTfobia, o racismo, homofobia e lesbofobia.

A despeito de não haver um consenso sobre a existência da quarta onda (Silva et al., 2021), é possível perceber em alguns relatos das entrevistadas como as redes sociais foram utilizadas para disseminar informações sobre o movimento feminista. Uma das participantes afirma:

*Eu comecei a me interessar pelo Feminismo nos idos de 2013 assim, que eu acho que foi bem a época no qual teve uma grande assim, né, não sei se uma onda... mas assim, na internet no Brasil eu lembro que começou a ter muita movimentação relacionada ao movimento feminista, principalmente por blogs feministas, escritoras né. Assim, algumas pesquisadoras, outras apenas escritoras mesmo ali que escreviam sobre a sua própria experiência sobre o Feminismo, falavam de Feminismo. Eu lembro que teve um boom disso na época e eu comecei a me interessar por aí assim, principalmente por contato pela internet.*

Um evento que foi marcante no Brasil e que só foi possível pelo uso das redes sociais foi a campanha online com a *hashtag* #PrimeiroAssedio. Esse movimento começou depois que uma participante do programa “Masterchef” de 12 anos sofreu casos de assédio na rede social *Twitter*, com dezenas de comentários com apologia ao estupro sendo direcionados à jovem. Nesse período, o projeto feminista *Think Olga* solicitou que as mulheres compartilhassem suas histórias por meio da *hashtag*. Em quatro dias já havia cerca de 82 mil *tweets*, sendo a maioria sobre assédio sexual e com vítimas com idade de 9 e 7 anos (Santini et al., 2017).

Sousa e Araújo (2018) também citam diversos contextos no âmbito da Internet que foram utilizados para debater pautas de desigualdades de gênero e promover ações. Algumas são as *hashtags* #agoraéquesãoelas, #meuamigosecreto, #mexeucumamexeucumtodas, #elenão e a já citada #primeiroassedio; os blogs e páginas de mobilização feminista como “Mulheres unidas contra Bolsonaro”, “Movimento Vamos Juntas” e o também já citado “*Think Olga*”; e algumas youtubers feministas como Julia Tolezano, criadora do “JoutJout Prazer”, Gabi Oliveira do canal “Gabi das Pretas”, e Maíra Medeiros, a qual comanda o canal “Nunca te pedi nada”.



Santini et al. (2017) discutem se uma atuação *online* coletiva poderia ser considerada como parte ou como sendo o próprio movimento social. As autoras concluem que sim, desde que tenha como finalidade uma transformação social, e não somente histórica. Essas ações coletivas na Internet marcariam, então, um fortalecimento do movimento feminista, possibilitando a união de sujeitos separados geograficamente. No entanto, as autoras chamam a atenção para o fato de que o uso das redes pode funcionar como gatilho para a ascensão de qualquer movimento, inclusive dos movimentos machistas ou racistas.

No que diz respeito à mídia, Oliveira (2018) já destaca como ela pode ser considerada uma agência de controle, a qual influencia o comportamento dos indivíduos por meio das informações divulgadas. No entanto, nem sempre essas informações são fiéis aos acontecimentos, podendo influenciar a visão dos indivíduos diante de algum fenômeno a depender da forma como retrata o fato. A autora faz uma análise das notícias sobre violência contra a mulher, encontrando dados sobre como essa agência de controle pode controlar o conteúdo que é transmitido.

A entrevistada que citou a mídia relata: “... *quando eu vi assim na TV e tal, parecia um pouco ‘ai gente, também essas mulheres estão muito mimizentas assim’, sabe*”. Isso mostra como a mídia retratou o movimento feminista por viés pejorativo.

#### **4.2.2.2 Modelos familiares e questionamentos prévios**

Segundo Botton et al. (2015), muitos valores e crenças são passados de geração para geração pelos(as) familiares do indivíduo, os quais são seu modelo de identificação. Nesse contexto, valores relacionados aos papéis de gênero também são transmitidos, sendo as crianças ensinadas desde muito cedo o que significa ser do gênero feminino e masculino na sociedade, quais comportamentos devem ter, quais cores devem usar, com que brinquedos

devem brincar, se irão permanecer mais no âmbito privado ou público. De uma perspectiva analítico-comportamental, pode-se afirmar que os pais modelam os comportamentos de meninos e meninas, reforçando diferencialmente seus comportamentos conforme o que é esperado de seu gênero. Segundo Fontana e Laurenti (2020), essa prática faria parte, então, de uma cultura de violência simbólica, sendo que a família, enquanto uma agência de controle educacional (Skinner, 1953/2003), teria o poder de manipular as contingências de forma a atribuir às meninas a tarefas de cuidado, por exemplo, e favorecer o desenvolvimento de repertórios dos meninos.

Da mesma forma, é possível que a família estabeleça contingências que demonstrem a importância de relações mais igualitárias, não realizando esse processo de reforçamento diferencial. Esse fator seria significativo considerando que, como destacam Botton e Strey (2018), a exposição das crianças às contingências de igualdade de gênero por parte dos seus familiares desde cedo pode fazer com que essas continuem colocando em prática o que aprenderam depois de adultos, questionando-se mais facilmente sobre questões de desigualdade de gênero e submissão feminina. É o caso das entrevistadas, as quais descreveram ter tido modelos familiares de relações de gênero mais igualitárias e posturas de independência e empoderamento feminino. Uma das entrevistadas relata como isso acontecia com sua mãe:

*. . . e aí ela falava né, assim, somos todas feministas, mas eu não entendia o que que era isso, né, eu só entendia que eu teria que ter a minha vida, que eu não posso depender de nenhum homem, financeiramente ou de qualquer outra forma, e isso ela falava muito né, e ela falava que se a gente tivesse qualquer tipo de relacionamento com qualquer homem, né, as nossas vontades e objetivos deveriam ser seguidos, né,*

*trilhados, e não simplesmente esquecidos por uma relação que não nos desse espaço. Então a gente cresceu muito com isso.*

Botton e Strey (2018) destacam, então, a importância da educação familiar sobre a igualdade de gênero. Segundo as autoras:

Nessa perspectiva, como parte do aprendizado humano se dá através da identificação parental e da socialização de gênero, pode-se entender a importância das crianças serem educadas de forma não sexista, tendo contato com discursos e exemplos capazes de empoderar meninas e sensibilizar meninos e meninas para as questões da igualdade de gênero, sempre considerando sua idade, maturidade cognitiva e a capacidade de compreensão em cada etapa do desenvolvimento. (Botton & Strey, 2018, p. 60)

Também houve relatos de participantes que já tinham esses questionamentos desde cedo, mas que não sabiam que aquilo se denominava Feminismo. Segundo uma delas:

*. . . informalmente eu diria que antes, que eu nem sabia nomear como Feminismo talvez, né, que já participava de algumas ações, já tinha algumas inquietações que hoje dá pra gente classificar como feministas né, mas que na época ainda era uma coisa que eu não entendia muito bem, não sabia muito bem do que se tratava.*

Porém, entrando em contato com o Feminismo na universidade de uma forma mais sistematizada, outra entrevistada afirmou ter conseguido nomear melhor esses questionamentos. Conforme ela:

*. . . e depois, quando eu fui para a universidade na verdade né, na graduação, que a gente já começa a perceber várias coisas, a gente começa a aprender sobre Psicologia, né, sobre cultura, sobre diferenças de gênero, e aí a gente vai olhando, né, para a filosofia, vai olhando para muitas histórias de mulheres, né, que tiveram suas vidas e suas carreiras muitas vezes invisibilizadas, e aí você começa a entrar mais em contato e você começa a dar o nome e falar “ah, espera aí, deixa eu olhar pro movimento feminista”, né, “o que que é isso?”. Aí você vê que é uma coisa grande né, não é apenas uma questão de modelo em casa só.*

Esse tipo de relato surge até como uma das motivações para estudar Feminismo. Uma das participantes afirma:

*Eu sempre me interessei por igualdade nas relações. Isso é uma coisa que eu tenho lembrança ali tipo com 13 anos de idade, de eu me interessar e me preocupar com isso e me preocupar que as relações fossem igualitárias de maneira geral.*

Isso leva à hipótese de que talvez essas participantes também tenham sido expostas a contingências de igualdade de gênero na infância, contribuindo para que se dedicassem, depois de adultas, ao tema.

#### **4.2.3 Contextos analítico-comportamentais**

No que diz respeito ao contato com o Feminismo relacionado à Análise do Comportamento, foram citados tanto contextos acadêmicos quanto fora da academia. Na universidade foi mencionado o momento da realização do mestrado (3) e do trabalho de

conclusão de curso (TCC) (1), dado que comprova o argumento destacado por Narvaz e Koller (2007) de que muitas vezes as pautas feministas se restringem aos contextos de pós-graduação e em contextos de pesquisa, não ensino.

Fora do ambiente acadêmico, foram citados encontros de Análise do Comportamento (4), especialmente a ABPMC (Associação Brasileira de Ciências do Comportamento), por grupos de *Facebook* de analistas do comportamento (1), como o “Feminismo e Análise do Comportamento - *Thinktank*”, e por outras mulheres (4), seja outras professoras que estudavam o tema (1), ou colegas que discutiam sobre o assunto (3), tendo esse contato inclusive como forma de organizar o Coletivo Marias e Amélias (2). Além disso, outras relataram que desde que se depararam com o Feminismo já começaram a interpretar por um viés analítico-comportamental (3).

#### **4.2.3.1 Encontros de Análise do Comportamento**

De acordo com Couto e Dittrich (2017), a despeito da escassez de publicações em português sobre temas relacionados com o Feminismo, tem crescido no Brasil o número de encontros acadêmicos nos quais se aborda esse tipo de discussão. Segundo os autores, nos congressos de 2015 e 2016 da ABPMC houve grupos de interesse específicos sobre o Feminismo e estudos das mulheres, tendo uma alta participação de estudantes de graduação, pós-graduação e profissionais. Os contextos foram promovidos especialmente pelo Coletivo Feminista Marias e Amélias de Mulheres Analistas do Comportamento, tendo a finalidade de incentivar o debate entre mulheres que se interessam pelo tema. Além disso, também é possível encontrar na página do *Facebook* do Coletivo (2015) uma publicação sobre a ABPMC de 2017, a qual também apresentou diversos grupos de interesse sobre o tema.

Apesar da importância desses eventos, algumas entrevistadas relataram como um problema o fato de que muitas vezes essas discussões aparecem como um bônus nos congressos, ou são colocados em horários não muito favoráveis. Uma delas relata:

*. . . que às vezes a gente vê que as pessoas “ah, eu tô, tá aqui a minha iniciativa, coloquei a discussão do Feminismo aqui, vai ser domingo . . . oito da manhã”. Aí você fala “ah, é sério que você pensou nisso daqui?”, né . . . E aí ao mesmo tempo tem os outros horários que assim, dez palestras diferentes. E aí eles colocam uma lá do Feminismo, da diversidade. Querido, se a gente tá fomentando, então vamos articular e colocar aqui duas, por exemplo. Ah, tem essa e tem essa, ou uma só. Idealmente seria uma na minha cabeça . . . Então assim, tem os momentos que é bacana e tem os momentos que assim, você percebe que é a estratégia para o local ali se passar por “ah, a gente apoia a diversidade pessoa”. Mas não, a pessoa tá o que, tá se esquivando de fazer aquilo.*

Portanto, a entrevistada mostra a importância de, não só ter essas discussões nesses encontros, mas também priorizá-las.

#### **4.2.3.2 Grupos de *Facebook***

Grupos de *Facebook* também podem ser considerados como um contexto de transmissão de conhecimento sobre o Feminismo pela quarta onda do Feminismo, o ciberfeminismo. Como já descrito, Silva et al. (2021) afirmam que não há consenso sobre a existência da quarta onda, porém, entrevistadas relataram ter entrado em contato com o movimento por meio dessa rede. Uma delas afirma:

*Antes eu tinha tido contato com um grupo de Facebook que um amigo me adicionou que era de Thinktank de Feminismo. O nome do grupo era “Feminismo e Análise do Comportamento - Thinktank”. E aí eu entrei nesse grupo e falei “olha, que legal, tem gente no Brasil falando disso”.*

Linhares e Laurenti (2018) realizaram uma pesquisa documental sobre dominação masculina utilizando uma página do *Facebook* denominada “Meu professor abusador”. Por meio desse material as pesquisadoras obtiveram informações sobre as contingências de abuso entre professores e alunas no contexto universitário, entendendo fatores como as topografias socialmente aceitas do comportamento abusivo, se há um abusador típico, sobre o caráter gradual da mudança da topografia do comportamento abusivo, dos reforçadores e punidores utilizados por esses professores no contexto acadêmico, os efeitos dos abusos para as alunas, e os comportamentos das alunas e seus efeitos no comportamento abusivo dos professores. Portanto, se mostrou um material válido para uma pesquisa sobre dominação masculina, tema também abordado pelo Feminismo.

#### **4.2.3.3 Interpretar o Feminismo por um viés analítico-comportamental**

Como já mencionado anteriormente, o número de estudos sobre a interface entre o Feminismo e a Análise do Comportamento vem crescendo nos últimos anos (Pinheiro & Mizael, 2019). Nesse contexto, percebe-se que inúmeros conceitos e concepções da teoria estão sendo utilizados para discutir tanto questões feministas, como questões sociais no geral. Dois exemplos são o estudo de metacontingências e macrocontingências envolvidas em práticas de gênero, realizado por Ferraz et al. (2019), e a pesquisa realizada por Mizael e de

Rose (2017), os quais utilizam de concepções como comportamento verbal, equivalência de estímulos, Teoria das molduras relacionais (RFT), e transferência e transformações de funções para explicar o preconceito racial por um viés analítico-comportamental.

Uma entrevistada relata como já via os fenômenos relacionados ao Feminismo por um viés analítico-comportamental, já que consegue relacionar os conceitos da teoria com as pautas feministas. Segundo ela:

*Eu sempre falei que assim, a Análise do Comportamento tem sido uma ferramenta para estudar questões sociais. Então com relação ao Feminismo é a mesma coisa. Então eu não vou olhar a princípio algum tipo de processo comportamental, ou, ai, eu vou usar metacontingência, ou eu vou usar equivalência para entender isso. Eu leio sobre e eu vou tentando interpretar na minha cabeça a partir do referencial que eu escolhi adotar.*

Além disso, outra entrevistada ainda afirma como sempre busca reunir o estudo da Análise do Comportamento com as questões sociais, como o Feminismo, por exemplo. Segundo ela:

*. . . eu fui estrategicamente pensar em um projeto que eu conseguisse juntar as duas coisas, para eu não ter a desculpa de que assim “ah, eu tenho isso, mas eu tenho que fazer, né, eu quero fazer isso também”. Então assim, eu acho que é uma maneira de eu continuar tendo contato, e também conseguir manter as minhas responsabilidades acadêmico/profissionais.*



Dessa forma, percebe-se como é possível utilizar diversas concepções da Análise do Comportamento para debater pautas levantadas pelo Feminismo.

#### **4.2.4 Pretextos**

Diversas foram os fatores descritos pelas participantes que influenciaram seu comportamento de estudar o Feminismo na Análise do Comportamento. Algumas citaram motivações relacionadas a questões pessoais, como ter passado por experiências que as tornaram mais sensíveis a essas contingências (6), estar inserida em contextos predominantemente masculinos (1), e ver o impacto social do movimento feminista (1). Também foi citado ter achado necessário estudar questões feministas como embasamento teórico, tanto para a prática (4), quanto para embasar argumentos contra a desigualdade de gênero (1), e por questões relacionadas especificamente com a Análise do Comportamento, como preencher a lacuna de estudos em questões sociais (2), vislumbrar a potencialidade da teoria em estudar esses temas (3) e devido à importância de autoras(es) na área (1).

##### **4.2.4.1 Questões pessoais**

Estar mais atenta(o) a variáveis de gênero por conta de experiências pessoais já é algo abordado pela literatura. Tanto Teixeira e Ferreira (2010) quanto Landinho (2019) trazem em suas pesquisas como esse fator pode ter grande influência no interesse de mulheres de discutir sobre Feminismo. Além disso, tanto Silva e Bianchi (2018) quanto Franco (2022) relatam como foi importante para as suas intervenções no ensino médio a troca de vivência das alunas, as quais passaram por diversas situações de machismo e puderam compartilhá-las e discutí-las. Uma das entrevistadas relata como começou a estudar nesse sentido:

*Então foi sim, um motivo mais pessoal mesmo assim. Aí eu aprendi sobre isso, eu queria me proteger, me controlar, aquela coisa bem de analista do comportamento, que a gente não está na área à toa, a gente gosta de controlar, de prever as variáveis e tal ali. Então eu quis aprender pra me proteger um pouquinho, né.*

Além disso, uma das entrevistadas que informou ter tido influência de experiências pessoais relata como não só estudou para se instrumentalizar e não passar mais por aquelas situações, mas ajudar outras pessoas em condições semelhantes. Segundo ela: “. . . desde que eu comecei a me identificar como uma pessoa feminista e tal, eu sempre achei importante lutar por isso, não só por mim, mas por todo mundo, por todas as mulheres”.

Nesse sentido, pode-se destacar a concepção de sororidade. Apesar de ser um conceito que atualmente tem sido deturpado e relacionado com aspectos que estão a favor da dominação masculina, ou como algo inato da mulher, destaca-se, nesse caso, o uso político do conceito, na medida em que se refere à união e luta das mulheres contra problemas da sociedade patriarcal (Mendes & Fontana, 2021). Isso se mostra, então, em relatos de participantes que estudam o tema não só para se instrumentalizar e ajudar a si mesmas, mas para ajudar outras mulheres em situações semelhantes.

Houve também o relato de uma entrevistada que buscou estudar ainda mais o Feminismo por conta dos seus temas de estudo e de trabalho, que são predominantemente dominados por homens. Ela afirma como era questionada frequentemente: “. . . eu comecei a ser chamada para falar sobre isso publicamente e eu passei por situações onde claramente eu estava sendo invalidada por eu ser mulher”. Por conta disso, a participante relatou que nunca mais conseguiu separar suas atividades acadêmicas e profissionais das discussões feministas.

Esse aspecto chama a atenção para a dificuldade que as mulheres ainda têm para se inserir em profissões consideradas masculinas. Segundo Fontana (2019), as mulheres geralmente são mais representadas em áreas do cuidado e ensino, com as posições de chefia ocupadas por homens e as de subalternas (como enfermeiras, secretárias) ocupadas por mulheres. Destinam-se cargos como psicólogas, dentistas e médicas para o público feminino, profissões essas que exigem mais afeto e cuidado, e para os homens cargos como policiais, militares e diretores de escola, com exigência de racionalidade e força. Portanto, nesses casos as mulheres precisam lidar com diversos impasses ao tentar adentrar em profissões consideradas como masculinas, como é o caso da participante.

Por fim, uma das entrevistadas relatou que o impacto social que a luta feminista tem na sociedade foi um dos fatores que a influenciou a se dedicar mais aos estudos. Nas palavras dela:

*. . . a luta feminista . . . ela tem um impacto social muito grande assim. Porque as mulheres, quando elas ganham poder, elas puxam todo mundo pra cima . . . As mulheres que fazem greve elas vão lá e pedem escola, creche, melhor saúde. Então, e tem dados sobre isso, quando as mulheres vão e fazem movimentos, a sociedade inteira se mexe.*

Esse fator se mostrou presente, por exemplo, na denominada “Primavera Feminista”, destacada anteriormente. Esse foi um movimento em que o Feminismo marcou presença e reivindicou não somente mais igualdade entre os gêneros ou pautas mais comuns ao Feminismo, mas também uma educação de qualidade (Santos, 2020).

#### **4.2.4.2 Embasamento teórico**

Autoras como Pinheiro e Oshiro (2019) e Costa (2019) demonstram a importância de haver um embasamento teórico para uma prática voltada a mulheres, nesse caso, na prática clínica. Esse foi o principal contexto que as entrevistadas relataram ter sentido a necessidade de se instrumentalizar teoricamente. Uma das participantes destaca:

*. . . veio muito por conta da prática profissional né. Eu trabalho como terapeuta já há 10 anos e ao longo desses 10 anos eu atendi, assim, diversos casos de mulheres que estavam sendo oprimidas . . . Então eu acho que foi essa angústia assim, né, de ver o quanto isso tá presente, eu acho que eu arrisco dizer, no atendimento de todas as mulheres.*

Isso mostra a preocupação com o estudo de questões relacionadas às mulheres no contexto clínico, já que essas geralmente irão trazer situações específicas de sofrimento psíquico resultado da desigualdade de gênero.

Ao mesmo tempo, a falta dessa preocupação pode ser extremamente danosa para a mulher, fato que é trazido por outra entrevistada. Ela relatou como motivação para seus estudos as falhas que constatou no treinamento de psicoterapeutas, que muitas vezes não se atentavam a variáveis de gênero no contexto clínico e por isso acabavam reproduzindo algumas práticas que revitimizavam as mulheres e não validavam seus sofrimentos: “*. . . a gente começou a ver falhas horrorosas na formação de psicoterapeutas nesse quesito do movimento feminista e da concepção e do entendimento de sociedade, né*”. A entrevistada traz, então, exemplos:

*Então a gente tinha lá uma cliente reclamando, né, “reclamando” entre aspas, do relacionamento, e aí terapeutas fazendo com que essa cliente fizesse o seguinte: “não, mas tenta isso”, “mas tenta aquilo”, “mas você já tentou falar de outro jeito?”. Ou seja, colocando mais uma carga sobre a mulher como se ela fosse a responsável por consertar o relacionamento, por manter um relacionamento saudável.*

Segundo Pinheiro e Oshiro (2019), muitas vezes a(o) terapeuta não identifica as variáveis de gênero presente nas demandas das mulheres. As autoras citam alguns fatores que podem aparecer nesses contextos terapêuticos, como a constante invalidação sofrida pelas mulheres, exigências desiguais entre os gêneros, o abuso e a violência. Destacam que a(o) terapeuta deve auxiliar não negligenciando essas variáveis, validando os sentimentos e as percepções da paciente, ficando atenta(o) a questões culturais envolvidas na demanda, não somente ontogenéticas, entre outros. Além disso, Costa (2019) também discorre sobre como se pode intervir em casos de relacionamento abusivo na clínica, trazendo a terapia feminista como uma forma de trabalhar com essas questões no contexto terapêutico.

Também foi mencionado a necessidade de estudar para poder embasar seus argumentos ao defender uma maior igualdade de gênero. Segundo uma das entrevistadas:

*. . . eu acho que a primeira motivação foi realmente essa coisa bem de analista do comportamento mesmo né. Então “vamos embasar isso aqui que nós estamos falando”. O problema a gente já diagnosticou, né, porque que as pessoas não estão levando em conta, né, essa variável. Que é uma variável crítica para o comportamento social: o gênero de quem se comporta.*

Outra participante também pontuou: “. . . eu acho que estudando seria uma maneira de me instrumentalizar né, de eu poder ‘reclamar’, entre aspas, e possivelmente, né, sendo muito otimista, de conseguir produzir algum tipo de mudança, ou tentar”.

Aqui destaca-se a importância do uso do conhecimento produzido pela ciência para embasar a prática e os questionamentos relacionados ao Feminismo. Para isso, é necessário que haja produção o suficiente sobre o tema, englobando várias situações que a(o) psicóloga(o) e/ou a(o) analista do comportamento se depara fora do ambiente acadêmico.

#### **4.2.4.3 Contato com outras pessoas**

Tanto Teixeira e Ferreira (2010) quanto Landinho (2019) destacam em suas pesquisas como o contato com outras pessoas feministas pode ser uma forma de possibilitar a aproximação com o Feminismo, sendo a divulgação livre dos preceitos feministas uma estratégia para agregação de pessoas ao movimento. Além disso, pode auxiliar como rede de apoio.

Entrevistadas relataram, então, como começaram a se interessar depois que entraram em contato com pessoas que estudavam o tema. Uma delas descreve:

*. . . eu sempre tinha mais facilidade com a Análise do Comportamento. E aí eu comecei a sentir falta de ver na ciência analítico comportamental temas mais de cunho social... E depois eu descobri que tinha, eu só não tinha acesso. E aí em 2015/16, nas ABPMCs, vendo que tinha outras pessoas interessadas também, e vendo a possibilidade de um terreno aí, me animou para embarcar nessa.*

Nesse sentido, destaca-se uma discussão desenvolvida por Cravo et al. (2022). Segundo os autores, a Análise do Comportamento sofre diversas críticas por não se envolver em questões sociais, porém, depois de realizar uma pesquisa sobre as produções analítico-comportamentais sobre gênero e sexualidade, chamam a atenção para a necessidade de rever esse argumento. É possível que as discussões tenham aumentado, mas nem todas as pessoas estão tendo acesso.

Uma das entrevistadas afirmou que uma aluna havia a convidado para orientar uma pesquisa sobre Feminismo, sendo que ela nunca havia estudado sobre esse tema. Após ter tido esse contato, e por conta de outras experiências pessoais, se dedicou mais a essas discussões e inclusive mudou seu tema de pesquisa, abordando mais temas relacionados ao Feminismo. Por ter tido essa trajetória de ser inserida nessas discussões por outra pessoa, relatou: “. . . *eu acho excelente assim essa, como é que eu posso dizer, o efeito cascata que isso causa, né. Tipo assim, uma pessoa estuda e vai puxando a outra, ou vai comentando*”.

#### **4.2.4.4 Questões relacionadas à Análise do Comportamento**

A despeito do aumento das publicações sobre Feminismo e Análise do Comportamento nos últimos anos (Pinheiro & Mizael, 2019), foi citado como motivação pelas entrevistadas o desejo de preencher a lacuna dos estudos de questões sociais na teoria.

Uma participante relata:

*. . . nessa época eu também estava atendendo na clínica, comecei a atender na clínica, então para mim fazia muito sentido pensar em questões de gênero para clínica, pensar na vivência das mulheres e porquê que algumas coisas se repetiam... Não faz sentido eu não estudar isso já que isso não está sendo dito, já que isso não está sendo falado.*

Ao mesmo tempo, foi citado como motivação vislumbrar uma potencialidade da Análise do Comportamento em estudar questões sociais. De acordo com uma das participantes:

*Eu acho que a Análise do Comportamento ela proporciona uma interpretação, né, de muitos fenômenos que eu acho que são muito compatíveis com a interpretação de autoras feministas. . . eu acho que ela acaba sendo uma ciência que ela auxilia muito, não só em questões conceituais assim, mas também em questões práticas né, até de pensar em políticas públicas, de pensar em intervenções de médio e grande escala que sejam preventivas de violências.*

Isso mostra como a Análise do Comportamento é uma teoria promissora para o estudo de questões sociais e instrumentalização para o contracontrole de práticas de desigualdade de gênero (Otero, 2002). Isso pôde ser demonstrado pelo próprio livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*, o qual apresenta diversos temas sobre Feminismo por uma ótica analítico-comportamental.

Outras participantes acrescentaram a importância de autoras(es) da Análise do Comportamento. Uma delas relata: “*. . . experiências pessoais . . . junto com a ideia skinneriana de um mundo melhor, e com a Sigrid Glenn, que foi uma analista do comportamento que me influenciou muito . . . A própria Maria Ruiz, que deu base para o meu trabalho*”.

Skinner (1971) aborda sobre como é possível atuar na resolução dos problemas da humanidade e ter um mundo melhor por meio do desenvolvimento de uma tecnologia do comportamento e do planejamento cultural. Nesse sentido, Fontana (2019) traz sobre a



importância dessa concepção no que diz respeito à dominação masculina, utilizando os conhecimentos produzidos pela Análise do Comportamento para planejar práticas culturais mais igualitárias e contracontrolar aquelas que envolvem a opressão em relação às mulheres.

Autoras como Sigrid Glenn e Maria Ruiz são, do mesmo modo, importantes para o desenvolvimento desses conhecimentos. Glenn se dedica especialmente aos temas relacionados à cultura, produzindo diversos estudos sobre o assunto e promovendo um avanço para o campo da Análise Comportamental da Cultura (Sampaio & Leite, 2015). Já Maria Ruiz, como já destacado, se dedica ao diálogo entre a Análise do Comportamento e o Feminismo, trazendo, da mesma forma, diversas contribuições (Rosendo & Nogueira, 2020).

Uma das entrevistadas destaca a preocupação com o fato de que muitas vezes existem poucas mulheres que estudam sobre o Feminismo e a Análise do Comportamento, e como isso pode prejudicar o crescimento de pesquisas sobre o tema. Segundo ela:

*Aí se você for olhar assim períodos assim você vê que tem que sempre assim uma pesquisadora, duas pesquisadoras publicando né, no máximo . . . acaba tendo pouca coisa, e aí o ciclo vai, né, se retroalimentando, aí se tem só duas pesquisadoras na hora que uma aposenta ou outra vai fazer outra coisa da vida e tal, né, morre aquilo ali.*

Em um trabalho realizado por Silva e Arantes (2019), as quais tratam sobre a história das primeiras mulheres da Análise do Comportamento no Brasil, é possível observar o quanto as analistas do comportamento são importantes para a disseminação da teoria e para o desenvolvimento de mais conhecimento científico na área. Além disso, destaca-se como Ruiz, por exemplo, esteve por muito tempo sozinha nos estudos de Feminismo na Análise do Comportamento, havendo o risco de que as pesquisas sobre o tema tivessem cessado quando a

autora não publicasse mais. Dessa forma, se mostra necessária a manutenção da participação das mulheres na Análise do Comportamento, trazendo luz às questões femininas, dificilmente abordadas por homens.

### **4.3 Os espinhos – sobre os obstáculos enfrentados no estudo do Feminismo pelas analistas do comportamento**

As participantes citaram diversos empecilhos para estudar o Feminismo na Análise do Comportamento. Foram mencionadas questões relacionadas ao próprio tema, como preconceito com o Feminismo (3), inclusive visto como uma ameaça por homens (1), o tema ser considerado apenas como “vitimismo” (1), e dificuldade em publicar em periódicos. Também foi trazido dificuldades próprias da mulher no contexto acadêmico (2) e o desmonte da ciência (4).

Destacou-se também a resistência no contexto da própria Análise do Comportamento. Um dos mais citados foi a falta de literatura sobre o tema (7), inclusive dificuldades em ler os textos que existiam até então (2), sendo a maioria de outra língua ou de difícil acesso, até mesmo do ponto de vista financeiro. Também foi citada a questão da falta de tempo para encontrar textos e se dedicar às suas traduções (1), ou dificuldades pelo fato de as autoras escreverem de uma forma mais difícil de compreender (1). Foi citada a falta de metodologias específicas sobre o Feminismo na Análise do Comportamento (3), também pela dificuldade de se distanciar das tradições da pesquisa analítico-comportamental (1), a desvalorização das pesquisas em questões sociais em detrimento à outras áreas de pesquisa mais tradicionais da Análise do Comportamento (5), dificuldade de dialogar com outras áreas de conhecimento (1), também por conta de matrizes epistemológicas diferentes em relação ao Feminismo e a

Análise do Comportamento (1), e professores e amigos que possam punir comportamentos do indivíduo de falar sobre o tema (1).

Também foi trazido em uma das questões da entrevista dois obstáculos citados pela literatura que podem aparecer nesses estudos: críticas de que seria uma moda passageira e/ou somente uma “militância”, em um sentido pejorativo do termo, como se não fosse uma categoria analítica do contexto acadêmico. Nesse caso, será apresentado algumas opiniões das entrevistadas sobre o assunto. No caso das críticas por ser uma moda passageira, foi citado como seria um argumento para desqualificar o movimento feminista (3), e que o fato de ser algo antigo mostrava como não era passageiro (5), tendo somente uma participante mais preocupada com essa crítica. Em relação à militância, a qual muitas vezes é alvo de críticas por supostamente prejudicar a neutralidade científica, foi destacado uma resistência da própria academia por conta desse suposto viés (8).

#### **4.3.1 Problemas com o tema do Feminismo**

Marson (1996) discute sobre alguns estereótipos negativos que são relacionados às mulheres feministas e ao Feminismo em si, o que leva de certa forma a um preconceito com o tema. Segundo a autora, como a busca por igualdade das mulheres feministas desorganiza as referências de masculinidade e feminilidade, essas são muitas vezes consideradas como menos femininas ou não-mulheres. Dessa forma, surgem estereótipos das feministas como sendo mulheres feias, mal-amadas, uma negação da feminilidade. Portanto, aquelas que se declaram como feministas ou até mesmo falam sobre o Feminismo, podem encontrar resistências de outras pessoas que as identificam por esse ponto de vista.

Isso ficou evidente no relato de algumas entrevistadas, as quais descreveram como havia um preconceito em relação ao tema Feminismo em específico. Um exemplo é citado:

*. . . era coisa de... a gente vê né, aquela percepção de “ai, lá vem a feminista chata falando que a gente não pode fazer o que a gente está fazendo” . . . quando a gente usa o nome Feminismo, muitas vezes a gente assusta as pessoas que são mais conservadoras.*

Foi descrito também como muitos homens se sentiam incomodados com as discussões, como se estivessem se sentindo ameaçados. Uma entrevistada descreve:

*. . . tem uns argumentos que dava pra ver que o cara tava, eram principalmente homens, dava pra ver que os homens tavam, assim, se sentindo pessoalmente atacados. E aí muitas vezes tinha que ir lá e fazer todo um disclaimer “ó, não tô atacando você, mas tô falando de uma contingência que tá existindo”.*

Segundo Rubio (2020), o Feminismo foi considerado perigoso desde o seu despertar, gerando um medo nos homens de perderem seu monopólio e sua dominação. Nesse sentido, o acesso ao poder pelas mulheres acaba sendo considerado um ataque ou uma discriminação contra o gênero masculino, levando a concepções equivocadas e muitas vezes difundidas de que as feministas na verdade os repudiam. Falas como a citada pela entrevistada demonstram esse fato, confirmando que, mesmo no ambiente acadêmico, questionamentos sobre a desigualdade de gênero podem ser considerados como um ataque.

Uma entrevistada relatou inclusive que percebia que esses questionamentos eram feitos como que para ensiná-las como se portar. Segundo ela:

*. . . algumas coisas . . . tinham um viés quase de adestramento do que a gente ia falar ou não e como a gente ia falar ou não, para não incomodar. . . Então tinha muita tentativa de, não necessariamente orquestrada, nada desse tipo, mas de “olha, voltem para o lugar de onde vocês vieram, não façam muito barulho aqui”. O efeito era esse assim.*

De acordo com Rubio (2020), por mais que as mulheres consigam prestígio em suas carreiras, ainda existe uma censura implícita por parte dos homens, o que faz com que fiquem privadas de honras e autoridade e que não consigam ser referências para as gerações futuras. Na fala da entrevistada é possível perceber, então, que, mesmo conseguindo alcançar um espaço no contexto acadêmico para falar sobre a desigualdade de gênero, as mulheres ainda são censuradas, mesmo que de forma sutil ou, como diz a entrevistada, não orquestrada.

Uma participante relatou a dificuldade de publicar estudos em periódicos de clínica considerando questões sutis que muitas vezes aparecerão no contexto terapêutico, as quais serão mais difíceis de mensurar em pesquisas. Segundo ela:

*Acredito que os obstáculos atuais para incluir esse recorte na pesquisa clínica é que trabalhamos com um fenômeno que é muito sutil – contingências invisíveis, como diria a Maria Ruiz – e que é difícil de mensurar o impacto no sofrimento da mulher, bem como o de intervenções mais direcionadas . . . Os periódicos de clínica atualmente têm requisitado dados quantitativos para ilustrar a mudança clínica, porém é um desafio encontrar formas de mensurar.*

A participante aponta, então, uma forma de contornar essa dificuldade. De acordo com ela:

*Acredito que o esforço de pesquisadores em descrever processos de sofrimento e de mudança pode ser um caminho para captar aspectos mais sutis da psicoterapia. Acredito que fortalecer outras formas de conduzir pesquisa pode contribuir com o avanço dessa área.*

Aqui destaca-se a necessidade de desenvolver metodologias de pesquisa que possam ser utilizadas por pesquisas com temas relacionados ao Feminismo, bem como o aceite dessas metodologias em locais de produção científica.

#### **4.3.2 Questões da mulher**

Segundo Silva e Ribeiro (2014), o Feminismo contemporâneo foi responsável por contribuir para a inserção e a participação das mulheres na ciência. Porém, ainda é possível identificar dificuldades nesses meios. As autoras destacam como as mulheres não ascendem tanto quanto os homens em suas carreiras, seja na participação de cargos administrativos, no recebimento de bolsas, no nível mais elevado da carreira universitária, ou na participação de agências de fomento, tendo que lidar também com o preconceito e a discriminação de gênero, a competição, a produtividade de pesquisa, a dupla jornada de trabalho e a maternidade. De acordo com Carpes et al. (2022), geralmente a jornada acadêmico-científica ultrapassa o horário regular de trabalho, demandando horas extras para leituras, estudos, revisão de artigos, escrita, e orientações de alunos, horas que muitas mulheres não têm disponíveis por ter que se dedicar também ao cuidado da casa e dos filhos.

Uma das participantes discute sobre a dificuldade de ter uma produção científica tão elevada quanto os homens, devido a essas outras obrigações. Segundo ela:

*. . . se você visse os dados das mulheres docentes com filhos pequenos, filhas pequenas, é absurdo, porque quando se compara essas mesmas mulheres com filhos e filhas pequenas, e os mesmos homens docentes com filhas pequenas, a produção deles é lá no alto, e a nossa não, a gente perde prazo. É comum, tinha uma... eu não lembro o dado agora, mas a porcentagem era altíssima de mulheres mães que trabalhavam, docentes, que trabalhavam de madrugada, não tinha esse dado para homens. Por quê se eles têm a mesma criança em casa, com a mesma idade? E aí então a gente foi estudando né, porque é uma coisa que, como assim, revoltante.*

Um estudo realizado por Machado et al. (2019) demonstra esses dados. As autoras realizaram uma pesquisa sobre o impacto da paternidade/maternidade nas carreiras científicas no Brasil. Foram entrevistados mais de 2000 pesquisadores, sendo incluídos cinco grupos: pesquisadoras com filhos, pesquisadoras sem filhos, pesquisadores com filhos, bolsistas mulheres de pós-doutorado com filhos e alunas de graduação com filhos. A pesquisa mostrou que a maternidade teve um impacto direto na produtividade de mulheres, com uma diminuição no número de publicações, durando pelo menos quatro anos depois do primeiro filho. O mesmo não foi observado com homens que também são pais.

A entrevistada também chama a atenção sobre como a pandemia deixou mais evidente essa desigualdade. Segundo ela:

*E depois também quando a gente entrou na pandemia, aí a pandemia escancarou mais ainda a desigualdade, né, entre homens e mulheres. Então de novo, os mesmos homens com as mesmas crianças pequenas publicando um monte na pandemia, lançando livros, e a gente sem conseguir, a gente docente, mulher, com filho pequeno, não conseguindo escrever um artigo, ou não conseguia responder um e-mail.*

Estudos realizados também confirmaram esse fenômeno (Myers et al., 2020), mostrando como mulheres foram mais prejudicadas do que homens na pandemia em relação ao seu desempenho acadêmico.

Por fim, a entrevistada cita os dados relacionados à desigualdade em relação à ascensão na carreira acadêmica:

*. . . na academia as mulheres começam na mesma proporção de, na porcentagem de homens na graduação em Psicologia, tem 50% de mulheres e 50% de homens. . . aí eu tenho, no mestrado está elas por elas também assim, e aí no decorrer do tempo quem chega a titular, na carreira acadêmica, quem chega a titular: homens, e mulheres vai caindo assim, a porcentagem de mulheres na academia cai . . . o que que era interessante, essas mulheres falando dos vazamentos do cano, que eles chamam de vazamento do cano né, por que que as mulheres vazam? Porque ou ela casa, ou entra num relacionamento, ou... e ela que dá conta de tudo né, toma conta de tudo. . . ou ela engravida, ou alguém da família adoece e a mulher quem cuida de quem adoece da família, né.*

O fenômeno trazido pela entrevistada é o nomeado “*leaky pipeline*” (“vazamento de cano”), ou “*scissors effect*” (“efeito tesoura”). De acordo com Staniscuaski et al. (2023), essas concepções se referem ao fato de que a presença de mulheres diminui de forma acentuada no decorrer da carreira acadêmica, como em um “vazamento”, com um grande número de mulheres desistindo da academia após o pós-doutorado. Segundo os autores, diversos são os fatores que levam a esse abandono, como um local de trabalho generificado, menor



financiamento para o público feminino, diversas formas de assédio, vieses no contexto acadêmico, e, especialmente, a maternidade.

Uma participante da pesquisa descreveu como teve que conciliar o fato de ser mãe com a sua carreira profissional, exigindo do marido uma dedicação igualitária. Segundo ela: “. . . eu ia para São Paulo, trabalhava, dormia em São Paulo, às vezes voltava no dia seguinte . . . Meu marido ficava com elas, cuidava, dava o leite na mamadeira que eu tirava do peito, deixava, né, tudo, e, porque eu falava, eu preciso ter minha vida né”.

Esse ponto foi destacado por uma das participantes da pesquisa de Landinho (2019), a qual afirmou ter muita dificuldade em realizar questionamentos no ambiente doméstico em relação à divisão das tarefas domésticas, por exemplo. Foi discutido como por vezes há um êxito maior em promover essas discussões em sala de aula, na rua, e em outros contextos mais amplos, porém, dentro de casa, esse diálogo se torna mais difícil. Além disso, Silva e Ribeiro (2014) também destacam como a mulher pode se sentir culpada por seguir a carreira acadêmica juntamente com o papel de mãe. Isso pode fazer com que muitas mães não exijam participação mais ativa dos seus parceiros no cuidado dos filhos, prejudicando sua carreira acadêmica.

Uma iniciativa que buscou auxiliar nesse problema é o movimento *Parent in science*, criado em 2016 com a finalidade de promover discussões sobre como a parentalidade impacta a carreira de cientistas no Brasil. Dentre as iniciativas está a campanha *#maternidadenolattes*, a qual defenderia a importância de haver um campo no *currículo lattes* para sinalizar o período de licença-maternidade, algo que foi incluído, então, em 2021 (Carpes et al., 2022).

#### **4.3.3 Desmonte da ciência**

Segundo Ximenes et al. (2019), as universidades federais e a ciência vêm sendo constantemente atacadas nos últimos anos. Foram realizados cortes que comprometeram o funcionamento das instituições e levaram a mobilizações como a Greve Nacional da Educação, no dia 15 de maio de 2019, a qual obrigou o então governo Bolsonaro a desistir de parte dos cortes feitos à educação, dentre outros que surgiram nos últimos anos.

Essa foi uma situação citada pelas entrevistadas, sendo chamado a atenção para o desmonte da educação, a falta de apoio financeiro e a falta de bolsas, especialmente quando se trata da área das ciências humanas. Segundo uma entrevistada:

*. . . hoje em dia nós temos obstáculos para estudar cientificamente qualquer coisa no Brasil devido ao nosso contexto. Mas eu acho que essas questões que são vistas como problemas de ciências humanas ou problemas mais ideologicamente carregados, são mais prejudicados. Então eu acho que a gente depende de financiamento público e a gente depende de apoio público para fazer as nossas pesquisas né.*

A entrevistada relata, inclusive, que já presenciou pessoas desistindo de estudar esses temas por conta da falta de apoio:

*. . . e eu vi ao longo dos últimos anos amigas minhas que tinham interesse estudar isso indo para linhas de pesquisa muito mais tradicionais e objetivas e parecidas com o que a gente está acostumado a fazer por questões econômicas, é onde tem bolsa, é onde dá para ir, é onde dinheiro está. Então assim, talvez a gente tenha esses obstáculos que não são necessariamente inerentes à Análise do Comportamento . . . Mas é isso, num contexto de desmonte de educação, desmonte da pesquisa científica, desmonte de estruturas que permitem que as mulheres acessem a pós-graduação*

*inclusive, que tenha um apoio com o cuidado de seus filhos, que tenham esse tipo de possibilidade, e num momento de retrocesso geral assim de perspectiva mesmo de justiça social e de igualdade, de qual que é a importância disso na nossa sociedade, onde a gente perde esse apoio das pessoas mesmo da comunidade que financia o nosso trabalho, é muito difícil, é muito difícil você seguir esse caminho né.*

Um estudo realizado por Neiva et al. (2019) sobre a distribuição de bolsas de pesquisa em produtividade do CNPq em 2019 já mostra como o número de bolsas destinadas às ciências exatas, biológicas, agrárias e engenharias é superior às destinadas para as Ciências Humanas e Sociais. Isso comprova, então, o que a entrevistada traz sobre a dificuldade de realizar pesquisas com a falta de investimento especialmente nos campos de estudo que podem estudar temas como o Feminismo, por exemplo, que seriam as áreas Humanas e/ou Sociais.

Nesse sentido, uma outra entrevistada afirma como justamente as pessoas que estariam interessadas, ou teriam essas questões sociais mais presentes em sua vida, não têm acesso à educação. Segundo a participante:

*Talvez complique especialmente para fazer esse tipo de pesquisa, porque muitas vezes quem está interessado nesse tema, nem sempre, mas enfim, são pessoas que não têm uma condição financeira tão bacana, né, estão interessadas justamente porque questões sociais as afetam pessoalmente e muitas dessas questões passam por questões financeiras, e a gente precisa sobreviver, né. Então é muito difícil acabar optando pelo caminho da pesquisa quando vai ser financeiramente muito difícil de se sustentar nisso, né, e aí, sei lá, oficialmente a gente não pode acumular bolsa e trabalhar, mas talvez fosse uma demanda de alguém.*

Autores como Karnopp et al. (2023) já trazem as dificuldades que muitas vezes podem ser enfrentadas por minorias na educação superior, sendo, no caso do estudo, as minorias étnico-raciais. Os autores descrevem como existe a dificuldade não só de ter acesso ao ensino superior, mas também de permanecer estudando, já que esses estudantes podem enfrentar diversos desafios, inclusive os financeiros citados acima pela entrevistada.

#### **4.3.4 Empecilhos na Análise do Comportamento**

A despeito dos obstáculos enfrentados para o estudo do Feminismo na academia, também é possível observar empecilhos para essas pesquisas no contexto da própria Análise do Comportamento, ciência que por vezes é criticada por se envolver de forma tímida no debate de questões sociais (Silva & Laurenti, 2016). Ao se tratar da falta de literatura, é possível retomar o texto de Couto e Dittrich (2017) que mostrou a incipiência de textos sobre Feminismo e Análise do Comportamento. Foi citado como, especialmente no início dos estudos, as entrevistadas se depararam com falta de literatura, sendo que essa muitas vezes era restrita somente à Maria Ruiz, uma das pioneiras dessas discussões na teoria. Isso aparece no relato de uma das participantes, a qual destaca sobre a literatura limitada que dispunham quando começaram a fazer os grupos de estudos do Coletivo Marias e Amélias. Segundo ela: *“É isso, a gente devorou muito rápido o que tinha, a Ruiz e as coisas que a Ruiz citava, e aí foi muito uma busca da gente encontrar a literatura que dialogasse bem e que tivesse esse matching mesmo com a visão de mundo que a gente tinha né”*.

Esse aspecto é importante considerando os resultados trazidos tanto pela pesquisa de Landinho (2019) quanto de Teixeira e Ferreira (2010), já que, em ambos os estudos, as participantes afirmaram que entraram em contato com o movimento feminista também por

meio da literatura. Nesse sentido, destaca-se a importância do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*, o qual não só trouxe mais material sobre a relação do Feminismo com a teoria, mas também tornou essas discussões mais acessíveis, com textos em português, por exemplo, documentando discussões que já estavam sendo realizadas. Uma das entrevistadas aborda esse ponto:

*A gente discutia na ABPMC, e entre aspas depois “morria” até o próximo ano em que a gente conversava de novo sobre o assunto, sabe. E aí seria uma maneira entre aspas de “cristalizar” as coisas que a gente conhecia né . . . por mais que o conhecimento oral ele é importante, se ele não tá documentado. . .*

Portanto, o livro veio como uma forma de formalizar melhor as discussões feitas principalmente em congressos, nos quais nem todas(os) tinham condições de participar, e desenvolver produções brasileiras, as quais ainda eram incipientes. Sendo então um dos primeiros materiais nesses moldes, uma das entrevistadas relata a dimensão que ele tomou. Segundo ela: “A repercussão que teve foi uma coisa que a gente não esperava . . . Incrível como estava precisando né. Acho que a repercussão dele deu essa impressão mesmo”.

Também foi citada a dificuldade em relação à falta de metodologias específicas para estudar questões sociais. Uma entrevistada aponta:

*Nós não estamos construindo os instrumentos para pesquisar questões sociais em Análise do Comportamento . . . o nosso método tradicional é o delineamento de caso único né, delineamento múltiplo de caso único. Quando a gente utiliza outro método a gente utiliza a comparação de grupos né. Então, aí, quando a gente vai, por exemplo, você está trabalhando com pesquisa, você vai fazer uma análise de discurso de outra*

*área, qual é o tipo de análise que você vai fazer? De comportamento verbal? Né. Então a gente tá nesse... eu acho que o principal desafio nosso agora é como a gente tá construindo instrumentos para que a gente possa dialogar com outros instrumentos da Análise do Comportamento de outros métodos. Porque os fenômenos que a gente estuda no Feminismo, em alguns momentos né, você consegue fazer algumas pesquisas utilizando os mesmos instrumentos que a gente já tem disponível na área, os mesmos métodos, e outras perguntas de pesquisa sobre esse fenômeno a gente não consegue alcançar utilizando esses instrumentos. E aí a gente faz o que, não estuda porque a nossa área não tem esses métodos? Daí eu tenho visto isso como um desafio muito grande.*

Segundo Gil (2008), o estudo de questões sociais e humanas demanda metodologias diferentes das utilizadas nas ciências naturais, como a Física, a Química, a Astronomia e a Biologia, especialmente porque, nesse tipo de pesquisa, o cientista inevitavelmente irá incorporar seus valores pessoais. Narvaz e Koller (2006) debatem como as metodologias feministas atuam para questionar e considerar especialmente os valores que envolvem a desigualdade de gênero, desenvolvendo pesquisas que possam considerar essas variáveis tanto no seu processo, quanto em seus resultados.

Além disso, Freitas e Moraes (2019) também destacam como a Análise do Comportamento poderia se beneficiar de metodologias de outras áreas para estudar questões de gênero, como a cultura do estupro, por exemplo. As autoras chamam a atenção para o fato de que métodos tradicionais da Análise do Comportamento, como o delineamento experimental de sujeito único, podem não ser adequadas para os estudos de temas como a violência sexual, até mesmo de um ponto de vista ético. Dessa forma, seria necessário se valer de outras metodologias, como as utilizadas por outras áreas.

Destacou-se a resistência que a Análise do Comportamento pode ter em não adotar certas tradições que já se mostram tão comuns na pesquisa analítico-comportamental. Uma entrevistada chama atenção para como isso pode se dever ao fato de a Análise do Comportamento ainda ser uma ciência muito “engessada”, presa às suas tradições. Segundo ela:

*. . . a Análise do Comportamento, na minha perspectiva, é tipo, é uma disciplina meio engessada, ela é muito . . . cerimonial. Posso dizer assim. Ela é muito de reprodução de práticas culturais . . . tem que ser tudo do mesmo jeito, privilegiando um certo grupo mais antigo na área, que quer o seu devido espaço, valor, poder. Então assim, ela é muito engessada. E eu acho que falta tipo ferramentas para estudar essas questões que sejam mais flexíveis, porque não são questões fáceis de ser estudadas, que dê mais espaço para um processo interpretativo, mais espaço para a gente ter flexibilidade mesmo para entender essas questões. Não vai ser estudado da maneira como as pessoas geralmente valorizam na área, que a gente aprendeu meio que tem que ser, né.*

Nesse sentido, é destacado como ainda permanece a questão da desvalorização das pesquisas em questões sociais em detrimento a outras áreas de pesquisa mais tradicionais da Análise do Comportamento. Uma das entrevistadas pontua:

*. . . as temáticas sociais ainda... assim, considerando, comparando com toda a Análise do Comportamento, eu acho que elas ainda mereciam mais atenção. Então, independente se a gente vai fazer isso pelo viés da Sigrig Glenn, do William Baum, de quem for, eu acho que sempre vão ter pessoas que vão embarreirar de alguma forma*

*né, que vão dizer que não é assim, que isso não é Análise do Comportamento, que esses termos não são necessários, só com a tríplice contingência você vai conseguir entender tudo.*

Foi relatado, inclusive, que os próprios cientistas de outras áreas apresentam dificuldades em aceitar pesquisas de caráter mais social. Uma entrevistada dá um exemplo:

*. . . principalmente quando eu ia falar com o pessoal da área aplicada, da área experimental, era sempre essa coisa de, ou isso aí não é muito científico né, porque você está tendo conclusões antes dos dados né, ou em ter um posicionamento político né, que é um posicionamento não neutro, ou seja, não né, seguindo aquela ideia de neutralidade da ciência que pelo menos a gente vê na Análise do Comportamento, ou acabava trombando mesmo nessa coisa de “ah, as pessoas tão estudando outras coisas assim, então porque você não estuda X?”.*

Autores como Strapasson et al. (2013) chamam a atenção para a importância de a pesquisa básica, aplicada e teórica dialogarem em seus estudos. Eles realizaram um estudo sobre artigos presentes nos principais periódicos brasileiros de Análise do Comportamento (Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Revista Brasileira de Análise do Comportamento, e Perspectivas em Análise do Comportamento), de modo a identificar a quantidade de artigos de algumas dessas áreas nas revistas e a porcentagem de autorreferências e referências cruzadas em cada categoria. Os autores encontraram que a área com mais publicações no Brasil é a teórica, seguida da pesquisa aplicada e por último as pesquisas básicas. Nas pesquisas teóricas as autorreferências seriam predominantes, e nas aplicadas seriam as referências cruzadas, sendo que na básica o número seria semelhante.



Esses dados mostram, então, que o número de estudos em cada área é desigual, sendo que eles não tendem a interagir como poderiam. Sidman (2011) aborda também sobre como estudar sobre a pesquisa básica pode auxiliar os profissionais que trabalham na área aplicada, formando o que ele chama de cientistas-terapeutas, os quais vão utilizar os dados encontrados na pesquisa básica no contexto clínico.

Também aparece a dificuldade de dialogar com outras áreas de conhecimento fora da Análise do Comportamento. Conforme uma entrevistada:

*. . . hoje eu consigo ver que um impasse maior é de conseguir dialogar mesmo . . . Então você conseguir dialogar com uma pessoa que, né, só fala aquela língua ali que é mais complicada. E a Análise do Comportamento é um tiquinho fechada, você sabe. A Análise do Comportamento é fechada com isso. A gente sabe que ela tem um compromisso muito grande com as questões científicas, com metodologia, com coisa muito mais fechada, mas dá para ter diálogo sim, sabe. A maior dificuldade é você conseguir explicar isso de uma forma comportamentês, tipo assim, os princípios da Análise do Comportamento mesmo, e dizer assim “olha cara”. Porque quem está dentro da Análise do Comportamento estuda muito Análise do Comportamento, então dificilmente pega textos de alguma outra área para dialogar. Os analistas do comportamento eles são um ciclo assim, é quase uma seita secreta, né, um ciclo assim bem fechado, e depende muito das bilíngues, da gente assim para fazer os contrapontos com outras teorias e conseguir fazer.*

Freitas e Morais (2019) já destacam a importância de a Análise do Comportamento dialogar com outras áreas, como a Sociologia, Antropologia, criminalística, entre outras. As autoras fazem uma análise da cultura do estupro, e como a abordagem analítico-comportamental pode

se beneficiar do diálogo com outras áreas e aprender com o que já é produzido, utilizando, então, da sua teoria para interpretar os dados. Além disso, também pode-se destacar a pesquisa de Júnior e Hubner (2008), os quais fazem uma análise behaviorista radical dos conceitos psicanalíticos, realizando, então, o que propôs a entrevistada.

#### **4.3.5 Feminismo como moda passageira**

Nuernberg et al. (2011) discutem como muitas vezes o Feminismo pode ser criticado por ser somente como uma moda passageira, especialmente no contexto acadêmico. No entanto, Rubio (2020), por exemplo, rebate esse argumento. A autora afirma que a luta do movimento feminista é antiga e interminável, e que, mesmo com as suas diversas conquistas, como o poder de voto, maior acesso à educação, maior controle das mulheres de seus corpos e de sua vida, o Feminismo ainda tem muito trabalho a fazer.

As entrevistadas, as quais foram requisitadas a dar uma opinião sobre essa crítica, discutem sobre como esse argumento poderia ser utilizado com função de desqualificar o movimento. De acordo com uma participante:

*. . . pensar sobre o Feminismo numa lógica de modinha ou algo passageiro, dentro ou fora da Análise do Comportamento, é só uma das muitas ferramentas que são utilizadas, e argumentos, para invalidar todo esse movimento, para invalidar essa nova perspectiva.*

Isso se mostra presente, então, no contexto universitário, na medida em que muitos nem ao menos consideram o Feminismo como uma categoria descritiva ou até analítica (Nuernberg et al., 2011).

Para diversas entrevistadas, o fato de a desigualdade entre os gêneros ser algo antigo e que vêm se propagando há muito tempo demonstra como não é algo passageiro, pelo menos não enquanto essas desigualdades existirem. O que poderia ocorrer seria, por exemplo, uma mudança no foco dos estudos ou na terminologia que se usa. Uma das participantes pontua:

*. . . talvez o termo Feminismo seja uma coisa que flutua no seu uso. Acho que para mim isso é muito claro fora da Análise do Comportamento também, que a gente tem períodos da história aí onde se fala mais sobre isso, onde se dá esse nome, momentos onde o nome muda, onde a prioridade muda, a forma de falar sobre o assunto muda, mas eu não acho que vai existir um momento em que vá ser aceitável para metade da população do mundo ser tratada como subalterna. Só acho que assim, talvez seja um assunto obsoleto quando a gente não tiver mais hierarquias de gênero existindo, até lá eu acho que essa discussão vai vir à tona o tempo todo, e com caras diferentes, com referenciais diferentes, com prioridades diferentes, com vozes diferentes, mulheres diferentes falando sobre o assunto, mas eu não acho que ele vai sumir. Eu acho que vai amadurecer e mudar, e isso é muito bom.*

Esse fato se mostra por meio das diversas ondas do movimento feminista, nas quais houve pautas diferentes e vozes diferentes, como na terceira onda em que aparecem mais reivindicações da população negra e LGBTQIAPN+, por exemplo. Além disso, as diversas vertentes do Feminismo, como o Feminismo Radical, o Feminismo Liberal, o Feminismo Marxista, entre outros, mostram como ele pode mudar de terminologia e se diversificar, sempre lutando, no entanto, pelo fim da opressão contra as mulheres (Silva et al., 2021).

Somente uma participante descreveu uma certa preocupação sobre como as discussões do Feminismo na Análise do Comportamento ainda podem enfraquecer. Segundo ela:

*Eu sinto que talvez aconteça alguma coisa assim, sabe. De se a gente não ir formando pesquisadoras, formando, né, uma certa constância disso assim, de a gente ir ocupando espaço na academia e tal, pode acontecer esse tipo de coisa né, todo mundo dando aquela meio cansada ou então indo para outras áreas, ou então ficando de saco cheio da Análise do Comportamento receber meio mal, de não se encaixar muito bem ali em certas tendências de pesquisa e aí ir pra outra área né, ou parar de dialogar com analistas do comportamento.*

Ela justifica sua preocupação também abordando o quanto a Análise do Comportamento pode ser fechada para determinados temas, e como isso pode barrar, de certa forma, o investimento em assuntos como o Feminismo. A entrevistada afirma:

*A Análise do Comportamento é muito fechada né em termos de dinâmicas mesmo de pesquisa né, tem coisas sobre isso em pesquisa né, de como a gente publica só pra gente, de como a gente conversa só com a gente. E eu acho que, pensando que o Feminismo é uma área que não é, assim, né, oriunda da Análise do Comportamento como tem em algumas outras né, não está tanto no DNA assim, eu acho que existe um risco de a gente acabar parando de falar sobre, não se consolidar mesmo uma constância de pesquisas a respeito.*

Portanto, há uma preocupação com a falta da criação de uma prática de estudos sobre Feminismo consolidada em Análise do Comportamento. Esse ponto será melhor discutido posteriormente.

#### 4.3.6 Neutralidade científica *versus* militância

Yannoulas et al. (2000) definem o que seria o princípio de neutralidade presente na ciência, citando como o Feminismo criticaria essa visão. De acordo com as autoras:

Pelo modelo da ciência empírica, o cientista é um observador independente, que deve contar com a capacidade de minimizar qualquer relação afetiva e valorativa com o objeto de estudo. Na medida em que se mantém a distância, os objetos não seriam influenciados por ele e, por conseguinte, os dados coletados seriam confiáveis e não contaminados pela subjetividade (neutralidade). O paradigma empírico da ciência tem sido julgado pelo feminismo acadêmico porque a objetividade científica não é sinônimo de neutralidade. (p. 443)

As autoras discorrem sobre alguns problemas com essa suposta neutralidade. Em primeiro lugar, há uma retirada do contexto cultural e histórico da unidade de análise da(o) cientista. Dessa forma, quando se tem a mulher, por exemplo, como objeto de estudo, essa descontextualização tem como consequência atribuir características tidas como “naturais” às mulheres, ao invés de tê-las como resultado do seu lugar como grupo discriminado, mudando o significado desse objeto de estudo. A ciência deveria, então, realizar seus estudos respeitando a sua situação social e histórica.

Segundo Yannoulas et al. (2000), postula-se que a(o) cientista deve produzir conhecimento isento de valores pessoais. Porém, o Feminismo acadêmico defenderia a tese de que o desenvolvimento do conhecimento não pode estar isento desses valores, sendo necessário substituir os interesses implícitos pelos explícitos. Esse é um ponto trazido por

uma participante da pesquisa, a qual discute sobre a crítica de o Feminismo ser somente uma “militância” e que a ciência teria que ser neutra. Segundo a entrevistada:

*. . . pra mim essa crítica vem de dois lugares, o primeiro é um lugar de incompreensão do que é o fazer científico e do que é a ciência como produto do comportamento, então você achar que existe alguma coisa que você faz e que ela é totalmente independente de todo o resto do seu repertório é uma visão muito ingênua, achar que você consegue separar as coisas sabe. E aí eu gosto muito de uma coisa que também já é um clichê da nossa área, mas que eu acho que é muito real, que é o fato de que a gente coloca os nossos valores no que a gente faz, a diferença é: a gente é honesto o suficiente para falar sobre o porquê a gente fez as escolhas que a gente fez ou a gente esconde isso inclusive de nós mesmos? A gente finge que não sabe o que tá fazendo e fala para as pessoas que não, que aquilo não tem uma motivação política? Acho que é muito isso assim. Então para mim, quando alguém diz “ah, isso... você está enviesando a sua ciência porque você está metendo política no meio”, eu acho que é muito mais uma questão de você declarar vieses que já estão presentes e que vão estar presentes no fazer de todos os cientistas. Então para mim tem essa questão tanto de uma ideia muito rígida do que é rigor científico, uma ideia muito ingênua mesmo do que é rigor científico, e uma ideia muito romantizada do que é atuar politicamente.*

Segundo Ruiz (1995), uma abordagem feminista exige que a(o) cientista se considere como membro de uma cultura cujos valores são refletidos em suas práticas culturais, inclusive práticas científicas. Dessa forma, os valores pessoais da(o) cientista, a(o) qual está inserida(o) nessa cultura de desigualdade de gênero, podem influenciar na sua formulação de questões científicas e na sua avaliação e seleção de possíveis soluções.

Uma participante destaca como os estudos são realizadas geralmente com homens e/ou animais machos, o que pode influenciar no resultado da pesquisa. Segundo ela:

*. . . quando a gente discute: mas espera aí, tantas pesquisas feitas com grupos específicos de pessoas e de bichos, né, geralmente machos, geralmente homens brancos, né, então, ou mulheres brancas, mas... então aí eu começo a entender, putz, né, notei um viés importante aí em dados de pesquisas, né, tanto de pesquisa básica quanto de pesquisa aplicada, quando é feita apenas ou na sua maioria por machos.*

Um estudo realizado por Beery e Zucker (2011) demonstra esse fenômeno. Os autores realizam uma pesquisa sobre o viés de sexo em pesquisas da neurociência e biomedicina, encontrando dados sobre como muitos estudos se utilizam apenas de animais ou humanos machos. Esse fato negligenciaria questões específicas relacionadas à mulher e omitiria o fato de que algumas doenças se mostram de forma diferente para homens e mulheres. Um exemplo poderia ser a ansiedade, já que as mulheres são diagnosticadas com transtornos de ansiedade 2,25 mais vezes que os homens e a maioria dos estudos sobre animais com ansiedade ou com drogas ansiolíticas são realizados com ratos machos. Portanto, é possível observar como, apesar de muitas vezes haver uma crítica sobre como os questionamentos sobre igualdade de gênero na ciência podem se apresentar como um viés que prejudicaria a neutralidade científica, a própria ciência em seus moldes tradicionais já possui um viés de gênero, priorizando o gênero masculino. É o que questiona uma das entrevistadas:

*Então é isso assim, quando a gente estuda, quando a gente foca em sofrimento psíquico de mulheres, a gente está militando, mas quando a gente só está falando do*

*sofrimento psíquico, às vezes a gente está falando só dos homens. Então por que que um pode e o outro não pode, né.*

Nesse contexto, é possível trazer a outra crítica citada por Nuernberg et al. (2011) que pode ser direcionada ao Feminismo: ser somente uma “militância”. Pedro (2008), ao abordar sobre a relação entre a academia e a militância e a importância da sua contribuição mútua, define-as desta forma: “A academia, aqui, é pensada como o lugar da pesquisa científica, universitária, formadora de novas gerações de pesquisadoras, e a militância feminista como uma atividade engajada, voluntária, tendo por alvo principal a luta pela equidade de gênero” (p. 87). Nesse sentido, uma definição semelhante é trazida pelas entrevistadas, as quais questionam por que o Feminismo ser considerado como uma militância seria algo ruim. Segundo uma das participantes:

*Eu me pergunto sobre qual é o problema de ser uma militância, o porquê que isso invalida a discussão. Porque quando a gente fala de militância a gente tá falando sobre pessoas organizadas com um objetivo em comum. Se esses problemas eles existem, e aí a gente já tem dados dizendo que esses problemas existem em diversas camadas, em diversas áreas da sociedade, o porquê ser uma militância, o porquê ser um grupo de pessoas organizadas para diminuir essas diferenças, para diminuir essas violências, é algo ruim?*

Uma das participantes destaca a importância da contribuição das pesquisas acadêmicas para o movimento feminista. Ela afirma:



*É social, vai para o acadêmico, dentro do acadêmico volta para o social . . . Então a gente precisa trazer a parte acadêmica também para compreender os movimentos históricos pra ter essa junção. Porque senão fica só a discussão pela discussão, sabe. Às vezes eu acho que é isso que alguns acadêmicos podem achar. “Tá, o movimento social é só aquela discussão por discussão”, e aí vão fazendo tipo “atos feministas e não sei o quê”, sabe, e aí ficam como se fosse militância vazia, e o Feminismo nunca foi a militância vazia, sempre teve uma coisa muito mais forte.*

Nesse sentido, destaca-se que, apesar de as metodologias utilizadas na academia e nos movimentos sociais serem diferentes, é possível um diálogo. Segundo uma das participantes:

*Eu acho que os métodos para construção de conhecimento acadêmico e os métodos de movimentos sociais são diferentes né. Então de certa forma eles têm suas ações específicas, estratégias específicas, mas eles dialogam . . . por exemplo, você fazer, levar mulheres para dentro de uma comissão dos direitos da mulher e decidir que você vai lá, vai chamar a imprensa, você vai fazer uma ação lá fora, você vai articular com as escolas, você vai fazer um movimento de rua, você vai fazer um tipo de organização para como aquele movimento vai funcionar, em quais frentes, com que tipo... Tudo isso ele vem, penso eu, apoiado na parte da discussão teórica, e essas duas coisas vão conversando . . . eu acho que hoje a gente precisa ter, informar mais, fazer um letramento maior de como essas duas coisas conversam, como uma ciência com uma proposta clara, ou ciências né, como um tipo de produção de conhecimento que é comprometido com um tipo de transformação social com uma direção de transformação social, como isso se articula.*

Esse ponto também é destacado por Yannoulas et al. (2000), as quais afirmam que muitas feministas se obrigam a se distanciar de movimentos sociais para serem mais aceitas em contextos acadêmicos, ou as militantes se distanciaram da academia por entender que suas propostas são reformistas e não defendem uma grande mudança para as mulheres enquanto grupo. As autoras, então, propõem uma alternativa:

Apesar da diferença entre os espaços de atuação, objetivos, metodologias ou estratégias de poder que adotam, acadêmicas e militantes nutrem-se mutuamente: as militantes assinalando constantemente os pontos problemáticos que precisam ser estudados pelas acadêmicas; as acadêmicas oferecendo saberes legitimados cientificamente para a construção de estratégias e planos de ação por parte das militantes. (p. 431)

Pedro (2008), ao tratar sobre os desafios de participar da editoria da Revista Estudos Feministas, mostra como o diálogo entre a militância e a produção acadêmica, a despeito de ter empecilhos, é essencial. Segundo a autora:

Essa constatação me leva a refletir as vantagens e as desvantagens de participar da editoria da Revista Estudos Feministas. A grande desvantagem é a desqualificação constante pelos pares de ser esta uma revista considerada militante; entretanto, é próprio caráter militante da Revista que permite a existência de expressiva participação da equipe em todo esse trabalho voluntário. Certamente a mesma militância que é responsável pelo desprestígio acadêmico de quem nela trabalha é, também, a sua impulsionadora. (Pedro, 2008, p. 94)

Por fim, destaca-se alguns questionamentos realizados por Yannoulas et al. (2000) sobre esse tópico, bem como uma possível resposta. As autoras perguntam:

É possível pensar uma epistemologia que possa dar conta de uma forma alternativa de se fazer ciência? É possível uma ciência que inclua as relações de gênero na produção do conhecimento? Como seria uma visão feminista da objetividade da ciência? . . . A produção de saberes situados requer que o objeto de pesquisa seja objeto e ator ao mesmo tempo como única forma válida de acercar-se do conhecimento real. Se a ética e a política são pilares fundamentais para a objetividade da ciência, esta mesma postura em relação ao objeto/ator é que seria considerada coerente. (Yannoulas et al., 2000, p. 446)

#### **4.4 Tornando-se feminista – impactos dos estudos sobre Feminismo na vida das entrevistadas**

As entrevistadas relataram diversos impactos positivos que tiveram com seus estudos, tanto na vida profissional, quanto acadêmica e pessoal, e impactos negativos dos obstáculos enfrentados. Dessa forma, é importante entender também como isso refletiu no presente, investigando se ainda estudam sobre o tema.

##### **4.4.1 Impactos positivos**

As participantes citaram impactos positivos de suas pesquisas na vida profissional, como na clínica (9) e na docência (2), na vida acadêmica (7) e na vida pessoal (2).

#### 4.4.1.1 Vida profissional

Como já destacado anteriormente, a clínica é um dos principais contextos nos quais a(o) profissional precisa estar atenta(o) às variáveis de gênero (Pinheiro & Oshiro, 2019). Dessa forma, um dos impactos profissionais mais citados pelas entrevistadas foi no contexto clínico. Há uma preocupação por parte das mulheres em atender o público feminino de modo a contemplar as questões de gênero envolvidas nas demandas das clientes. Dessa forma, o uso da terapia feminista, baseada nos princípios do Feminismo, vem sendo muito utilizada, de modo a atender mulheres de uma forma mais comprometida com questões de gênero (Fideles & Vandenberghe, 2014).

Uma das entrevistadas relatou como os seus estudos sobre o Feminismo afetaram sua prática: *“... perceber mulheres em situações de abuso ou assédio no geral, ficou mais fácil e mais fácil entender as contingências que elas estão inseridas. Eu acredito que isso afetou na qualidade do meu trabalho, no caso para acolher e ajudar essas mulheres”*. Algumas participantes destacaram como esses estudos sobre questões sociais e ampliação da sua visão sobre o tema podem ter um impacto positivo nas pessoas com quem trabalham. Uma delas relatou: *“... as pessoas que eu acompanho se beneficiam muito mais disso, muito mais assim, dessa capacidade de enxergar nuances assim das coisas, as relações de poder, acho que isso é importante”*. Uma das participantes afirmou saber do impacto disso ao observar o antes e depois de pacientes: *“é muito mais do que a gente observa do processo, muito mais alguns feedbacks assim que a gente percebe né, no sentido dessa mudança que é assim”*.

Outra participante também dá o exemplo da clínica para descrever como esses fatores podem aparecer e como estudar sobre o assunto instrumentalizou sua prática. Segundo ela:

*. . . se você vai trabalhar com mulheres têm muitas questões que vão ter a ver com toda essa aprendizagem cultural de estereótipos de gênero né. Então as queixas elas vão ter essa relação com os estereótipos, com o que foi aprendido, e eu acho que se eu não tivesse esse conhecimento eu sinceramente acho que a minha abordagem, ou a minha a prática seria menos adequada. Porque quando você tá usando só a técnica e você esquece que tem um indivíduo ali que tem uma história e que tem um gênero, uma sexualidade e etc., você meio que universaliza os tratamentos. E se a gente já tá partindo desse pressuposto de que cada um tem uma história e que isso vai trazer diferenças na maneira como a gente experiencia os eventos de vida, e diferentes eventos de vida são experienciados também, eu tenho que levar em consideração na minha prática. Eu acredito que conhecer mais sobre o Feminismo me ajuda a pensar em demandas que podem vir na área clínica e em como que eu vou pensar as minhas intervenções. Inclusive discussões, eu levo esse tipo de discussão para terapia.*

Em relação à questão trazida pela entrevistada sobre o risco de acabar padronizando os tratamentos, ignorando os aspectos específicos da mulher, pode-se citar a discussão realizada por Costa (2019) sobre a terapia em casos de relacionamento abusivo. Lidar com essas situações requer uma interpretação, um olhar e uma intervenção muito específicos, sendo necessário que a(o) terapeuta se instrumentalize para não reproduzir opressões que essa mulher já sofre fora do contexto terapêutico. Dessa forma, se destaca o argumento de que um tratamento universal não seria interessante, visto que relacionamentos abusivos demandam um cuidado diferenciado que outras queixas não demandam.

Algumas participantes também relataram os impactos na carreira como docente, como, por exemplo, citar em sala de aula exemplos de questões sociais. Esse ponto é discutido por Dalmaso-Junqueira (2022), a qual afirma que, mesmo com os desafios do conservadorismo

que foi crescendo nos últimos anos no Brasil, com o contexto da pandemia e da era digital, tem se expandido o trabalho docente feminista. A autora cita que são realizadas muitas vezes práticas educativas que buscam romper a desigualdade histórica que sustenta a sociedade brasileira, como os questionamentos trazidos em sala de aula, por exemplo. Uma participante cita como abordar essas questões pode auxiliar no engajamento da(o)s aluna(o)s na aula:

*Eu acho que é muito mais fácil você falar “nossa, realmente, esse negócio de Análise do Comportamento parece uma ciência muito interessante” se a gente começar a falar sobre problemas que as pessoas estão vivendo, sobre um caso que saiu na mídia.*

Uma das participantes destaca como o fato de ser mulher possibilita com que ela fique mais sensível ao que suas orientandas estão passando, diferente de um orientador homem, por exemplo:

*A gente é capaz de ter uma identificação e uma empatia porque a gente entende a contingência, a gente experencia. Então, é a diferença de comportamento, né, modelado pela contingência e comportamento governado por regra. O resultado é completamente diferente.*

Isso mostra que, apesar de estar havendo mais participação masculina nas lutas feministas (Marson, 1996), o fato de as mulheres passarem pelas contingências diretas do machismo faz com que essas fiquem mais sensíveis ao que outras mulheres estão passando, o que se mostra, então, também no contexto da docência. Além disso, houve também um aumento da procura por orientações com temas relacionados a questões sociais, impacto do crescimento de discussões até mesmo em sala de aula.

Uma entrevistada relatou que outras pessoas entram em contato com ela para conversar sobre sua pesquisa. Conforme ela:

*. . . de tempos em tempos alguém me contacta pra dizer “ah, sua pesquisa, eu estou estudando tal coisa”, desdobramentos a partir dali né. E eu fico feliz com isso assim, sabe, de saber que abriu, foi mais uma porta aberta para outras pessoas seguirem estudando coisas desse tipo.*

Também foi destacado como a pesquisa pode influenciar poucas pessoas, mas, da mesma forma, ser muito importante. A participante, que passou por uma situação assim, relata:

*. . . esse foi um impacto social em uma pessoa que pra mim é muito relevante, sabe. Eu acho que é isso, né, o Feminismo é o trabalho de formiguinha, né, a gente impactar uma pessoa que começa a pensar um pouquinho diferente.*

Esse é um ponto também citado pelas participantes da pesquisa de Landinho (2019). Foi destacado como a mudança gerada pelo contracontrole das mulheres em relação à desigualdade de gênero se dá de forma gradual, sendo muitas vezes efetiva em pequenos espaços e com poucos indivíduos. Isso porque o comportamento do grupo seria o resultado do comportamento de várias pessoas, sendo necessário atuar também nesse nível mais individual.

Por fim, uma delas relatou que estudar sobre o tema aumentou seu contato com outras mulheres que também se dedicam a essas discussões, e que isso a ajudou profissionalmente.

Segundo ela:

*. . . eu acho que o impacto tem muito a ver também com eu ter me conectado com outras mulheres que estudam isso. Isso foi um impacto bem bacana, eu gostei muito de conhecer outras mulheres que trabalham com isso e trocar ideias com elas sobre. Eu acho que isso muda a nossa autoestima profissional também, né, essa conexão com outras pessoas, ver que tem mais gente estudando assim.*

Nesse sentido, retoma-se o que Teixeira e Ferreira (2010) afirmam sobre como o contato com outras mulheres feministas pode auxiliar no interesse da pessoa por esses temas.

#### **4.4.1.2 Vida acadêmica**

O contexto acadêmico sempre foi voltado ao privilégio dos homens, seja no maior acesso desses ao ensino superior, seja no tipo de pesquisa produzida, a qual muitas vezes reproduzia/reproduz práticas de dominação masculina. Nesse sentido, surge a crítica feminista, a qual busca questionar essas formas de desigualdade que se mostram nesse meio. Segundo Bandeira (2008), o pensamento feminista buscou questionar aspectos como as diferenças entre gênero e sexo, as teorias que tratavam sobre a moral, a visão das mulheres retratadas nos materiais médico-ginecológicos, a invisibilidade da mulher na história, a exclusão da voz feminina na teoria da política, a exclusão das mulheres na ciência, entre outras. Além disso, também investiram na mudança na maneira de ler autores clássicos em diversos campos, compreendendo as estratégias que buscavam excluir as experiências femininas.

É nesse sentido que as entrevistadas afirmam ter sido impactadas em sua vida acadêmica após os estudos sobre o Feminismo. Algumas relataram como se tornaram mais críticas em relação a que tipo de conhecimento está sendo produzido, valorizando mais os



trabalhos feitos por mulheres e estando atentas à desvalorização feminina na academia. Uma delas relatou:

*. . . perceber como o papel da mulher fica em segundo ou último plano, né, e como homens ainda tem muito mais destaque no ambiente acadêmico . . . então eu acho que me tornei mais crítica academicamente nesse sentido de valorizar mais o trabalho das mulheres, mais do que eu já valorizava, e de perceber como essas análises podem... a compreensão do ser humano pode ser melhorada com base nesse tipo de estudo.*

Outra participante destacou como agora vê pesquisas considerando o viés de gênero, sendo crítica, inclusive, com respeito às suas próprias pesquisas. Conforme ela:

*. . . eu vejo que hoje eu não consigo ler qualquer pesquisa, qualquer coisa, ou ver qualquer tema sem colocar esse grau assim de análise relacionada à gênero. Então acho que é uma coisa assim, de o seu senso crítico ficar muito mais apurado também. E eu acho que enquanto pesquisadora isso deu um senso de pensar no que eu produzo, não só por um viés, ah, da questão acadêmica restritamente, mas pensar a que serve essas pesquisas, que outras questões de poderes, de opressão que podem estar relacionadas, como que a gente pode construir estudos que sejam, que tenham uma justiça social além de tudo, não só por eles serem mais diversos, mas também pelo que a gente vai fazer com esses resultados depois.*

Outra entrevistada também elucidou esse ponto: “Então às vezes na forma de analisar os dados, na forma de pensar no contexto que um artigo foi produzido, na forma de pensar para que que aquilo tá servindo né”.

Dessa forma, percebe-se como o Feminismo pode atuar questionando os pressupostos científicos, tornando o indivíduo mais crítico em relação ao conhecimento produzido.

#### 4.4.1.3 Vida pessoal

Quanto aos impactos na vida pessoal, foi destacado uma mudança na postura frente à certas questões como o voto, por exemplo, buscando um comprometimento maior com a perspectiva feminista na política. Segundo uma entrevistada: *“Agora eu sento e faço uma pesquisa em quem eu vou votar e busco votar em mulheres feministas para, né, todos os cargos que for possível votar numa mulher feminista”*. Autoras como Pinto (1994) já destacam a importância de haver mulheres feministas na política, principalmente em um país em que a representatividade feminina nesse contexto ainda é desigual em comparação aos homens.

Outra entrevistada relatou que tem dificuldades de separar a vida profissional e pessoal quando se trata de Feminismo, já que essas discussões permeiam vários aspectos da trajetória dela. Conforme a participante:

*. . . eu tenho dificuldade de separar a minha vida pessoal e profissional . . . É isso, o Feminismo não é só um negócio que eu estudo, é um negócio que eu sou, é um negócio que permeia minhas relações pessoais, que permeia minha autoimagem e como eu me enxergo no mundo. Então eu tenho dificuldade de separar o que foi que eu estudei pro trabalho, o que foi que eu estudei porque eu achei legal, e o que foi uma conversa que uma amiga teve sobre o namorado dela, e uma coisa que fui eu que tive uma percepção vendo um filme. Tipo, pra mim é tudo muito conectado assim, esses estudos assim são muito intrincados para mim. Acho que é diferente de alguém*

*que estuda um negócio que... sei lá, é muito separado da sua vida pessoal. Eu não consigo fazer essa limitação assim, eu não sei onde está a borda.*

Outra participante relatou que estudar Feminismo e ler dados sobre o assunto a deixou muito impactada, percebendo como a desigualdade de gênero está presente nos vários âmbitos da sociedade e como as mulheres são duramente prejudicadas por isso. A entrevistada afirma: *“então veja, dados que é de chorar assim, né”*.

Por fim, outra participante afirmou que ficou mais atenta aos seus relacionamentos, que agora confia mais no que sente e consegue se proteger mais. Isso se mostra muito necessário em casos de relacionamentos abusivos (Costa, 2019), nos quais é preciso estar atenta(o) a variáveis que podem contribuir para o abuso.

#### **4.4.2 Impactos negativos**

Pôde-se destacar em tópicos anteriores diversos obstáculos enfrentados pelas entrevistadas para estudar o Feminismo. Diante disso, algumas relataram impactos negativos sofridos devido a esses empecilhos. Houve participantes que repensaram o tema do seu estudo, que descreveram ter ficado irritadas com as situações ou até desmotivadas em alguns casos, como descreve esta participante:

*Acho que me desmotivava, sei lá, quando eu tava dando aula disso em 2016, em alguma Semana da Psicologia, alguma coisa assim, e via o pessoal saindo da plateia, gente virando o olho, gente levantando a mão pra questionar e vim com uns argumentos nada a ver. Isso me desmotivava. Acho que o que mais me machucava assim era tipo aluno jovem saindo fora.*

Percebe-se, portanto, que a ausência de reforçadores relacionados ao comportamento de debater Feminismo muitas vezes pode ter diversos efeitos, como, por exemplo, respostas emocionais descritas como irritação e desmotivação. Dessa forma, torna-se difícil manter esse comportamento por ser necessário se expor a contingências aversivas como as descritas.

Outra participante relatou que depois desses obstáculos ela começou a analisar mais em que contextos poderia falar ou não de temas relacionados à sua pesquisa, e de como isso difere de outros temas já consolidados na Análise do Comportamento. Segundo a entrevistada:

*. . . afeta eu falar sobre pesquisa, afeta a disseminação para o público leigo ou para um público específico, não precisa nem ser público leigo, pode ser um público acadêmico, dessas pesquisas. Então vamos supor, eu fiz a pesquisa... tudo ótimo. Eu tô aqui em uma mesa de bar cheio de pesquisador, eu vou falar sobre isso? Não sei. Como eu falaria se falasse sobre, sei lá, mindfulness? Não sei, né. Então impacta na reprodução daquele conhecimento assim, no quando eu me sinto confortável de falar ele numa mesa de bar ou numa aula ou enfim, qualquer coisa assim.*

Nesse caso, é possível perceber um processo de reforçamento diferencial do comportamento de estudar alguns temas em específico na Análise do Comportamento. A probabilidade de aceitação da introdução de temas mais consolidados na teoria em discussões com a comunidade acadêmica se mostra maior do que os temas como o Feminismo, por exemplo. Isso pode levar a um processo de extinção do comportamento de conversar sobre o tema, já que, como destacado anteriormente, as analistas do comportamento não serão reforçadas a abordar sobre o assunto e, possivelmente, ainda serão punidas.

Uma entrevistada relatou como esse processo fez com que ela evitasse o uso da palavra “Feminismo” em suas palestras, a fim de que as pessoas ficassem mais sob controle do que estava sendo discutido do que do termo em específico. Conforme uma participante:

*. . . em alguns contextos estruturados eu vou tentar apresentar sobre isso, discutir sobre isso, mas também de uma maneira bem, já esperando que assim, as pessoas estão partindo do pressuposto que o Feminismo é uma coisa ruim, né. Então, sabendo dos estereótipos negativos que existem e tentando evitar algumas palavras, ou inclusive esses posicionamentos assim.*

A literatura mostra como o termo “Feminismo” muitas vezes ainda é visto por uma perspectiva pejorativa (Marson, 1996). Além disso, como mostrou uma pesquisa realizada por Canuto e Borges (2013) com estudantes universitários, mesmo no caso de o Feminismo ser considerado algo positivo, como uma luta legítima, o termo “feminista” pode remeter à ideia de mulheres radicais, histéricas, que não gostam de homem ou que almejam o poder. Portanto, discutir sobre o tema ainda pode levar a resistências embasadas em estereótipos negativos relacionados ao movimento.

Outra participante relata ainda que passou a ter muita insegurança em questões de escrita por conta dos constantes questionamentos que recebia, além de uma outra relatar que acabava tendo “preguiça” de sempre ser questionada, ou seja, o custo da resposta de falar sobre o assunto era muito alto considerando a frequência com que duvidavam do seu conhecimento. Porém, duas delas afirmaram que os questionamentos as incentivavam a estudar mais para defender suas ideias. Como relata uma delas: *“talvez tenha gerado em mim mais vontade de provar que eles estavam errados”*.

Dessa forma, percebe-se que estar constantemente diante dessas consequências aversivas ao comportamento de estudar influencia o comportamento dessas mulheres de exercer o contracontrole, buscando defender suas teses diante dos questionamentos. O contracontrole, segundo Sá (2016), seria caracterizado por respostas que tenham como efeito prevenir, atenuar ou eliminar as consequências aversivas ao qual as(os) controladas(os) estão submetidas(os). As entrevistadas buscariam, então, emitir comportamentos que poderiam eliminar as consequências aversivas desses contextos, agindo contra o controle envolvido em práticas culturais de dominação masculina.

Uma participante afirmou que só não se sentiu mais afetada porque era muito impositiva, sendo que, por conta disso, muitas pessoas a consideravam grossa. Segundo ela:

*. . . eu acho que não foi mais porque eu sou uma pessoa muito impositiva, eu também sou pouco controlável muitas vezes. E muitas vezes eu nem percebia, pra falar bem a verdade. Acho que eu sou um pouco (inaudível) seletiva também. Então quando não me interessa eu não percebo. Então eu..., mas sim, mas ainda assim eu via esse tipo de impacto, né. Eu sou “agressiva”, eu sou “arrogante”, eu “não sei falar com os outros”, né. “Mas não é assim que você vai ensinar os homens a serem feministas”.*

Segundo Teixeira (2015), variáveis culturais e históricas de contingências coercitivas as quais as mulheres são impostas no decorrer da sua vida favorecem predominantemente um comportamento de passividade, como uma ausência de resposta explícita de contracontrole. Porém, diante de mudanças culturais, econômicas e da inserção da mulher em contextos como o mercado de trabalho, outras habilidades sociais vão sendo demandadas, como o comportamento de assertividade, por exemplo, caracterizado pela defesa dos direitos ou enfrentamento de situações com consequências potencialmente aversivas. No caso da

entrevistada, percebe-se que, diante das resistências ao estudo do Feminismo, foram necessárias respostas mais assertivas, mesmo que, possivelmente por ser mulher e ser cobrada por ter uma postura passiva, esses comportamentos tenham sido considerados como agressivos.

Outra participante relatou o quanto é cansativo, especialmente após a pandemia e com desafios atuais, estudar essas questões e se envolver nesse sentido. Como destaca ela:

*Eu acho que tá todo mundo muito cansado, eu acho que os efeitos da pandemia ainda estão aí. Então eu sinto isso no meu corpo, quando eu falei sobre vários motivos para não estar estudando mais tão avidamente. Mas eu acho assim, a vida no geral batendo, governo batendo, frustração, decepção, tristeza batendo, né. Então eu acho que isso também é uma variável.*

Apesar disso, algumas relataram ter conseguido superar esses obstáculos com o apoio de outras colegas que também estudavam o tema. Isso aconteceu principalmente no contexto do Coletivo Marias e Amélias, do qual seis entrevistadas participaram e relataram um pouco sobre como foi esse processo.

#### **4.4.3 Impactos no presente**

É importante analisar se os obstáculos enfrentados afetaram as entrevistadas o suficiente para que desistissem de estudar o Feminismo. Todas relataram continuar discutindo o tema, porém, em diferentes contextos. Muitas citaram a necessidade para o embasamento da sua prática profissional, como na clínica, por exemplo, ou em um sentido mais pessoal, como um tema que também perpassa sua própria vida. Uma entrevistada relata:

*. . . é algo necessário para minha prática clínica. Porque uma vez que você entende a importância, não só a importância do fenômeno em si, mas como ele afeta a vida das pessoas, e muitas vezes em forma de violência, e eu estou atuando na área clínica, eu preciso não só estar atualizada em relação às terminologias etc. e companhia, mas também possíveis intervenções. E, porque... e sinceramente, mesmo se eu não estivesse atuando na prática clínica, eu seguiria estudando porque eu sou mulher, então é um tema que me atinge de uma forma direta, mesmo que eu não queira, independente do estágio, do estágio ou da posição em que eu esteja.*

Outra entrevistada também chama a atenção para essa noção da necessidade desses estudos para uma boa prática clínica. Segundo ela:

*. . . bastante gente hoje dos meus pacientes são mulheres que trazem a questão de relacionamento abusivo, de algumas violências que elas nem às vezes nomeiam como violências, mas em função do gênero, em função de elas serem mulheres. Então eu senti a necessidade sim de permanecer estudando o tema, principalmente porque me ajuda a ser uma psicóloga clínica mais comprometida com valores éticos mesmo e sociais assim né, de não reproduzir machismos e violências às vezes no setting clínico, que é uma coisa que muito psicólogos infelizmente reproduzem por falta de conhecimento né.*

Retoma-se, então, o que já foi defendido por Pinheiro e Oshiro (2019) acerca da importância de considerar questões relacionadas à mulher na prática clínica.



Algumas relataram participar de grupos de estudo, ministrar cursos, discutir mais entre amigas, e realizar ações com movimentos e coletivos feministas, repetindo, como no primeiro contato com o movimento, o comportamento de estudar sobre o tema principalmente por iniciativa pessoal. Outras relataram que, por mais que ainda estudem informalmente, hoje não se dedicam tanto por estarem de certa forma “cansadas” em relação aos seus estudos sobre o assunto, já que é um tema difícil de ser estudado, com diversos preconceitos e com um custo de resposta alto. Percebe-se novamente, então, os efeitos das contingências aversivas a que estão constantemente expostas, levando-as a desistir de estudar o tema de forma tão aprofundada e sistematizada e permitindo o surgimento de diversas respostas emocionais.

Além disso, uma participante relatou que agora quer estudar outros temas do seu interesse, já que existem várias pessoas se dedicando ao Feminismo. Ela pontua:

*Continuo, mas eu tô bem cansada. Incrível né, dizer isso. Acho que uma parte dessa sensação é eu achar que já tem gente o bastante. É porque já tem bastante gente discutindo o tema, o que me deixa assim feliz e aliviada e um pouco mais tranquila. Então acho que é isso assim, uma parte da sensação de estar cansada é que tipo... e a outra parte é tipo assim, eu respondi um pouco as perguntas que eu tinha, eu quero olhar para outras coisas agora também, tem outras coisas que me interessam.*

Algumas entrevistadas relataram que continuam estudando de maneira informal, mas que não voltariam a estudar na academia, já que tiveram algumas experiências ruins nesse contexto. Uma das participantes relatou que, apesar de ter voltado para o contexto acadêmico para fazer doutorado, teve que pensar várias vezes, já que o processo do mestrado foi muito doloroso para ela:

*Uma coisa que eu sempre tive de alguma maneira, mas que no mestrado ficou muito difícil assim, eu tive muita dificuldade com prazo de escrita, tive muita dificuldade de produzir o texto, me questionava muito em relação ao que eu tava escrevendo, aí acabava enrolando, enrolando, procrastinando, e aí quando eu via o prazo tava super curto, e aí eu tinha que fazer a coisa de qualquer jeito né, e fazer sair assim né. Então assim, o processo do mestrado nesse sentido foi muito doloroso assim . . . Demorou um tempo inclusive para eu me acertar com a minha cabeça, no sentido de começar a fazer doutorado, sabendo que eu ia entrar de novo no processo todo de vida acadêmica, enfim né, e além de tudo seriam os 4 anos invés de 2, o que que é que significa do ponto de vista de quanto você vai se dedicar àquilo.*

Gomes (2017), ao realizar uma pesquisa sobre as variáveis que influenciam o comportamento de procrastinação de estudantes universitária(o)s, discute como no contexto acadêmico são cobradas diversas tarefas complexas, com prazos de entrega próximos e simultâneos, além de haver diversas consequências punitivas para o comportamento de procrastinar, como a reprovação, por exemplo. Além disso, esse ambiente exige das(dos) estudantes algumas habilidades que podem não ser muito presentes no repertório comportamental do indivíduo, como a própria prática de estudo e organização do tempo para realizar as atividades. Também foi destacado o custo de resposta para a realização de algumas tarefas, atividades concorrentes com a prática de estudar, o cansaço, falta de tempo, alta complexidade das tarefas, entre outros, o que leva a diversos respondentes emocionais como culpa, ansiedade, decepção, mal-estar, tristeza, medo e alívio.

No caso da entrevistada, é possível perceber que essas contingências envolvidas nas exigências acadêmicas e no comportamento de procrastinação tornaram o ambiente universitário aversivo, o que quase a impediu de prosseguir estudando o tema. Além disso,

também pode ter desenvolvido essa insegurança em relação à escrita por conta dos diversos questionamentos relacionados ao seu tema de estudo.

Outra entrevistada afirmou que está um pouco afastada das pesquisas por não receber mais demandas de alunas(os) para orientar, que precisa de um “braço” para iniciar o estudo. Por fim, uma das participantes do Coletivo Marias e Amélias relatou também que sente falta dessa comunidade verbal para discussão: *“Hoje em dia eu já me dou conta do quanto eu sinto falta dessa comunidade verbal, por exemplo né, que eu sinto que eu não tenho como eu tinha antes”*. Nesse sentido, destaca-se um ponto trazido por uma das participantes da pesquisa de Landinho (2019). Foi abordado como os grupos feministas podem auxiliar na continuidade dos comportamentos de estudar Feminismo e de discutir a desigualdade de gênero. Pela fala da entrevistada foi possível contatar, então, que esse era um papel importante do Coletivo Marias e Amélias.

#### **4.5 Sororidade – O apoio de “Marias e Amélias”**

Foi destacado nas entrevistas como a rede de apoio auxiliou as participantes a continuarem seus estudos. O principal contexto citado foi o Coletivo Marias e Amélias, já que várias das entrevistadas participaram do grupo. Cabe, então, descrever um pouco da história do Coletivo e como ele foi essencial para essas mulheres.

##### **4.5.1 Coletivo Marias e Amélias**

O Coletivo Marias e Amélias foi um tema recorrente nas entrevistas, sendo sua importância destacada não só pelas próprias participantes do coletivo, mas por outras entrevistadas que reconheceram o impacto do grupo para os debates do Feminismo e da

Análise do Comportamento no Brasil. Levando isso em consideração, foi requisitado que as participantes do coletivo relatassem mais sobre como foi a experiência, como esse projeto afetou seu percurso com o Feminismo e como auxiliou a enfrentar os obstáculos.

De acordo com as participantes, tudo começou em um episódio do programa do *Youtube* “Boteco Behaviorista”, o qual reunia periodicamente analistas do comportamento para discutir algum tema. Em um episódio, várias das mulheres que depois fariam parte do coletivo foram chamadas para falar sobre a intersecção do Feminismo com a Análise do Comportamento. Segundo as participantes, depois de terminar de gravar o episódio elas ficaram por horas conversando, falando sobre o tema e sobre como todas tinham interesse acerca do assunto, mas como faltava literatura e discussões sobre o tema, além da falta de embasamento teórico para os movimentos. Uma delas relatou:

*A ideia de fazer o nosso coletivo foi muito nesse sentido de nós todas já termos participado desses movimentos dentro da Universidade e sentir a falta de: “Ok, é um movimento social, precisa ter ação, precisa ter práxis. Mas essa ação é baseada em que?”. Era tudo muito, né, não tinha um embasamento teórico, né, uma coisa assim “Ok, mas segundo quem a gente tem que fazer desse jeito?”, né, “quais são as experiências que as pessoas têm?”, “qual é a filosofia que tá embasando isso?”, “qual epistemologia?”.*

Começaram, então, inicialmente por um grupo de estudos para discutir melhor o Feminismo na Análise do Comportamento, porém, como havia basicamente só a autora Maria Ruiz que discutia sobre esse tema em Análise do Comportamento, viram a necessidade de atuar em outras áreas. Em 2015, então, formaram o coletivo, criaram uma página no *Facebook* descrevendo seus objetivos e começaram a apresentar em palestras, escrever artigos

e buscar disseminar o Feminismo na Análise do Comportamento, apoiando outras analistas do comportamento nas suas pesquisas e auxiliando a participação das mulheres na academia. Uma participante relata como antes do coletivo não havia contexto para essas discussões, e o quanto foi importante estabelecer uma comunidade verbal para discutir sobre o Feminismo em Análise do Comportamento. Segundo ela:

*. . . sem o coletivo a gente não teria tido comunidade verbal mesmo assim para conversar a respeito. Porque era isso, não tinha ninguém estudando a respeito, aí ninguém se interessava muito, aí quando você ia falar com o pessoal mais figurão assim meio que morria o assunto. Então ter ali um conjunto de pessoas que tinham um repertório de pesquisa, porque várias delas já tinham também, ou estavam no mestrado, estavam no doutorado, já tinham feito. Aí a gente, né, foi caminhando juntas nesse sentido né.*

As entrevistadas relataram diversos desdobramentos do coletivo. Começando por um dos seus objetivos, de tornar o tema mais comum nos contextos de Análise do Comportamento. Uma participante afirma:

*Então a gente foi meio que se consolidando em torno de a gente aumentar a presença dessa temática dentro da Análise do Comportamento e fomentar mesmo isso acontecendo para fora da gente né, que não fosse só nós né. E assim, funcionou. Por um bom tempo inclusive. Funcionou bem na verdade assim. Funcionou de que a gente foi vendo mesmo né a temática ficando mais frequente, ficando menos essa coisa absurda de “meu Deus, como assim estudar Feminismo”, porque hoje é bem comum.*

Nesse sentido, uma das participantes relata como foi possível observar mesmo em congressos como o Coletivo foi conseguindo cumprir seus objetivos, havendo mais palestras nos eventos e também mais participação de outras mulheres. Segundo a entrevistada:

*A gente tinha assim, tinha mesa do grupo de Feminismo em todos os horários. Numa só a gente fez oito mesas, seis mesas, uma coisa absurda assim. Daí a gente ia se revezando. E disso para o ano seguinte... então, na primeira reunião do GT devia ter umas 15, 20 meninas. No ano seguinte tinha 60, 70, né. E daí no ano seguinte a gente foi vendo um monte de trabalho sobre Feminismo aparecendo na ABPMC, né. Então isso deu muitos frutos, né.*

Todas as entrevistadas que participaram do Coletivo chamaram a atenção sobre como o apoio dessas mulheres foi essencial para que elas não fossem tão impactadas negativamente pelas críticas e constantes questionamentos, para que pudessem ter uma comunidade verbal segura para discutir sobre o tema, e para que tivessem o apoio para continuar suas pesquisas. Uma das participantes relata:

*Se não fosse isso, se eu não tivesse tido esse contato, não tivesse tido esse conjunto ali de mulheres também junto comigo fazendo, eu não teria terminado o mestrado, por exemplo, ou não teria feito mestrado sobre Feminismo, talvez na primeira dificuldade que eu tivesse ali eu já teria mudado de assunto ali né, pra um tema mais comum. Ou assim, né, teria feito um negocinho ali e parado né. E isso virou de fato uma coisa que a gente foi levando ali para as nossas atuações, para as nossas práticas. E tanto que até hoje todo mundo ainda se relaciona com esse tema de alguma maneira, seja pesquisando, seja trabalhando assim né. Aí eu acho que foi importante para que essas*

*dificuldades não virassem uma coisa de que eu travasse ali né, não continuasse mais trabalhando com esse assunto.*

Outra entrevistada também relata algo semelhante:

*Foi uma coisa muito importante pra mim, não só pro estudo feminista, mas pra minha manutenção na pesquisa e na área acadêmica. Eu acho que se não tivesse tido o Coletivo Marias e Amélias, teria sido... eu não sei se não teria acontecido, mas teria sido muito mais difícil me manter mais vinculada à área acadêmica*

Também em relação ao apoio psicológico do coletivo:

*. . . o coletivo também ajudava por isso, porque a gente se fortalecia do tipo “ah, fulano falou isso”. Porque senão é uma coisa que você entra num looping de síndrome do impostor assim sozinha e vira um desastre emocional assim. Então a gente conseguia se apoiar nisso.*

Houve também o relato sobre a importância do coletivo para estabelecer mais contatos e possibilitar a participação em congressos. Segundo uma entrevistada:

*. . . eu não teria contatos para levar uma mesa, uma banca, uma mesa, um simpósio para algum lugar, para um congresso de nível nacional né que falasse de alguma coisa que interessasse. Provavelmente eu teria que entrar em algo que já não me interessasse mais, porque era do interesse de outras pessoas, mas algo que de fato eu me interessasse, que tivesse sentido para mim, para eu levar para o congresso de*

*nível maior científico eu não teria contatos o suficiente. Então o coletivo deu esse suporte para que a gente se inserisse nesses meios*

De acordo com as entrevistadas, o coletivo ficou, então, ativo por algum tempo e depois, como já havia cumprido seu papel, foi desativado aos poucos:

*O Coletivo Marias e Amélias ele foi ativo durante uns três, quatro anos. E aí chegou um momento em que a gente falou: bom, os propósitos que a gente tinha foram cumpridos, que era disseminar a Análise do Comportamento, né, as teorias feministas dentro da Análise do Comportamento, fomentar a presença de mulheres, né, em ações de liderança, e tentar fazer uma conexão entre uma coisa e outra. Então a gente já fez tudo que a gente tinha se proposto a fazer né. E aí a gente resolveu “não, ele vai ficar aqui latente e quando ele precisar ter outros objetivos a gente reencaminha”. E tá assim desde então.*

O Coletivo foi muito importante, então, para todas elas, tanto em relação a um suporte para continuar as pesquisas, quanto para ter uma comunidade verbal para discutir sobre o tema.

#### **4.5.2 Contingências de suporte**

Caldas (2022) realizou uma pesquisa com Coletivos Feministas de Mães Universitárias da Universidade de Brasília. Segundo a autora, os coletivos constituem importantes redes de apoio e suporte afetivo que auxiliam as mulheres na medida em que há um compartilhamento de informações pertinentes. As entrevistadas dessa pesquisa relataram



como esses coletivos oferecem um suporte psicológico e emocional, sendo um ambiente de trocas de experiências que trazem uma sensação de pertencimento.

A pesquisa realizada por Landinho (2019) também destacou os aspectos relevantes de grupos feministas. As mulheres entrevistadas nesse estudo, as quais participavam do grupo feminista intitulado Terças Feministas, destacaram diversas vezes como esse contexto é importante não só para o contato com o Feminismo, mas para a permanência do comportamento de estudo do tema e de enfrentamento de violências e desigualdades de gênero. O grupo torna-se, então, não somente um local de apoio e amparo, mas de auxílio para a emissão de comportamentos de contracontrole.

A autora bell hooks (2019) também chama a atenção para a importância da união das mulheres, especialmente considerando a grande diversidade entre elas. Faz uma distinção entre solidariedade e apoio para defender a ideia de que é necessário que as mulheres se unam e de forma permanente. Segundo a autora:

Quando as mulheres lutarem ativamente para compreender nossas diferenças, para mudar perspectivas distorcidas e equivocadas, lançaremos as bases para a experiência da solidariedade política. Solidariedade e apoio são coisas distintas. A experiência de solidariedade requer uma comunhão de interesses, crenças e objetivos em torno dos quais se possa formar uma aliança, uma irmandade. O apoio pode ser ocasional. Ele pode ser oferecido e retirado com a mesma facilidade. A solidariedade requer um compromisso firme, contínuo. No movimento feminista, para que possamos crescer, é preciso diversidade, divergências e diferenças. (hooks, 2019, p. 108)

Nesse sentido, Nicolodi e Hunziker (2021) também afirmam como é necessário que haja condições de contracontrole para todas as mulheres, não somente as de classe alta e

ensino superior completo. Seria necessário possibilitar essas ações para mulheres de diversas classes sociais, se alinhando com políticas públicas que possibilitem que todas elas possam identificar as contingências patriarcais e os prejuízos envolvidos.

Ruiz (1995) também destaca a importância da rede de apoio. Segundo a autora, a despeito da constante negligência e obscurecimento que as mulheres sofreram com o passar do tempo e que tiveram, de certa forma, um efeito enfraquecedor, essas têm encontrado apoio nos últimos anos com o crescimento de uma comunidade verbal feminista, sendo estabelecida uma linguagem psicológica que auxilia as mulheres a se expressar. Nesse sentido, para desenvolver essa linguagem seria necessário estabelecer um contexto no qual os mundos privados das mulheres se tornam importantes. Segundo a autora, realizar perguntas sobre as experiências das mulheres pode fazer com que elas tomem consciência de si mesmas e da multiplicidade de significados embutidos em sua vida, sendo essa uma das funções mais essenciais de uma comunidade verbal feminista.

Todos esses fatores puderam ser observados, portanto, no Coletivo Marias e Amélias. Houve um apoio conjunto entre as participantes, as quais ofereciam suporte psicológico em situações nas quais os comportamentos de estudar Feminismo eram punidos, gerando diversas consequências aversivas. Da mesma forma, foi um contexto em que elas puderam, por meio de discussões e do contato direto com as contingências aversivas, identificar cada vez mais as formas de controle coercitivo aos quais estavam expostas, podendo, dessa forma, exercer o contracontrole. Como já destaca Landinho (2019), iniciativas como essa se constroem e se mantêm porque o indivíduo consegue observar que existem mais pessoas lidando com as mesmas desigualdades que ele. Dessa forma, se torna possível uma união no grupo que permita mudanças na ordem social, beneficiando esse coletivo de pessoas.

#### **4.6 Inspirações – sobre as principais referências para os estudos feministas**

Nesse tópico será discutido as autoras e autores trazidos pelas entrevistadas como sendo importantes para o tema, buscando entender melhor sua pertinência e refletindo sobre o que ainda pode ser estudado. Isso será realizado por meio dos tópicos: i) literatura existente (considerando as autoras e autores, bem como textos importantes para os estudos); e ii) a literatura possível, considerando os assuntos propostos pelas entrevistadas que ainda não foram explorados.

#### **4.6.1 Literatura existente**

As participantes foram questionadas se existiam textos/autoras(es) que foram significativos nas suas pesquisas. A autora mais citada (10) foi a analista do comportamento Maria Ruiz, sendo uma das pioneiras no estudo do Feminismo relacionado à Análise do Comportamento. Rosendo e Nogueira (2020) mostram como essa autora teve papel crucial nos estudos e na disseminação de pesquisas sobre a interface entre a Análise do Comportamento e o Feminismo, utilizando da teoria do Comportamentalismo Radical para auxiliar na compreensão das variáveis ambientais que atuam na manutenção de práticas culturais machistas.

Skinner, como principal nome da Análise do Comportamento, também foi citado (1), principalmente por também se dedicar ao estudo de questões sociais, como, por exemplo, em seu livro *Beyond Freedom and Dignity* (1971). Além disso, Wolpert e College (2005) também trazem uma análise feminista do livro *Walden Two* de Skinner (1948/1976) no qual ele aborda, mesmo que brevemente, o papel da mulher nessa sociedade alternativa proposta pelo autor.

Também foram citadas outras referências internacionais como William M. Baum (1), que também se dedica a questões sociais, Sigrid Glenn (1), que tem seus estudos voltados especialmente para o âmbito da cultura, Mavis Tsai (1) e Robert Kohlenberg (1), fundadores da Terapia Analítico-Funcional (FAP), e Dermot Barnes-Holmes (1), com o seu Procedimento de Avaliação Relacional Implícita (IRAP).

Das analistas do comportamento brasileiras, foram citadas Carolina Laurenti (4), Táhcita Medrado Mizael (2), Valeska Zanello (1) e Emanuelli Castaldelli Silva (1), autoras dessas que têm desenvolvido pesquisas sobre questões de gênero e de raça, e as participantes do Coletivo Marias e Amélias (4), como, por exemplo, Aline Guimarães Couto, Laís Nicolodi, Marcela Ortolan, Ana Arantes, Amanda Oliveira de Moraes, Izadora Ribeiro Perkoski e Analu Ianik Costa, além do autor Luc Vandenberghe (1), com seus estudos sobre a prática clínica.

É importante destacar a presença das participantes do coletivo, já que é possível observar que todas se dedicaram ao Feminismo e produziram estudos sobre o tema, mesmo sendo em áreas diferentes. Segundo uma das participantes, como cada uma estudava um assunto diferente em Análise do Comportamento, o debate ficava muito rico, sendo levado temas diversos para os congressos.

No que diz respeito a autoras e autores que não eram analistas do comportamento, em um âmbito internacional foram citadas as autoras Audrey Geraldine Lorde (1), bell hooks (1) e Patricia Hill Collins (1), especialmente com seus textos sobre racismo e Feminismo, Simone de Beauvoir (2), um dos principais nomes do movimento feminista, e Gerda Lerner (1), a qual também se dedica ao tema de gênero. No âmbito brasileiro, foi citada a autora e socióloga Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (2), que também escreve sobre questões de gênero e Feminismo, e o autor Paulo Freire (1), o qual se dedica mais ao âmbito da educação.

Quanto aos textos, em um contexto internacional foram citados alguns de Maria Ruiz como “*Skinner’s radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions*” (Ruiz, 1995) e “*Personal agency in feminist theory: Evicting the illusive dweller*” (Ruiz, 1998), considerados como textos pioneiros nos estudos de Feminismo em Análise do Comportamento, e textos de Sigrid Glenn como “*Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism*” (Glenn, 1988), considerado como um dos mais importantes para se estudar cultura em Análise do Comportamento. No contexto brasileiro, foi citado o artigo “*Psicoterapia Analítica Funcional feminista: Possibilidades de um encontro*” (Fideles & Vandenberghe, 2014), já que foi um dos primeiros textos a abordar como o Feminismo pode ser inserido na clínica, e o artigo “*B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: ‘a mulher’ à luz do modelo de seleção pelas consequências*” (Silva & Laurenti, 2016), por ser também uma obra brasileira que destaca a intersecção entre o Feminismo e a Análise do Comportamento.

Apesar de as entrevistadas terem destacado inúmeras autoras, autores e textos, uma delas chama a atenção sobre como as conversas informais também são importantes para as discussões sobre Feminismo, além de muitas vezes ter essa cobrança incessante por referências, o que muitas vezes restringe o debate. Segundo ela:

*. . . as discussões, os espaços de discussão dentro do movimento estudantil e nos espaços de convivência, como o centro acadêmico ou mesmo mesas de bar, de sentar no restaurante universitário com amigos e afins, tiveram um papel muito mais incisivo e importante para as minhas reflexões do que necessariamente textos específicos. Não que a parte teórica não seja importante, ela é, muito. Mas eu tenho a percepção de que, principalmente quando a gente fala sobre alguns tópicos que são difícil aceitação, como no Feminismo, a gente só tem uma validação externa se a gente cita*

*X, Y e Z, sabe, a gente sempre precisa estar carregadas de referências, e enquanto, quando a gente vai conversar sobre outros assuntos, não relacionados a questões sociais, a gente não precisa estar apresentando “não, mas olha aqui ó, dados”. É como se a gente tivesse constantemente precisando comprovar e “não, outras pessoas disseram, outras pessoas pesquisaram, então não é um assunto... eu não tirei da minha cabeça”, sabe.*

#### **4.6.2 Literatura possível**

Vários foram os temas listados que ainda precisam ser estudados na Análise do Comportamento. Foram citados assuntos relacionados à prática clínica (5), como a terapia feminista (2); terapia de casais (1); treino de psicoterapeutas (1); o impacto do atendimento a mulheres com suas especificidades (1); o impacto de ser um terapeuta homem ou uma terapeuta mulher (1); mais ferramentas para trabalhar questões de gênero na clínica (2); e assuntos específicos da clínica com mulheres como a autoimagem (1), autoestima (1), expressão de sentimentos (1), assertividade (2) e habilidades sociais (1). Como já destacado anteriormente, a área clínica continua sendo uma das mais escolhidas pelas(os) estudantes e profissionais de Psicologia (Silva & Fermoseli, 2020), sendo que muitas entrevistadas chamaram a atenção para a necessidade de um embasamento teórico para guiar a prática, especialmente sobre questões de gênero.

Foi citado também práticas de gênero (1); alocação de reforçadores a depender do sexo do indivíduo (1); socialização básica (como o gênero é ensinado para crianças) (1); estudos longitudinais (1); questões de trabalho (2); questões de violência doméstica (2) e profissionalização de quem trabalha com o tema (1); relacionamentos (2); masculinidade e

estudo dos homens (2); questões relacionadas à escola (2) e orientação de pais (2); contribuições de outras áreas, como a Psicanálise (1), por exemplo.

Também foi citado mais ferramentas de intervenção comportamental para promover igualdade de gênero e o combate à hierarquia sexual (1); um olhar atualizado e questionador dos conceitos que a Análise do Comportamento desenvolve (2); tratar de fenômenos complexos, para além do controle experimental (1); patriarcado e agências de controle (semelhanças entre os conceitos) (1); questões básicas de desigualdade (1); relação das políticas públicas relacionadas à saúde reprodutiva e ao aborto (1); sexualidade (1); lesbofobia (1); Feminismo negro (2); silenciamento de mulheres e roubo de ideias (1); estudos no contexto hospitalar (1); e questões relacionadas à maternidade como perinatalidade (1) e mães solo (1).

Todos esses temas destacados mostram como ainda falta muito a ser explorado da Análise do Comportamento acerca de questões de gênero. Além disso, mostra a potencialidade da interface da teoria com o Feminismo, utilizando a Análise do Comportamento como instrumento para refletir sobre as desigualdades de gênero. Nesse sentido, uma participante destaca:

*Então acho que tem todos esses olhares aí, tanto... nos dois sentidos né, tanto usando a Análise do Comportamento como ferramenta de instrumentalização do Feminismo, quanto olhar para que tipo de conhecimento a gente constrói na Análise do Comportamento a partir desse olhar crítico do Feminismo de que as decisões que a gente toma ali impactam socialmente, impactam a longo prazo, impactam amplamente a vida das pessoas né.*

#### **4.7 Por que estudar? A importância das pesquisas sobre o tema**

As entrevistadas trouxeram, também, sobre qual a importância de estudar Feminismo e questões sociais na Análise do Comportamento, bem como se esses estudos deveriam permanecer. Todas concordaram que era necessário continuar estudando. Foram citadas algumas questões sobre a necessidade de a teoria ser comprometida com questões sociais (8) e a importância de uma prática responsável socialmente (4).

#### **4.7.1 Uma ciência comprometida com questões sociais**

Segundo Sampaio e Andery (2010), considerando o constante interesse da Análise do Comportamento pelo comportamento humano, o qual também envolve o ambiente social do indivíduo, a teoria acaba se obrigando a tratar de fenômenos sociais. Esses, segundo os autores, seriam caracterizados por eventos de interesse científico que envolveriam o comportamento de diversos indivíduos.

Andery (1990) também chama a atenção para como Skinner demonstra acreditar, durante o desenvolvimento de toda a sua obra, que seria preciso transformar o mundo utilizando uma ciência do comportamento. O autor, principal teórico da Análise do Comportamento, traz principalmente em seu livro *Beyond freedom and dignity* (Skinner, 1971) sobre a necessidade de a teoria se envolver em questões sociais, como a fome e a pobreza. Além disso, em sua teoria sobre a Seleção por Consequências (Skinner, 2007) também destaca como é necessário se dedicar ao estudo das práticas culturais, o que pode incluir práticas de desigualdade de gênero. Uma entrevistada chama a atenção para essas características da obra skinneriana e como muitas vezes esse aspecto é ignorado. Segundo ela:



*O Skinner quando começou a estudar rato em 1932 ele estava querendo estudar o rato pra saber como que funcionava o comportamento humano. Quando ele explicou o comportamento humano ele, né, falou assim “agora eu vou estudar linguagem, porque o importante é a gente saber o porquê que a gente se tornou tão diferente dos outros”. E aí quando ele foi estudar linguagem ele falou assim “agora eu vou explicar o que eu realmente queria explicar que é o comportamento social”. . . eu acredito muito no que Skinner trouxe sobre a nossa responsabilidade enquanto analistas do comportamento frente à nossa atuação com a comunidade em geral. E isso é algo que ele pontuou muito na obra dele, e convenientemente é muito esquecida quando a gente vai observar, enfim, pesquisas desenvolvidas e afins. E pessoalmente e profissionalmente eu percebo o quanto os estudos eles ainda são rasos.*

Ruiz (1995, 2003) também afirma que Skinner, com obras como *Walden Two* (1948/1976) e *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), traz um grande interesse pelo design da cultura, tendo a Análise do Comportamento uma longa tradição de trabalhos com objetivos de mudanças sociais. Porém, a autora afirma que os resultados desses estudos foram aplicados em contextos como escolas, prisões, clínicas, empresas e programas comunitários, sendo destinada pouca atenção aos contextos que envolvem gênero.

Uma das participantes descreve como a Análise do Comportamento precisa se dedicar a essas questões para se manter como uma ciência válida e útil, que consiga ter suas contribuições. Segundo ela:

*Eu acho que é indispensável, tanto de um ponto de vista de sobrevivência da nossa ciência mesmo, eu acho que para ela se manter relevante ela tem que começar a dar conta dessa complexidade que eu falei um tempo atrás, de começar a elaborar os*

*conceitos de uma forma que eles sejam mais aplicáveis nesses contextos de extrema complexidade que a gente tem e de mudança constante e de contingências muito mais difíceis de descrever mesmo sabe. Eu acho que é só falando sobre problemas sociais que a gente consegue se manter relevante como ciência, e uma ciência só sobrevive enquanto ela é útil. É muito pouco útil a gente falar sobre organismos isoladamente, a gente precisa desse caráter, e quando a gente está falando sobre seres humanos, a gente está falando sobre isso, pelo menos no contexto que a gente tem, sobre constante desigualdade de contingências, pessoas que interagem direta ou indiretamente, influenciam a vida umas das outras, mas que não tem o mesmo poder.*

A questão de uma ciência sendo verdadeira apenas se for útil é algo já discutido no contexto do Comportamentalismo Radical, na medida em que adota a perspectiva de ciência advinda do Pragmatismo. Nessa visão, considera-se como verdadeiras crenças que possibilitam lidar de forma efetiva com a realidade, que possam atuar na resolução dos problemas do ser humano. Têm-se como critério de verdade a utilidade, ou seja, busca-se, por meio de investigações científicas, explicações do comportamento que sejam úteis (Baum, 2019; Tourinho, 2003). Nesse sentido, a entrevistada exemplifica esse ponto, trazendo sobre a necessidade de considerar todas as variáveis que influenciam o comportamento de modo a manter-se uma ciência útil e efetiva na resolução dos problemas humanos.

Destacou-se também como é importante não só estudar, mas explorar o potencial da Análise do Comportamento para as mudanças sociais. De acordo com uma participante:

*. . . eu acredito que essa ciência tenha potencial para realmente fazer muitas mudanças, né, eu acredito que aquilo que a gente estuda faz sentido e é por aí mesmo. Então eu acho que, se ela é assim tão poderosa, a gente consegue mesmo modificar o*

*comportamento das pessoas, a gente tem que estar usando urgente para fazer coisas que são urgentes, né, de lutar contra opressões, contra violências.*

Nesse sentido, Holland (2016) afirma como a Análise do Comportamento tem potencial para auxiliar na melhora da vida dos indivíduos, atuando no manejo das contingências para resolver os problemas sociais. Descreve como a teoria já teve sucesso na modificação do comportamento em contextos como a reabilitação de detentos, a educação, o manejo de sala de aula, e como ainda tem muito a contribuir com uma sociedade mais igualitária e justa.

Além disso, também foi destacado como o estudo de questões sociais e Feminismo deve ser tão importante quanto qualquer outra área, não sendo interessante hierarquizar. Como afirma uma participante: “... eu acho que é fundamental, tanto quanto pesquisa básica, tanto quanto, sei lá, qualquer coisa... não vejo sentido em hierarquizar graus, acho que todos são importantes”.

Esse ponto é discutido por Mace e Critchfield (2010), os quais abordam sobre a denominada pesquisa translacional. Segundo os autores, esse tipo de estudo busca unir os princípios fundamentais da Análise do Comportamento com problemas cotidianos, se afastando de uma pesquisa “puramente básica”, a qual ficaria separada do mundo que deveria explicar, ou “puramente aplicada”, a qual se desvincularia dos processos que moldam o mundo que busca melhorar. Nesse sentido, seria necessário produzir uma pesquisa que considerasse os dois campos de estudo, evitando, dessa forma, hierarquizações entre as áreas e possibilitando uma contribuição mútua.

Por fim, uma entrevistada chama a atenção para a necessidade de abordar as questões sociais na Análise do Comportamento também por um viés crítico em relação à própria teoria, ou ao próprio Skinner. Segundo a entrevistada:

*. . . a gente tem visões que a gente vai colocando para frente sem que a gente reflita sobre elas, a gente estuda, mas sem saber o que a gente tá querendo, enquanto projeto de sociedade, ou se todo mundo quer, ou se basta querer o que o Skinner queria né . . . que eu acho que também me incomoda um pouquinho às vezes quando eu vejo a, os estudos da Análise do Comportamento, que eu tenho a sensação de que precisa pedir bênção para as visões do Skinner assim, as visões dele são as visões que a gente tem que ampliar né, sendo que não necessariamente. Ele viu o que era necessário de ser visto, e não necessariamente também a gente não pode discordar amigavelmente. Porque tinham valores ali, né. Tinha valores dele, dele inclusive como cidadão americano, como cidadão que viveu em uma certa época e tal.*

Esse ponto também é trazido por Wolpert (2005). A autora afirma que Skinner, mesmo sendo visionário, foi produto do seu tempo, refletindo o ponto de vista euro-americano androcêntrico da época, sendo necessário, portanto, considerar esse aspecto.

#### **4.7.2 Uma prática com responsabilidade social**

Neves e Nogueira (2004) chamam a atenção para como o *setting* terapêutico também é um contexto social no qual tanto clientes quanto terapeutas são afetados por questões relacionadas à estereótipos de gênero, por expectativas sociais de cada um dos sexos e por discursos de poder, podendo esses ser mais implícitos ou explícitos. Nesse sentido, caberia à(ao) terapeuta estar constantemente se questionando sobre o que leva para o processo terapêutico e como essa bagagem influencia os posicionamentos e expectativas de formar indivíduos funcionais, adaptados e normativos.

Esse é um ponto trazido por uma das entrevistadas, a qual destaca como é necessário considerar as questões sociopolíticas que atravessam tanto as(os) psicólogas(os) quanto as(os) pacientes. Segundo ela:

*. . . eu acho que nessas questões sociais, como a gente, o terapeuta e a terapeuta, né, e clientes, entram com esse contexto sociopolítico em sessão, a gente precisa ter consciência de que bolha nós viemos, de que privilégios nós tivemos, e como, a partir da nossa história, nós aprendemos a entender o mundo, tá. Então a gente precisa entender muito isso, ter consciência disso, dessas variáveis. E depois, quando a gente olha para os nossos clientes, a gente também precisa entender que esse cliente é fruto de uma história, né, cultural específica, e que ele vem com várias questões por aí.*

Ela apresenta, então, exemplos de como ignorar essas questões sociais pode levar à uma prática danosa, em qualquer área de atuação. Ela descreve:

*. . . se a gente não é sensível às questões sociais, e que nós estamos num país totalmente desigual que não existe meritocracia aqui, né, e que não existe igualdade entre homens e mulheres, por exemplo, e que a gente tem uma sociedade feita por homens para homens, se a gente não entende tudo isso, a gente não consegue ser bons psicoterapeutas e nem bons psicólogos em qualquer área que nós formos trabalhar, né.*

Uma entrevistada traz, então, a importância de considerar as questões sociais tomando como base a teoria da Seleção por Consequências de Skinner. Como relata uma participante:

*. . . se você estuda deslocado, como se o ser humano fosse deslocado da sociedade, nem faz sentido ser analista do comportamento, porque o tempo inteiro a gente tá aprendendo lá “ah, seleção ontogenética, filogenética e cultural”, né, mas na prática a gente acaba, entre aspas, “esquecendo”, eu acho que no mínimo você vai ter uma atuação ali incompleta e que pode ser danosa se você não leva em consideração as estruturas sociais sabe.*

Skinner, em sua teoria sobre a Seleção por Consequências (Skinner, 2007), aborda sobre a importância de considerar os três níveis de seleção para o estudo do comportamento: nível filogenético, ontogenético e cultural, estando as questões sociais mais presentes no terceiro nível de seleção. Segundo Pinheiro e Oshiro (2019), muitas intervenções clínicas focam principalmente no nível ontogenético, dando menos ênfase às variáveis culturais, especialmente àquelas envolvidas na desigualdade de gênero, o que prejudica o processo terapêutico.

Também foi mencionada a importância de trazer mudanças no âmbito cultural e de políticas públicas, especialmente em um contexto em que uma onda conservadora retornou. Seria preciso, então, voltar o olhar para as questões sociais de forma ainda mais crítica. Conforme uma entrevistada:

*. . . a gente traz dentro dos movimentos essas mudanças de pessoa para pessoa, de indivíduo para indivíduo, né. Mas quando a gente traz isso virado mais pra cultura, para um culturante, a gente pode pensar nisso já visando políticas públicas.*

Lemos (2018) descreve como as(os) analistas do comportamento poderiam auxiliar no processo de consolidação de políticas públicas acerca de problemas sociais. Segundo a autora,

a Análise do Comportamento poderia auxiliar com questões como: i) levantamento de dados para identificar macrocontingências envolvidas no problema, contando com comportamentos individuais, comportamentos entrelaçados e seus produtos, as consequências que mantêm esses comportamentos e o seu efeito social; ii) identificação de práticas que devem ser consolidadas, analisando as atividades propostas, fazendo previsões de mudanças nos comportamentos dos indivíduos, ou ainda propondo outras contingências que possam modificar o comportamento da forma desejada; iii) condução de testes preliminares das intervenções em escalas menores; iv) acompanhamento da execução das atividades propostas, estando atentas(os) aos efeitos das variáveis independentes nas variáveis dependentes; v) análise da eficácia posterior dos programas; dentre outras ações. Nesse sentido, destaca-se como esse processo poderia ser utilizado no desenvolvimento e implementação de políticas públicas relacionadas à desigualdade de gênero, valendo-se do conhecimento da Análise do Comportamento para atuar no planejamento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, destaca-se a importância do envolvimento das mulheres no desenvolvimento de políticas públicas, já que, como já afirma Holland (2016), em nosso sistema social atual as pessoas que estão no poder que irão determinar quais os comportamentos serão modificados e com que objetivo, estando a ciência a serviço desses indivíduos. Portanto, por haver um maior predomínio de homens no contexto político (Brasil, 2016), os quais irão deter o poder, corre-se o risco de que a modificação dos comportamentos tenha como objetivo a legitimação de práticas opressoras, sendo necessário, então, que as mulheres participem mais desses contextos para buscar mudanças que promovam uma maior igualdade de gênero.

Outra participante chama a atenção para a necessidade de se valer de estudos de outras áreas que também se dedicam ao tema e traduzir para a concepção de mundo da Análise do Comportamento. Segundo ela:

*. . . todos esses estudos são de várias outras áreas, e nós, como temos uma concepção de mundo, né, diferente muitas vezes, a gente tem aí um modelo filosófico, né, muito coerente, conceitual, teórico e tudo mais, a gente precisa sim eu acho que continuar cada vez mais se debruçando sobre esses estudos já feitos, traduzindo esses estudos dentro da nossa visão de mundo, né, e fazendo pesquisa.*

É possível citar como exemplo o trabalho realizado por Silva e Laurenti (2016), as quais interpretam a teoria de Simone de Beauvoir, um dos principais nomes do Feminismo, por um viés analítico-comportamental, tomando por base a teoria de Skinner de Seleção por Consequências.

Por fim, uma entrevistada destaca como é importante fazer um trabalho mesmo que de “formiguinha”. Segundo ela:

*Então tudo isso precisa estar em movimento para que a gente possa ir retroalimentando a base para ir mudando ali aquele meu único participante que talvez agora comece a conversar mais sobre isso, e aos pouquinhos tendo mais espaço para talvez votar numa pessoa diferente, e, sabe, um pulinho de formiguinha a gente vai tendo uma mudança né, na estrutura.*

#### **4.8 Haverá um futuro?**

Por fim, as entrevistadas foram questionadas sobre como superar os obstáculos para estudar o Feminismo e questões sociais e como estabelecer mais contextos para essas discussões. Foi citada a questão da representatividade feminina na área, com a necessidade de



valorizar o trabalho de pesquisadoras mulheres e lutar por mais espaços, cargos na área acadêmica, na pesquisa (3), além de criar contextos para que outras mulheres se dediquem ao tema (1); o investimento em mais debates, como inserir questões sociais no âmbito acadêmico (11), seja em disciplinas (5) e/ou congressos (8), de forma obrigatória, dar mais oportunidade para jovens falarem em congressos (1), ter mais professores que se dediquem ao tema (1), aumentar a literatura (2) e também dialogar com outras abordagens (1). Também a importância da disseminação do conhecimento produzido, levando os conhecimentos da Análise do Comportamento para fora da academia (1) e investindo nas escolas (1), ter a Análise do comportamento como objeto de estudo, refletindo sobre si mesma (1), e a defesa do ensino público (1), ampliando o acesso à educação e investindo em políticas públicas (1).

Além das respostas para essa pergunta, também podem ser discutidos outros pontos relacionados ao futuro dos estudos do Feminismo e das questões sociais na Análise do Comportamento, como tornar essas pesquisas uma prática consolidada na teoria, ao invés de um comportamento individual como constatado por meio das entrevistas, e formas que a Análise do Comportamento pode auxiliar na busca por uma maior igualdade de gênero.

#### **4.8.1 Aumento da representatividade feminina na área**

Segundo Silva e Arantes (2019), as mulheres analistas do comportamento vêm contribuindo para a expansão e a disseminação da Análise do Comportamento no Brasil desde 1960. Atuaram realizando pesquisas, criando cursos, departamentos, laboratórios e centros de formação, ministrando disciplinas nas principais universidades brasileiras, dentre outras contribuições. Porém, pesquisas mostram como a presença feminina muitas vezes ainda é inferior à masculina.

Um estudo realizado por Laurenti et al. (2019) trouxe diversos dados acerca da representatividade feminina na ciência e na Análise do Comportamento. As autoras investigaram a prevalência do público feminino em diversos âmbitos, como nos programas de pós-graduação de Análise do Comportamento, tanto como alunas quanto como docentes nos programas *stricto sensu*, o número de bolsistas mulheres em pesquisas da CNPq e a quantidade de estudos publicados por mulheres em periódicos da Análise do Comportamento. Além disso, também trouxeram dados sobre como há uma presença reduzida de mulheres no corpo editorial de periódicos de Análise do Comportamento no Brasil, especialmente na função de editor chefe e editor associado. Uma das entrevistadas chama a atenção para esse aspecto, discutindo a importância das mulheres nesses cargos de decisão. Ela esclarece:

*. . . se eu for sair da comissão, eu posso sair porque eu estou dando conta, porque, né, sou mulher infelizmente e esse mundo não é para mim, mas é outra mulher que eu quero aqui, né. Então se vai trocar gestão, eu quero uma gestão de mulheres. Se eu vou escolher banca para os meus trabalhos, eu quero uma banca de mulheres. Porque tem muitas mulheres competentes que podem estar na minha na minha banca. Se eu vou, sabe, se eu vou, no processo seletivo de mestrado e doutorado, entre um homem ou uma mulher, dependendo do projeto e tudo mais obviamente, é a mulher que entra, né. Então a gente tem que estar olhando muito para isso e cuidando, porque senão rapidamente eles invadem e a gente perde espaço, a gente perde representatividade, né, a minha questão é muito isso.*

Outra participante também destaca a importância de dar oportunidade para outras mulheres agirem, abordando sobre como é necessário fazer o possível, mesmo que não seja algo extraordinário. Ela destaca:

*Eu sinto que uma coisa que me ajuda pessoalmente é isso de ir tentando fazer o que dá para mim né. Porque isso, a gente precisa fazer o que dá, não precisa fazer assim uma coisa incrível, revolucionária, mirabolante, uma pesquisa que vai abalar as bases assim, que se a gente entrar nessa vai ficar muito difícil de fazer, que isso é um esforço muitas vezes coletivo, então é difícil de dar conta sozinha. E também assim, isso acaba entrando junto com criar condições para que isso possa ser feito né. Se eu posso criar condições eu tento criar, para que outras mulheres possam seguir pelo mesmo caminho né.*

#### **4.8.2 Investimento em debates**

Já foi debatido em outros tópicos sobre a importância de inserir questões sociais no âmbito acadêmico, seja em disciplinas, contexto já destacado por Landinho (2019) como sendo importante para o contato com o Feminismo, ou congressos/encontros como a ABPMC, ABAI, JACs, abordando discussões, inclusive, de forma obrigatória, e não como um bônus.

Uma entrevistada destaca:

*Questões sociais deveria entrar como uma obrigatoriedade, pensar em mais espaços de divulgação científica que sejam abertos a esse tipo de discussão, sem encarar como se fosse algo desnecessário, ou um extra, um bônus, mas como algo essencial para nossa discussão, para nossa produção científica como um todo.*

Além disso, uma participante discute sobre como os eventos, como a ABPMC, por exemplo, também precisam ser mais acessíveis, sendo em várias regiões, gratuitos e em universidades diferentes.

Ainda outra entrevistada destaca a necessidade de dar mais oportunidades para pessoas mais jovens palestrar em congressos, trazendo suas contribuições mais atuais, inclusive no que diz respeito aos estudos sociais. Segundo a entrevistada:

*. . . você via o impacto que isso tinha na galera um pouquinho mais nova que estava ali na graduação e pensando em, né, seguir com a carreira acadêmica e o impacto que isso provavelmente deve ter tido também nessa velha guarda . . . De dizer assim “opa, espera aí, a gente tem a nossa relevância, mas essa galera jovem aqui está construindo muita coisa importante também.*

Algo que também foi destacado por uma entrevistada é o problema da falta de professoras(es) que se dediquem ao tema, que as poucas pessoas que estudam questões sociais muitas vezes não dão conta da demanda. Ela relata:

*. . . muitas pessoas não faziam pesquisa porque falavam “ah, não tem orientador” . . . E aí assim eu fico assim “ai meu deus, preciso de mil horas semanais pra dar conta de todas as coisas”. Porque eu queria pegar todo mundo e falar: “não, vamos discutir”, né, mas infelizmente eu não consigo.*

Narvaz (2009) realizou uma pesquisa sobre a invisibilidade do gênero na psicologia acadêmica. Um dos aspectos que a autora investigou foi a presença do termo “gênero” em Linhas de Pesquisa, Projetos de Pesquisa e Teses e Dissertações contados na base de dados

digital da UFRGS. Foram encontrados apenas cinco registros de Linhas de Pesquisa utilizando o termo, sendo 0,24% do total da universidade e nenhuma no campo da Psicologia. Em relação aos Projetos de Pesquisa, foram encontrados 19 com o uso do termo, contabilizando 0,31% em comparação com o total de publicações e tendo somente um de Psicologia. As Linhas de Pesquisa que constariam o termo “gênero” seriam coordenadas predominantemente por mulheres reconhecidas nacionalmente e consolidadas com publicações sobre o tema, sendo consideradas especialistas. Em relação às Teses e Dissertações, foram encontrados 220 com o uso do termo, representando 2,25% das publicações totais e sendo 15,90% na Psicologia. Além disso, a pesquisa também trouxe dados sobre o número de professores e professoras que orientaram pesquisas sobre gênero no Instituto de Psicologia, sendo 11 professores e 24 professoras.

Todos esses dados evidenciam a marginalização dos estudos sobre gênero nas universidades. Considerando o baixo número de Linhas de Pesquisa sobre o tema, é possível constatar que poucas(os) professoras(es) apresentam como foco questões de gênero, sendo que, conforme a pesquisa, aquelas que se dedicam mais ao tema são consideradas especialistas. Dessa forma, o número de publicações também fica reduzido, visto que não se estabelecem contingências para o incentivo desses estudos. Além disso, o número maior de orientadoras mulheres em comparação aos homens pode indicar como essas discussões realmente se restringem mais ao público feminino.

Nesse sentido, uma das entrevistadas destaca como é importante a presença de professoras(es) dedicadas(os) a estudar o tema. Segundo ela: *“Então acho que quando a gente tem também, nossa, isso ajuda demais assim, ter professores que a gente vê que estão interessados, engajados e abertos a discutir essas questões, que eles estão em uma posição ali né”*.

Uma das participantes da pesquisa de Landinho (2019) traz como teve o primeiro contato com o Feminismo por meio de uma professora, a qual possibilitou que ela acabasse com seus preconceitos em relação ao movimento e pudesse finalmente se declarar como feminista. Além disso, como já destacado por Darmaso-Junqueira (2022), mesmo com um contexto acadêmico muitas vezes conservador, professoras(es) podem conseguir trazer discussões e iniciativas feministas, além de prezar por uma maior igualdade de gênero dentro da sala de aula.

Algumas participantes discorreram também acerca da importância da literatura, destacando, principalmente, o livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento* enquanto marco das discussões sobre Feminismo no Brasil, o qual teve uma grande repercussão. Foi relatado como ele foi elaborado com a intenção de difundir as discussões de Análise do Comportamento com o Feminismo, bem como uma forma de colocar os debates que estavam acontecendo nos congressos, que muitas pessoas não tinham acesso, no papel. Uma das organizadoras do livro afirma:

*Porque o que a gente notava é que assim, os trabalhos de, né, essas discussões de Feminismo e Análise do Comportamento acabavam ficando muito restritas aos congressos da ABPMC, que são congressos caros que pra quem tá na graduação nem sempre as pessoas conseguem pagar, e tem gastos de viagem e tal. Então a gente tinha essa impressão de que ficava meio que em clubinhos né, não ficava nesses pequenos grupos . . . E aí seria uma maneira entre aspas de “cristalizar” as coisas que a gente conhecia né.*

As organizadoras do livro relataram que, quando tiveram a ideia para o livro, fizeram uma lista de todas as pessoas que sabiam que estudavam Feminismo, afirmando que ficaram

surpresas com a grande quantidade de autoras. Isso mostrava, então, como a discussão estava acontecendo, mas não estava sendo sistematizada.

Por fim, uma participante destacou a importância de também dialogar com outras abordagens que discutam o tema. Segundo ela: “. . . coisas mais amplas misturando outras abordagens, porque tem outras abordagens que também, né, estão se enveredando para esse lado, e a gente poderia se beneficiar também desse diálogo inter abordagens”.

Algumas pesquisas mostram como esse diálogo é possível. Um exemplo é o artigo de Orrú (2008), a qual discute sobre o trabalho educacional com autistas por uma perspectiva da Análise do Comportamento e da abordagem histórico-cultural.

#### **4.8.3 Defesa do ensino público**

Autores como Carvalho et al. (2020) já abordam como a comunidade científica têm passado por diversas restrições, havendo um ataque à autonomia das universidades, cortes de investimentos, e acusações de que os ambientes científicos seriam locais de “balbúrdia”, ignorando sua relevância social. Os autores destacam principalmente como esses acontecimentos foram impactantes no período da pandemia, comprometendo as pesquisas sobre o tema e impedindo a contribuição científica no combate da Covid-19. Dessa forma, considerando esse cenário, se destaca a importância de lutar pela valorização e o incentivo da ciência no país. É o que traz uma das entrevistadas:

*. . . defender o ensino público, defender o ensino superior público para que novas gerações, essas gerações que estão vindo de uma diversidade maior na universidade, cotas raciais e sociais que tem transformado a universidade, para que elas consigam*

*ascender dentro da hierarquia universitária que é tão elitizada, trazendo novas questões para conseguir institucionalizar essas questões.*

Dessa forma, a entrevistada também defende a necessidade de tornar o contexto universitário mais acessível e menos elitizado, algo já discutido por Karnopp et al. (2023) e bell hooks (2019).

Também foi trazida a importância de desenvolver mais políticas públicas, algo também já destacado por Lemos (2018), e de fazer mudanças por conversas informais, algo já apontado por Landinho (2019) ao discutir sobre as mudanças graduais promovidas pelo movimento feminista. Segundo uma entrevistada: “. . . *precisa ter ali conversas, precisa ter ali várias coisinhas, precisam ter políticas*”.

#### **4.8.4 Disseminação do conhecimento produzido**

De acordo com bell hooks (2019), as discussões visionárias do movimento feminista ainda se veem muito restritas ao ambiente acadêmico, os quais são considerados mais elitistas. Dessa forma, se se manter restrita a esses contextos, a mensagem do Feminismo não seria ouvida e o movimento acabaria perecendo. Da mesma forma, Santos e Junior (2019) também destacam a importância de tornar o conhecimento da Análise do Comportamento acessível à população e aos movimentos sociais. Nas palavras dos autores:

Descobre-se implícita nesta proposição uma das principais prerrogativas da análise comportamental, qual seja: a apropriação consistente do conhecimento teórico/prático pelas classes populares através da mediação responsável de suas lideranças e dos movimentos sociais. Em outros termos, irrompe na proposição mencionada, a



possibilidade do conhecimento behaviorista radical ser disponibilizado ao domínio público em um processo de efetiva democratização, contrariamente ao que ocorre com outros tipos de produção intelectual que, por sua sofisticação filosófica, por sua linguagem complexa e rebuscada, ou ainda por sua suposta transcendência em relação a vida humana, dificultam e/ou impedem a sua compreensão. (Santos & Junior, 2019, p. 14)

Uma entrevistada destaca esse ponto ao tratar sobre a relação da Análise do Comportamento com a sociedade. Segundo ela, seria necessário:

*. . . entender como nossa obrigação levar as nossas produções acadêmicas, levar toda a produção que a gente tem feito de pesquisas, pra comunidade, e ter uma proximidade mais próxima com a comunidade de fora da Análise do Comportamento.*

Um exemplo de iniciativa para a disseminação dos conhecimentos da Análise do Comportamento foi descrito por Rodrigues et al. (2019). Os autores discorrem sobre o processo de realização de um Grupo de Estudos de Análise do Comportamento e Educação (GEACE) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Esse grupo teria sido criado em 2016, tendo outra edição em 2017, e ofertado para estudantes e profissionais de Pedagogia, Psicologia e áreas afins, realizando diversos encontros para tratar de temas específicos da teoria, disseminar a abordagem e rebater alguns mitos e concepções equivocadas sobre o Comportamentalismo Radical. Os autores relatam como o grupo foi um sucesso, permitindo disseminar o conhecimento da Análise do Comportamento em uma região com ausência de um núcleo forte da teoria.

Além do contexto universitário, também foi destacada a importância de investir em discussões sobre a Análise do Comportamento e questões de gênero nas escolas. Já foi possível constatar, por meio das pesquisas de Franco (2022) e Silva e Bianchi (2018), como intervenções desse tipo são frutíferas, possibilitando que as estudantes mais jovens possam se deparar com discussões de pautas feministas desde o ensino básico.

#### **4.8.5 Estudo do Feminismo como prática, não comportamento**

Baseado nas discussões realizadas, foi possível constatar que a maioria das variáveis envolvidas no comportamento de estudar Feminismo em Análise do Comportamento pelas entrevistadas se deu por uma iniciativa individual, e não por uma prática de incentivo ao estudo do tema por parte da Análise do Comportamento, ou até mesmo pelas universidades. Observa-se, por exemplo, os contextos em que tiveram o primeiro contato com o Feminismo. Movimentos estudantis, coletivos feministas e grupos de extensão geralmente se dão por iniciativas das(os) próprias(os) alunas(os), cabendo a elas(eles) decidirem se gostariam de participar ou não. Ter modelos em casa e questionamentos prévios sobre o assunto também se dão em um ambiente mais privado e individual.

Em relação à Análise do Comportamento, pôde-se perceber que contextos como fazer dissertação de mestrado ou realizar o TCC sobre o tema também são iniciativas das próprias alunas. Da mesma forma, interpretar de antemão o fenômeno por um viés analítico-comportamental se deve a um estudo prévio individual sobre a teoria que permite interpretar o tema por meio dos seus conceitos, mas sem ter necessariamente visto essa relação por meio de algum contexto na área. Voltando também o olhar para as motivações, foram citadas questões pessoais, necessidade de ter um embasamento teórico para os seus próprios questionamentos, ter contato com outras pessoas, entre outros. Ou seja, todos esses contextos dependem de uma

iniciativa individual da estudante. Além disso, percebe-se que até mesmo hoje esse fenômeno se repete, já que, quando questionadas se ainda estudavam o tema, as participantes declararam estudar para ter um embasamento teórico para a clínica, por questões pessoais, participando de grupos de estudo, discutindo entre amigas, realizando ações com o movimento feminista. Ou seja, também iniciativas pessoais. Não se observa, portanto, descrições de contato com o tema por políticas de incentivo no contexto das universidades e/ou, especialmente, da própria Análise do Comportamento, sendo esses estudos realizados de forma menos sistematizada e fora do ambiente acadêmico.

Diversas entrevistadas chamaram a atenção para a importância de tornar o estudo do Feminismo e das questões sociais uma prática consolidada na teoria. Uma delas aborda sobre a necessidade de sistematizar mais essas pesquisas e de criar linhas de estudo específicas sobre o tema. Ela afirma:

*Eu acho que a gente precisava de um pouco mais de sistematicidade, né. Então, ter esse... ter essa literatura um pouco mais sistematizada . . . A gente criar uma linha de estudo mesmo nessa área, né. Então eu espero que um dia, em alguns programas de pós-graduação que tem linhas de Análise do Comportamento, tenha uma linha sobre Feminismo, Análise do Comportamento e questões de gênero, nesse sentido.*

Por ainda não ser uma prática consolidada na Análise do Comportamento, esses estudos estão ameaçados de não ter continuidade, principalmente considerando também as resistências às pesquisas sobre o tema no contexto da teoria (Laurenti, 2019), o que foi, também, destacado pelas entrevistadas. Obstáculos como a desvalorização da pesquisa em questões sociais na Análise do Comportamento e a resistência em adotar outras metodologias que não as tradicionais podem ser superadas com mais estudos na área, tornando o tema mais

comum, mais estabelecido. Dessa forma, quanto mais se discutir sobre o Feminismo, mais as resistências vão sendo superadas.

Por meio da disseminação dos estudos sobre a teoria feminista é possível superar estereótipos negativos relacionados ao Feminismo; com o desenvolvimento de metodologias específicas e confiáveis sobre o tema é possível superar a resistência em utilizar outros métodos de investigação que não sejam os tradicionais na Análise do Comportamento; e investindo em políticas de incentivo do estudo do tema na teoria é possível estabelecer contingências que possam facilitar o estudo de Feminismo e questões sociais, evitando, inclusive, que seja considerado como uma “moda passageira”, como citado nas entrevistas.

Além disso, destaca-se a importância de grupos como o Coletivo Marias e Amélias, já que foi possível constatar como esse fez o papel que as instituições no geral e que a comunidade da Análise do Comportamento deveria ter feito, que seria o incentivo a esses estudos. Sem o apoio uma das outras, provavelmente muitas delas teriam desistido ou estudado temas diferentes, bem como as discussões sobre Feminismo e Análise do Comportamento não teriam se difundido. Talvez até mesmo o livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento* não teria sido publicado, já que o coletivo foi responsável por difundir o tema no contexto da teoria e possibilitar o contato das outras autoras com essas discussões.

#### **4.8.6 Análise do Comportamento como objeto de estudo**

Segundo Otero (2002), muitas vezes há um receio acerca do uso dos conhecimentos produzidos pela Análise do Comportamento. De acordo com a autora, a teoria muitas vezes pode ser criticada por ser reacionária, manipuladora, antidemocrática e mantenedora do *status quo*. Da mesma forma, Holland (1978, 2016) também afirma que a(o) analista do

comportamento precisa se questionar constantemente a quem seus conhecimentos beneficiam, já que pode contribuir para a manutenção do contexto social vigente na medida em que modifica comportamentos, mas não os sistemas que o produzem. A Análise do Comportamento poderia, portanto, focar a intervenção no indivíduo, culpabilizando-o por seus comportamentos e negligenciando o ambiente no qual está inserido, além de buscar fazer com que o sujeito se adapte a ele.

Levando essa discussão em consideração, mostra-se necessário que a(o) analista do comportamento analise sua postura frente às questões sociais, sendo seu próprio objeto de estudo (Otero, 2002). É o que aponta uma entrevistada:

*Então assim, acho que até esse diagnóstico de quem a gente é enquanto comunidade e como a gente reflete essas desigualdades do mundo em geral são pouco percebidas, eu acho que talvez fosse um momento de a gente olhar para nós mesmo e para como a gente constrói esses espaços de interação, e a partir daí sermos nosso próprio objeto de estudo, sabe.*

Segundo Otero (2002), a Análise do Comportamento, com seus estudos sobre a relação do ambiente e do comportamento, já se mostrou muito útil para a melhora na vida dos indivíduos. Porém, é possível que ela possa contribuir também para a mudança na condição de grupos e da sociedade.

#### **4.8.7 Atuação da Análise do Comportamento**

Diversas autoras já destacam como o contexto da ciência, em geral, e a Análise do Comportamento, em particular, pode não ser favorável para o estudo de gênero. Segundo

Laurenti (2019), a Análise do Comportamento possui uma tradição de tentar se filiar às ditas ciências naturais, distanciando-se das ciências humanas, valendo-se de características como rigor metodológico, uso do método experimental, e busca por regularidades de modo a permitir a previsão e o controle do comportamento. Quanto às ciências humanas, atribui-se tradicionalmente um caráter menos científico. Dessa forma, incluir temas recorrentemente associados a elas, como gênero, por exemplo, na teoria da Análise do Comportamento, poderia afastá-la das ciências que possuem um maior prestígio acadêmico.

Mizael (2021) também destaca algumas barreiras enfrentadas pelas analistas do comportamento brasileiras para a realização de estudos sobre temas feministas. A autora cita alguns fatores como: i) a falta de publicações sobre o tema em língua portuguesa, sendo geralmente em inglês; ii) o preconceito; iii) a falta de apoio financeiro para a participação de congressos; e iv) o risco de ser uma(o) ativista em um país tão violento, que não só ameaça, mas também mata mulheres ativistas, as quais também vivem em um cenário político misógino e sexista.

Considerando todos os obstáculos, é possível analisar como a Análise do Comportamento poderia auxiliar na superação desses empecilhos. Fica claro que a teoria precisa desenvolver políticas de incentivo ao estudo do tema, fazendo com que os estudos deixem de ser uma iniciativa pessoal e se tornem uma prática consolidada na teoria. Para isso, mostra-se necessário realizar um melhor planejamento da própria Análise do Comportamento, buscando abarcar mais esses temas.

Wolpert (2005) destaca a necessidade de considerar aspectos de gênero, classe e raça no planejamento de uma cultura ideal, aspecto muitas vezes pouco considerado no contexto da Análise do Comportamento. Ruiz (1995) também traz um resumo sobre como as pesquisadoras analistas do comportamento feministas podem auxiliar na resistência das mulheres às práticas culturais que as negam a ter uma voz na cultura. Nas palavras da autora:

Pesquisadoras feministas do comportamento podem começar a contribuir significativamente para tal resistência, primeiro, questionando os objetivos imediatos dos seus programas de pesquisa no que diz respeito às práticas culturais, apoiadas explicitamente ou implicitamente por suas pesquisas. Em segundo lugar, as feministas podem contribuir criando contingências verbais necessárias para a revelação de significados ocultos não articulados recebidos por aqueles que têm sido excluídos do design das nossas práticas culturais e cujas vidas são subordinadas e oprimidas por essas mesmas práticas. Finalmente, as pesquisadoras feministas do comportamento podem funcionar como agentes de mudança no design cultural, promovendo práticas inclusivas . . . Como agentes de mudança que podem promover a diversidade em nossas práticas culturais, pesquisadoras feministas do comportamento podem servir ao interesse pessoal coletivo e, assim, contribuir para uma estabilidade, força, e progresso de longo prazo da nossa cultura como um todo. (Ruiz, 1995, p. 41-45, tradução livre)

Além disso, segundo Couto (2017), quando se discute a modificação das condições das mulheres na sociedade, se discute contracontrole. Isso porque modificar as contingências que afetam os comportamentos de mulheres e homens de forma diferencial, apresentando desvantagens para as primeiras, envolve a identificação dos controles aversivos e das estratégias utilizadas para manter essa desigualdade. Como já afirma Landinho (2019), somente quando o indivíduo consegue identificar as variáveis que controlam o seu comportamento, evitando explicações internalistas, é que pode existir uma possibilidade de haver um contracontrole e uma mudança no contexto. Dessa forma, a Análise do Comportamento também poderia oferecer ferramentas para que as mulheres possam

identificar as práticas de desigualdade de gênero e exercer o contracontrole em busca de uma sociedade mais igualitária.

Holland (2016), outro autor dedicado ao estudo das possibilidades de a Análise do Comportamento contribuir para a resolução dos problemas sociais, destaca como a teoria poderia auxiliar nesse processo. Segundo o autor:

Se uma ciência do comportamento estiver a serviço de uma nova sociedade igualitária, temos que fazer grandes mudanças no modo que trabalhamos. Em primeiro lugar, devemos parar com o trabalho que tenha maior probabilidade de servir à riqueza e ao poder. Em segundo lugar, deveríamos adaptar nosso trabalho mais às necessidades diretas das pessoas que lutam para se livrar do controle e da exploração da elite que se encontra no poder. Isso inclui tanto a análise das formas de controle usadas na sociedade, quanto o desenvolvimento de meios de contracontrole que possam ser usados pelos indivíduos com recursos muito limitados. E, em terceiro lugar, deveríamos explorar formas de modificação do comportamento compatíveis com um sistema de valores igualitário, não materialista e não elitista, que poderia ao menos ser construtivo para desenvolver os meios para a necessária mudança revolucionária no homem. (Holland, 2016, p. 116)

## **5. Considerações finais**

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar um panorama das contingências envolvidas no estudo de temáticas feministas pelas autoras do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*. Para alcançar tal objetivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as autoras em questão com perguntas que buscaram investigar, entre



outros elementos: como se deu o contato dessas mulheres com o Feminismo e com o Feminismo e a Análise do Comportamento; quais obstáculos foram enfrentados e os impactos desses empecilhos para as entrevistadas; qual a importância de estudar esses temas feministas na área; quais as possibilidades de interface entre a Análise do Comportamento e o Feminismo.

Foi possível constatar, então, algumas contingências envolvidas nesses estudos. Em primeiro lugar, observou-se que os diversos contextos em que as entrevistadas inicialmente entraram em contato com o Feminismo geralmente se estabeleceram por iniciativa pessoais de participação em coletivos feministas e movimentos estudantis, além do contato pela internet e pela mídia, sendo, inclusive, muitas vezes por um viés pejorativo. Em relação à Análise do Comportamento, elas também entraram em contato por meio de contextos mais individuais, tais como encontros acadêmicos, grupos de *Facebook* e também já interpretando os temas feministas por um viés analítico-comportamental, não sendo expostas, portanto, a essa interface previamente. Da mesma forma, foi impossível constatar que os estudos atuais das entrevistadas também se dão em um nível mais pessoal, de forma menos sistematizada e voltado mais para um embasamento da prática e por questões pessoais. Isso mostrou, portanto, como, tanto no passado quanto no presente, as universidades e, especialmente, a Análise do Comportamento, tem falhado em estabelecer contingências favoráveis ao estudo do tema, sendo necessário que as entrevistadas se insiram em contextos fora da teoria para ter o contato com o Feminismo.

Em segundo lugar, foi possível identificar que os estudos sobre o tema se deram em meio a contingências aversivas, com as entrevistadas tendo que lidar com diversos obstáculos. Muitas delas foram expostas a questionamentos constantes em relação à validade e pertinência de suas pesquisas, tendo, portanto, seu comportamento de se dedicar ao tema por vezes punido. Houve resistência no contexto da Análise do Comportamento em abordar esse

tema, bem como dificuldades no próprio contexto acadêmico, muitas vezes considerado aversivo. Esse fator pode ter contribuído, por exemplo, para o fato de os estudos atuais das entrevistadas não estarem se dando de forma sistemática e no domínio acadêmico, mas sim por fatores pessoais. Cabe se perguntar, portanto, como superar os obstáculos observados no passado e também os que se mostram ainda nos dias atuais, mesmo com o crescimento da produção de estudos sobre Feminismo. É possível que a Análise do Comportamento realmente tenha desenvolvido mais contingências para o estudo do tema em comparação à época em que as entrevistadas iniciaram seus estudos ou ainda dificulta esse envolvimento?

Em terceiro lugar, foi possível constatar como muito desses estudos só tiveram continuidade devido ao acolhimento e suporte de outras mulheres, especialmente as participantes do Coletivo Marias e Amélias. Foi possível perceber a importância de ter uma rede de apoio para não desistir frente aos empecilhos e de se estabelecer uma comunidade verbal para discutir sobre o tema, bem como contextos em que os comportamentos de estudar sobre o tema pudessem ser reforçados, e não punidos. Percebe-se que o coletivo fez o papel que as universidades e a própria Análise do Comportamento deveriam ter feito: estabelecer contingências para o estudo do tema, apoiar mulheres a participar mais do contexto acadêmico, construir uma interface entre o Feminismo e a teoria, dentre outros. Cabe perguntar, dessa forma, se será necessário que exista sempre um “Coletivo Marias e Amélias” para que esses estudos se mantenham, ou se a própria comunidade da Análise do Comportamento, se tornando mais receptiva a esses temas, pode incluir mais esse debate.

Nesse sentido, um quarto fator a ser considerado é a tensão entre a ciência e a militância, especialmente no contexto da Análise do Comportamento. Como foi constatado, há um receio de incorporar debates de caráter político como o Feminismo em um contexto científico que, em tese, deveria ser neutro. No entanto, foi possível discutir como no âmbito da ciência não é possível haver uma total neutralidade, já que a(o) cientista tem seus

comportamentos perpassados por práticas de gênero e muitas vezes, quando busca optar por ser neutra(o), acaba favorecendo o gênero masculino. Foi possível constatar esse argumento pode ter uma função de silenciamento, com algumas entrevistadas relatando como suas pesquisas eram questionadas com um viés de adestramento, e como muitos homens se incomodavam com os temas. Dessa forma, mostra-se necessário tornar esses vieses mais explícitos e considerá-los no processo e no resultado das pesquisas.

É possível discutir também sobre a crescente produção de estudos que relacionam o Feminismo e a Análise do Comportamento. Recentemente, por exemplo, foi publicado o segundo volume do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento* (Pinheiro & Mizael, 2023)<sup>9</sup>. Em comparação ao primeiro volume, a obra conta com ainda mais capítulos que tratam sobre questões feministas na teoria, provando, novamente, como essa interface é frutífera. Porém, cabe se questionar, novamente, até que ponto o desenvolvimento dessas pesquisas permanece se dando por iniciativas pessoais.

Considerando, nesse sentido, que esse poderia ser o caso, se mostra novamente necessário a criação de uma prática consolidada do estudo de questões sociais e Feminismo na Análise do Comportamento. Isso poderia ser feito por meio de diversas estratégias. Algumas delas são: i) criar linhas de pesquisa específicas sobre o tema, seja na graduação ou pós-graduação, com professoras(es) engajadas(os) e dispostas(os) a orientar esses estudos; ii) criar disciplinas específicas obrigatórias sobre o tema; iii) abrir espaços em periódicos de Análise do Comportamento para publicações desses assuntos, repensando as normas exigidas a fim de incluir esses estudos; iv) permitir que as mulheres possam ocupar lugares de liderança nos contextos da Análise do Comportamento, como em diretorias de congressos, por exemplo; v) abrir espaço em congressos para que se discuta sobre o tema, convidando, como bem

---

<sup>9</sup> O segundo volume do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento* (Pinheiro & Mizael, 2023) não foi incorporado nesta pesquisa porque foi publicado após o seu desenvolvimento. Destaca-se, no entanto, a relevância de se debruçar também sobre essa obra em futuras pesquisas, entendendo que, tal como o primeiro volume, se mostra um livro essencial para a disseminação e a sistematização das discussões de temas feministas na Análise do Comportamento no Brasil.

destacaram as entrevistadas, pessoas mais jovens, com temas mais atuais, e como uma obrigatoriedade, não um bônus; dentre outras iniciativas.

Também é preciso se voltar para estratégias que incluam mais as mulheres no contexto científico. É necessário considerar as questões específicas relacionadas ao público feminino, como as já trazidas no restante do texto, mas também outras problemáticas como, por exemplo, espaços para crianças em congressos, espaços para amamentação, atenção a quem está sendo convidado, se são mais homens ou mais mulheres, se as mulheres estão sendo representadas, se suas falas estão sendo ouvidas, se o seu espaço está sendo respeitado.

Como limitações deste estudo pode-se destacar a utilização do relato verbal, o qual, como já mencionado anteriormente, possui certas restrições, como a(o) entrevistada(o) falar somente o que a pesquisadora quer ouvir, por exemplo. Além disso, a despeito de existirem muitas mulheres que estudam Feminismo na Análise do Comportamento no Brasil, este estudo se limitou, como uma estratégia metodológica, à entrevista somente das autoras do primeiro volume do livro *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento*. Dessa forma, estudos futuros podem se voltar para outras mulheres importantes na área no contexto brasileiro e que não haviam publicado na obra, bem como realizar estudos com as mulheres do segundo volume do livro. Ao realizar a busca de textos que pudessem embasar a discussão dos resultados, também foi possível constatar que existe uma alta gama de literatura sobre todos os temas abordados neste trabalho, não sendo possível, dessa forma, incluir todos os dados já encontrados pelas pesquisas feministas.

Outras pesquisas podem se dedicar de forma mais detalhada a cada um dos tópicos trazidos neste estudo, incorporando mais pesquisas e dados que não foram contemplados. Além disso, diversos outros temas que podem ser explorados foram citados pelas entrevistadas, como, por exemplo, questões relacionadas à clínica, como terapia de casais,

terapia feminista, autoestima e assertividade, práticas de gênero, socialização básica, masculinidade, políticas públicas, sexualidade, lesbofobia, dentre outros temas citados.

Por fim, considerando todas as discussões realizadas, cabe realizar um questionamento: qual a função de uma ciência se não apresenta um caráter social? É necessário compreender que a Análise do Comportamento possui muito conhecimento a oferecer à sociedade, sendo possível que a teoria auxilie na construção e no planejamento de uma cultura com relações mais igualitárias, ou atue na perpetuação dessas desigualdades. Cabe, então, à(ao) cientista se questionar sobre como utilizar os resultados da sua produção científica.

## 6. Referências

- Alves, B. M., & Pitanguy, J. (2003). *O que é feminismo*. Brasiliense.
- Amaral, I. G., & Naves, F. (2020). O enfrentamento das opressões de gênero numa universidade pública: O papel dos coletivos estudantis na ótica do Feminismo decolonial. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 7(1), 877-910. <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2020.v7n1.305>
- Andery, M. A. P. A. (1990). *Uma tentativa de (re)construção do mundo: a ciência do comportamento como ferramenta de intervenção* [Tese de doutorado, PUC-SP]. Repositório PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/16960>
- Baires, N. A., & Koch, D. S. (2019). The future is female (and behavior analysis): A behavioral account of sexism and how behavior analysis is simultaneously part of the problem and solution. *Behavior Analysis in Practice*, 1-10. <https://doi.org/10.1007/s40617-019-00394-x>
- Bandeira, L. (2008). A contribuição da crítica feminista à ciência. *Revista Estudos Feministas*, 16(1), 207-230. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100020>
- Baum, W. M. (2019). *Compreender o behaviorismo: cultura, comportamento e evolução* (D. Bueno, Trad.). (3a ed.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 2005).
- Beery, A. K., & Zucker, I. (2011). Sex bias in neuroscience and biomedical research. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 35, 565-572. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2010.07.002>
- Botton, A., Cúnico, S. D., Barcinski, M., & Strey, M. N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: Analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando Famílias*, 19(2), 43-56. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200005)

- Botton, A., & Strey, M. N. (2018). Educar para o empoderamento de meninas: Apostas na infância para promover a igualdade de gênero. *Inclusão Social*, 11(2).  
<https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4109>
- Brasil (2016). *Mais Mulheres na Política*. Brasília: Senado Federal.  
<https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/proc-publicacoes/mais-mulheres-na-politica-retrato-da-subrepresentacao-feminina-no-poder>
- Caldas, J. S. (2022). *Coletivos feministas de mães universitárias: Apoio mútuo e luta por reconhecimento institucional* [Dissertação de mestrado, UnB]. Reposório institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/44734>
- Canuto, A. A. A., & Borges, L. S. (2013). Entre diálogos e ações: Dos “feminismos” ao implicar-se “feminista”. *Fragmentos de Cultura*, 23(3), 291-305.  
<https://doi.org/10.18224/frag.v23i3.2951>
- Carvalho, R., Carvalho, R., & Zagni, R. M. (2020). Em guerra e sem armas: A pandemia mundial e o desmonte das ciências no Brasil. *Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, 22(2), 107-130. <https://doi.org/10.22409/conflu.v22i2.43046>
- Carpes, P. B. M., Staniscuaski, F., Oliveira, L., & Soletti, R. C. (2022). Parentalidade e carreira científica: O impacto não é o mesmo para todos. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 31(2), 1-7. <https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200013>
- Carrara, K. (2020). *Contingencialismo, comportamento e políticas públicas*. Chiado Brasil.
- Coletivo Marias e Amélias de Mulheres Analistas do Comportamento (2015, Setembro, 1). *O Coletivo Feminista Maria e Amélias de Mulheres Analistas do Comportamento nasceu como uma iniciativa de mulheres interessadas em estudar*. [Atualização de status]. Facebook.  
<https://www.facebook.com/739435619517543/posts/744312562363182/>
- Conforto, E. C., Amaral, D. C., & Silva, S. L. (2011, setembro). Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: Aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de

- projetos. *Anais Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produtos*. Porto Alegre, RS, Brasil.
- [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2205710/mod\\_resource/content/1/Roteiro%20para%20revis%C3%A3o%20bibliogr%C3%A1fica%20sistem%C3%A1tica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2205710/mod_resource/content/1/Roteiro%20para%20revis%C3%A3o%20bibliogr%C3%A1fica%20sistem%C3%A1tica.pdf)
- Costa, A. A., & Sardenberg, C. M. (2015). Teoria e práxis feminista na academia: Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Revista feminismos*, 2(2), 31-39.
- <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30048>
- Costa, A. I. (2019). Contribuições do feminismo para a compreensão e intervenção em casos de relacionamento abusivo. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 10, pp. 244-263). Imagine Publicações.
- Couto, A. G. (2017). *Uma análise behaviorista radical da discussão feminista sobre o empoderamento da mulher* [Dissertação de mestrado, UFPR]. Acervo digital da UFPR.
- <https://hdl.handle.net/1884/52567>
- Couto, A. G. (2019). O empoderamento das mulheres sob uma perspectiva analítico-comportamental. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 6, pp. 140-173). Imagine Publicações.
- Couto, A. G., & Dittrich, A. (2017). Feminismo e análise do comportamento: Caminhos para o diálogo. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(2), 147-158.
- <https://doi.org/10.18761/PAC.2016.047>
- Cravo, F. A. M., Almeida-Verdu, A. C. M., & Costa-Junior, F. M. (2022). Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 247-265. <https://doi.org/10.18761/a52affa6>
- Dalmaso-Junqueira, B. (2022). Desobedecer para transformar: Trabalho docente feminista em tempos de conservadorismo. *Revista Retratos da Escola*, 16(36), 853-871.
- <http://dx.doi.org/10.22420/rde.v16i36.1655>



- DeFelice, K. A., & Diller, J. W. (2019). Intersectional feminism and behavior analysis. *Behavior Analysis in Practice*, 12(4), 831-838. <https://doi.org/10.1007/s40617-019-00341-w>
- Delgado, A. A. S. (2011). *Compartilhamento de conhecimento: Estudo em um grupo de extensão universitária* [Dissertação de mestrado, UFSC]. Repositório Institucional UFSC.  
<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95521>
- De Rose, J. C. C. (1999). O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: Contribuições conceituais e experimentais. In R. A. Banaco (Org.). *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 148-163). ARBytes.  
<https://itcrcampinas.com.br/pdf/outros/derose.pdf>
- Dos Reis, C. S., & Laurenti, C. (2019). Uma interpretação relacional da noção de atividade no comportamentalismo radical. *Acta Comportamentalia*, 27(1), 91-107.  
<http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/68757>
- Dos Santos, L. S., Valverde, M. H. D., & Rubio, A. R. (2018). O movimento feminista no Brasil sob a ótica do behaviorismo radical. *Psicólogo InFormação*, 21(21-22), 81-87.  
[file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/9177-31922-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/9177-31922-1-PB%20(1).pdf)
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, (24), 213-225.  
<https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>
- Fantinato, M. (2015). *Métodos de pesquisa* [Slides de PowerPoint]. Universidade de São Paulo.  
<https://atualiza.aciaraxa.com.br/ADMArquivo/arquivos/arquivo/M%C3%A9todos-de-Pesquisa.pdf>
- Fernandes, M. S., Miranda, R. M., Guajará, M., Silva, M. A., & Moreira, R. J. (2013). Universidade pública: Questões para o século XXI. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 2(2), 45-55. <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/35/37>

- Ferraz, J. C., Peixinho, H. L. S., Vichi, C., & Sampaio, A. A. S. (2019). Uma análise de metacontingências e macrocontingências envolvidas em práticas de gênero. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 7, pp. 174-195). Imagine Publicações.
- Fideles, M. N. D., & Vandenberghe, L. (2014). Psicoterapia analítica funcional feminista: Possibilidades de um encontro. *Psicologia: Teoria e Prática*, 16(3), 18-29.  
<http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n3p18-29>
- Fontana, J. (2019). *Uma análise da dominação masculina à luz da noção skinneriana de cultura* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Biblioteca digital Universidade Estadual de Londrina.  
<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000229238>
- Fontana, J., & Laurenti, C. (2020). Práticas de violência simbólica da cultura de dominação masculina: Uma interpretação comportamentalista. *Acta comportamentalia*, 28(4), 499-515.  
<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/77327>
- Franco, A. C. T. (2022). Feminismo pra quê? Intervenção feminista junto às jovens estudantes de ensino médio. *Entropia*, 2(4), 45-56.  
<https://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/424>
- Freitas, J. C. C., & Morais, A. O. (2019). Cultura do estupro: Considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 27(1), 109-126.  
<http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/68758>
- Freitas, J. C. C., & Morais, A. O. (2019). Métodos de investigação sobre cultura do estupro: O que a análise do comportamento tem a aprender com as contribuições de outras áreas do conhecimento. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 4, pp. 84-113). Imagine Publicações.

- Galetti, C. C. H. (2014). Feminismo em movimento: A marcha das vadias e o movimento feminista contemporâneo. In 18° *Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudo e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, Perspectivas feministas de gênero: desafios no campo da militância das práticas científicas*. Recife.
- Garcia, C. C. (2011). *Breve história do feminismo*. Claridade.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). Editora Atlas S. S.  
<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>
- Glenn, S. (1988). Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst*, *11*(2), 161-179.  
<https://doi.org/10.1007/BF03392470>
- Guazi, T. S. (2021). Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, *2*, 1-20.
- Gomes, V. V. (2017). *Procrastinação acadêmica: um estudo acerca das variáveis ambientais que influenciam no comportamento de adiar tarefas entre estudantes universitários* [Monografia, UFC]. Repositório Institucional Universidade Federal do Ceará.  
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42528>
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, *11*(1), 163-174. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1901/jaba.1978.11-163>
- Holland, J. G. (2016). Os princípios comportamentais servem para os revolucionários? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *18*, 104-117.  
<http://dx.doi.org/10.31505/rbtcc.v18i0.863>
- hooks, b. (2019). *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva.

- Júnior, M. A. C. M., & Hübner, M. M. C. (2008). Análise behaviorista radical de conceitos psicanalíticos. *Argumento*, (16), 46-61.  
<https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaargumento/article/download/677/586/>
- Karnopp, K. V., Peranzoni, V. C., Golle, D. P., & Camargo, M. A. S. (2023). Minorias étnico-raciais: Acesso e permanência nas instituições de ensino superior. In D. R. S., Conceição, F. E. Allegretti, I. S., Zamin, & C. R. S. T., Alves (Orgs.). *Diálogos socioculturais I: Paradigmas contemporâneos* (Cap. 5, pp. 91-105). Editora Ilustração.  
<https://www.researchgate.net/publication/369661885>
- Keller, E. F. (2006). Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, (27), 13-34.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000200003>
- Landinho, I. L. S. (2019). *Liberdade skinneriana e o movimento feminista: Um estudo a partir do contracontrole* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Luterana do Brasil]. Biblioteca digital ULBRA.  
[file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/document5e26f0fb5e42a%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/document5e26f0fb5e42a%20(4).pdf)
- Laurenti, C. (2019). Por que Feminismo na Análise do Comportamento? In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento*, (pp. 10-15). Imagine Publicações.
- Laurenti, C., Jesus, L. S., Nogueira, L. N., Sales, S. C., Risolia, I. W., & Strapasson, B. A. (2019). Participação das mulheres em atividades acadêmico-científicas de Análise do Comportamento no Brasil. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 27(2), 251-265.  
<http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/69863>
- Lemos, R. F. (2018). *A atuação do analista do comportamento em políticas públicas: ação intersetorial em âmbito local para aumentar a frequência escolar de adolescentes de familiar*

- beneficiárias do Programa Bolsa Família* [Tese de Doutorado, UNB]. Repositório institucional da UNB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32800>
- Linhares, Y., & Laurenti, C. (2018). Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. *Perspectivas em Análise Do Comportamento*, 9(2), 234-247. <https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.08>
- Lisboa, C. L. S. (2017). *Novos feminismos: Perspectivas sobre o movimento estudantil feminista na Universidade Federal do Paraná* [Dissertação de mestrado, UFPR]. Acervo digital UFPR. <http://hdl.handle.net/1884/55019>
- Lopes, C. E., Laurenti, C., & Abib, J. A. D. (2012). *Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical: Mundo, homem e ética* (Cap. 1, pp. 19-41). ESETec.
- Lute como uma menina (2016). Direção de Flávio Colombini e Beatriz Alonso. Vídeo online (76 min). <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>
- Mace, F. C., & Critchfield, T. S. (2010). Translational research in behavior analysis: Historical traditions and imperative for the future. *Journal of the experimental analysis of behavior*, 93(3), 293-312. <https://doi.org/10.1901/jeab.2010.93-293>
- Machado, L. S., Silva, L. K. R., Ricachenevsky, F. K., Perlin, M., Schwartz, I. V. D., Neis, A. T., Soletti, R. C., Seixas, A., & Staniscuaski, F. (2019). Parent in Science: The impact of parenthood on the scientific career in Brazil. *IEEE/ACM 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering (GE)*, 37-40. <https://doi.org/10.1109/GE.2019.00017>
- Manzini, E. J. (2012). Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. *Revista Percurso – NEMO*, 4(2), 149-171.
- Marcelino, M. R., & Arantes, A. (2019). Implicações dos experimentos sobre atitudes implícitas para uma análise experimental feminista do comportamento. In R. Pinheiro, & T. Mizael

- (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 5, pp. 114-139). Imagine Publicações.
- Maria, E. A., & Ozório, C. D. (2017). O papel do coletivo das mulheres na formação das universitárias da PUC-RIO. In *Seminário Internacional Fazendo Gênero*. Rio de Janeiro.
- Marson, M. I. (1996). Da feminista “macha” aos homens sensíveis: O Feminismo no Brasil e as (des)construções das identidades sexuais. *Cadernos AEL*, (3/4), 69-110.  
<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2614/2024>
- Matos, M. A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Revista Estudos de Psicologia*, 16(3), 8-18. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X1999000300002>
- Matos, M. (2008). Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformam em um campo novo para as ciências. *Estudos Feministas*, 16(2), 333-357. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200003>
- McSweeney, F. L., Donahoe, P., & Swindell, S. (2000). Women in applied behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 23(2), 267-277. <https://doi.org/10.1007/BF03392015>
- McSweeney, F. K., & Swindell, S. (1998). Women in the experimental analysis of behavior. *The Behavior Analyst*, 21(2), 193-202. <https://doi.org/10.1007/BF03391963>
- McSweeney, F. K., & Parks, C. D. (2002). Participation by women in developmental, social, cognitive, and general psychology: A context for interpreting trends in behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 25(1), 37-44. <https://doi.org/10.1007/BF03392043>
- Mendes, N., & Fontana, J. (2021). A sororidade sob uma perspectiva analítico-comportamental. In *XXI Encontro Internacional de Produção Científica da Unicesumar*. Maringá.  
[www.unicesumar.edu.br/epcc2021](http://www.unicesumar.edu.br/epcc2021)
- Mesquita, M. R. (2001). *Juventude e movimento estudantil: O “velho” e o “novo” na militância* [Dissertação de mestrado, UFSC]. Repositório institucional UFSC.  
<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80301>

- Micheletto, N. (2016). Seleção por consequências: Desdobramentos para a noção de ciência de B. F. Skinner. *Interação em Psicologia*, 20(3), 295-304.  
<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i3.47455>
- Mizael, T. M. (2019). Pontes entre o feminismo interseccional e a análise do comportamento. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 2, pp. 40-63). Imagine Publicações.
- Mizael, T. M. (2021). Behavior analysis and feminism: Contributions from Brazil. *Behavior and Social Issues*, 30, 481-494. <https://doi.org/10.1007/s42822-021-00067-x>
- Mizael, T. M., & De Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis Del Comportamiento*, 25(3), 365-377.  
<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/61632>
- Moreira, T. A. S., & Martins, M. J. (2022). Feminismo na universidade: Projeto de extensão e letramento feminista. *Revista Eletrônica de Extensão*, 19(13), 19-33.  
<https://doi.org/10.5007/1807-0221.2022.e83173>
- Myers, K. R., Tham, W. Y., Yin, Y., Cohodes, N., Thursby, J. G., Thursby, M. C., Schiffer, P., Walsh, J. T., Lakhani, K. R., & Wang, D. (2020). Unequal effects of the COVID-19 pandemic on scientists. *Nature human behaviour*, 4, 880-883. [www.nature.com/nathumbehav](http://www.nature.com/nathumbehav)
- Narvaz, M. G. (2009). *A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política* [Tese de doutorado, UFRGS]. Repositório Digital UFRGS.  
<http://hdl.handle.net/10183/18884>
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudo de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 647-654.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2007). A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea. *PSICO*, 38(3), 216-223.

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2882>

Neiva, S. C. P. C., Dutra, A. C., Silva, V. S., Fonseca, M. C. C., & Silva, C. M. (2019).

Perspectivas da ciência brasileira: um estudo sobre a distribuição de bolsas de pesquisa em produtividade do CNPq ao longo do ano de 2019. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 16(3), 51-71.

<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/18090>

Neves, S., & Nogueira, C. (2004). Terapias feministas, intervenção psicológica e violências na intimidade: Uma leitura feminista crítica. *Psychologica*, 36, 15-32.

<https://hdl.handle.net/1822/4004>

Nicolodi, L., & Arantes, A. (2019). Poder e patriarcado: Contribuições para uma análise comportamental da desigualdade de gênero. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 3, pp. 64-83). Imagine Publicações.

Nicolodi, L. G., & Hunziker, M. H. L. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), 164-175. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11012>

Nuernberg, A. H., Toneli, M. J. F., Medrado, B., & Lyra, J. (2011). Feminism, psychology, and gender studies: The brazilian case. In A. Rutherford, R. Capdevila, V. Undurti, & I. Palmary (Eds.). *Handbook of international feminisms: Perspectives on psychology, women, culture and rights* (Cap. 6, pp. 109-128). Springer.

Oliveira, P. K. F. (2018). *Notícias sobre violência contra a mulher veiculadas na mídia: um estudo a partir da Análise do Comportamento* [Monografia, Universidade Federal do Maranhão]. Biblioteca Digital de Monografias da UFMA.

<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000229238>



- Orrú, S. E. (2008). Os estudos da análise do comportamento e a abordagem histórico-cultural no trabalho educacional com autistas. *Revista Iberoamericano de Educación*, (45), 1-12.  
<http://dx.doi.org/10.35362/rie4532120>
- Otero, M. R. (2002). *O compromisso do analista do comportamento com questões sociais: Uma análise de publicações* [Dissertação de mestrado, PUC-SP]. Repositório PUC-SP.  
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/16655>
- Pedro, J. M. (2008). Militância feminista e academia: Sobrevivência e trabalho voluntário. *Estudos Feministas*, 16(1), 87-95. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100008>
- Perkoski, I. R. (2019). Mulheres e tecnologia: Aspectos culturais e intervenções comportamentais para aumento da participação feminina na computação. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 8, pp. 196-219). Imagine Publicações.
- Pinheiro, R., & Mizael, T. (Orgs.) (2019). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento*. Imagine Publicações.
- Pinheiro, R., & Mizael, T. (Orgs.) (2023). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* 2. Editora Paradigma – Instituto PAR Educação.
- Pinheiro, R. C. S., & Oshiro, C. K. B. (2019). Variáveis de gênero que terapeutas devem estar atentas no atendimento a mulheres. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 9, pp. 220-243). Imagine Publicações.
- Pinto, C. R. J. (1994). Mulher e política no Brasil: Os impasses do feminismo, enquanto movimento social, face às regras do jogo da democracia representativa. *Revista Estudos Feministas*, 2, 256-270. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Poling, A., Grossett, D., Fulton, B., Roy, S., Beechler, S., & Wittkopp, C. J. (1983). Participation by women in behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 6(2), 145-152.  
<https://doi.org/10.1007/BF03392393>

- Pontes, M. G. A. (2020). *Resistir e (re)existir: o coletivo feminista como instrumento de reflexão e mobilização social no contexto acadêmico* [Dissertação de Mestrado, UFRN]. Repositório Institucional UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31824>
- Rago, M. (1998). Epistemologia feminista, gênero e história. In J. Pedro, & M. Grossi (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Ed. Mulheres. (pp. 1-17).
- Révillion, A. S. P. (2015). A utilização de pesquisas exploratórias na área de marketing. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, 2(2), 21-37. <https://doi.org/10.4025/rimar.v2i2.26692>
- Rodrigues, M. E., Magnani, E. M., Nazar, T. C. G., Detton, V. S. M., Koloski, P. E. B., Silva, F., & Maier H. D. T. (2019). Disseminação da análise do comportamento: Um panorama introdutório (primeira e segunda edição). *Revista conexão UEPG*, 15(1), 114-122. <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.15.i1.0015>
- Rosendo, A. P., & Nogueira, C. P. V. (2020). Feminismo e análise do comportamento: Contribuições de Maria R. Ruiz. *Revista multidisciplinar e de psicologia*, 14(49), 458-477. <http://dx.doi.org/10.14295/online.v14i49.2344>
- Rubio, P. P. (2020). *Primavera das mulheres: 100 questões essenciais para entender o Feminismo no mundo contemporâneo*. Editora Cultrix.
- Ruiz, M. R. (1995). B. F. Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. *Psychology of Women Quarterly*, 19(2), 161-179. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1995.tb00285.x>
- Ruiz, M. R. (1998). Personal agency in feminist theory: Evicting the illusive dweller. *The Behavior Analyst*, 21(2), 179–192. <https://doi.org/10.1007/BF03391962>
- Ruiz, M. R. (2003). Inconspicuous sources of behavioral control: The case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, 4(1), 12-16. <https://doi.org/10.1037/h0100005>
- Ruiz, M. R. (2009). Beyond the mirrored space: Time and resistance in feminist theory. *Behavior and Philosophy*, 37, 141–147. <https://psycnet.apa.org/record/2011-20100-012>

- Sá, C. P. (2016). J. G. Holland, contracontrole social e socialização do behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18, 52-60.  
<http://dx.doi.org/10.31505/rbtcc.v18i0.844>
- Santini, R. M., Terra, C., & Almeida, A. R. D. (2017). Feminismo 2.0: A mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). *P2P e Inovação*, 3(1), 148-164. <http://dx.doi.org/10.21721/p2p.2016v3n1.p148-164>
- Santos, G. O. (2020). *Feminismo negro, movimento estudantil e relações de poder: Diálogos e trajetórias* [Monografia, UFMA]. Biblioteca Digital de Monografias da UFMA.  
<http://hdl.handle.net/123456789/5000>
- Santos, S. D. M., & Junior, E. B. (2019). A noção de contracontrole em análise do comportamento: Contribuições teóricas para os movimentos sociais. In *5º Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais – Democracia e Direitos Humanos: crises e conquistas*. Goiânia. [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/106/o/Sheila\\_completo.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/106/o/Sheila_completo.pdf)
- Sampaio, A. A. S., & Andery, M. A. P. A. (2010). Comportamento social, produção agregada e prática cultural: Uma análise comportamental de fenômenos sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 183-192. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100020>
- Sampaio, A. A. S., & Leite, F. L. (2015). O estudo da cultura pela análise do comportamento e a obra de Sigrid Glenn. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 11(2), 203-207.  
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v11i2.4014>
- Sidman, M. (2011). Compreender a pesquisa básica pode melhorar a efetividade dos profissionais que trabalham com aplicação? Perspectivas pessoais e reflexões. *Journal of Applied behavior analysis*, 44(4), 973-991. <https://itrcampinas.com.br/pdf/outros/sidman.pdf>
- Silva, A. C. B., & Fermoseli, A. F. (2020). Áreas de atuação e abordagens teóricas: uma análise dos acadêmicos de psicologia de uma instituição de ensino superior. *Grupo Tiradentes*, 1-20.  
<https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/3186>

- Silva, E. C., & Laurenti, C. (2016). B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “A mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 197-211. <https://doi.org/10.18761>.
- Silva, F. F., & Ribeiro, P. R. C. (2014). Trajetórias de mulheres na ciência: “Ser cientista” e “ser mulher”. *Ciência e Educação*, 20(2), 449-466. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>
- Silva, G. J. T., & Arantes, A. (2019). Pioneiras: A história das primeiras mulheres na análise do comportamento no Brasil. In R. Pinheiro, & T. Mizael (Orgs.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 1, pp. 16-39). Imagine Publicações.
- Silva, I. M. M., & Bianchi, M. F. (2018). Gênero, feminismo e empoderamento da mulher: Um estudo sobre a compreensão das estudantes do ensino médio. In *I Simpósio juventudes contemporâneas*. Rio Grande do Sul.
- Silva, J. P. A., Do Carmo, V. M., & Ramos, G. B. J. R. (2021). As quatro ondas do feminismo: Lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, 7(1), 101-122. <http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0197/2021.v7i1.7948>
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Hackett Publishing Company, Inc.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Vintage Books.
- Skinner, B. F. (1976). *Walden two*. MacMillan Publishing. (Trabalho original publicado em 1948).
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (2007). Seleção pelas consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 129-137. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v9i1.150>

- Sousa, D. L. R., & Araújo, J. A. L. (2018). Feminismo contemporâneo: As mídias sociais como ferramentas de resistência. In *VI Semana de História do Pontal e V Encontro de Ensino de História – Sociedade, Cultura e Patrimônio*. Uberlândia.
- Staniscuaski, F., Machado, A. V., Soletti, R. C., Reichert, F., Zandonà, E., Mello-Carpes, P. B., Infranger, C., Ludwig, Z. M. C., & Oliveira, L. (2023). Bias against parents in science hits women harder. *Humanities and social sciences communications*, *10*(201), 1-9.  
<https://doi.org/10.1057/s41599-023-01722-x>
- Strapasson, B. A., Magalhães, F. G., & Custódio, J. K. (2013). Comunicação entre a pesquisa básica, aplicada e teórica na Análise do Comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Interação Psicologia*, *17*(1), 117-128. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i1.26496>
- Teixeira, C. M. (2015). *Assertividade: escala multimodal e caracterização do repertório de mulheres inseridas no mercado de trabalho* [Tese de doutorado, UFSCar]. Repositório Institucional UFSCar. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7238>
- Teixeira, S. A., & Ferreira, S. L. (2010). Teoria e práxis do feminismo acadêmico. *Seminário Internacional Fazendo gênero* 9, 1-9.  
[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278291730\\_ARQUIVO\\_TEORIAEPRAXISDOFEMINISMOACADEMICO2.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278291730_ARQUIVO_TEORIAEPRAXISDOFEMINISMOACADEMICO2.pdf)
- Todorov, J. C., & Moreira, M. (2004). Análise experimental do comportamento e sociedade: Um novo foco de estudo. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, *17*(1), 25-29.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000100005>
- Tourinho, E. Z. (2003). A produção de conhecimento em psicologia: A Análise do Comportamento. *Psicologia, Ciência e Profissão*, *23*(2), 30-41.  
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000200006>
- Wolpert, R. S., & College, C. (2005). A multicultural feminist analysis of Walden Two. *The Behavior Analyst Today*, *6*(3), 186-190. <https://doi.org/10.1037/h0100063>

- Ximenes, S. B., Pino, I. R., Adrião, T., Almeida, L. C., Zuin, A. A. S., Moraes, C. S. V., Ferretti, C. J., Goergen, P., & Souza, S. M. Z. L. (2019). Reafirmar a defesa do sistema de ciência, tecnologia e ensino superior público brasileiro. *Educação e Sociedade*, 40, 1-4. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019230375>
- Yannoulas, S. C., Vallejos, A. L., & Lenarduzzi, Z. V. (2000). Feminismo e academia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 81(199), 425-451. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.81i199.957>

## 7. Apêndices

### Apêndice A – Termo de Consentimento

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-la(o) a participar da pesquisa intitulada "Variáveis envolvidas no estudo do Feminismo por analistas do comportamento brasileiras(os<sup>10</sup>): uma investigação exploratória", que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina, orientada pela profa. Carolina Laurenti da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é explorar quais fatores estão envolvidos no comportamento de estudar Feminismo por pesquisadora(e)s analítico-comportamentais brasileiras(os). Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: você participaria de uma entrevista semiestruturada na qual serão realizadas questões acerca das variáveis envolvidas no seu comportamento de estudar sobre Feminismo em Análise do Comportamento, como, por exemplo, em que contexto se deu o primeiro contato com a discussão, quais os temas estudados, se teve que enfrentar obstáculos para realização da pesquisa, dentre outras questões norteadoras.

As entrevistas serão realizadas remotamente, por meio de plataformas *online* como o *Google Meet*, o *Zoom* ou *Skype*. Nesse caso, se você der sua permissão, as entrevistas serão gravadas para posteriormente serem transcritas, de modo que seja possível realizar a análise com base nos objetivos e no procedimento propostos pelo estudo. Como os dados serão coletados e gravados por meio *online*, há limitações de nossa parte para assegurar total

---

<sup>10</sup> Este era o título da pesquisa antes da decisão de incluir somente o resultado das entrevistas das mulheres.

confidencialidade e eventuais tentativas de violação por terceiros. Para minimizar esses riscos, após a coleta, será feito *download* dos dados para um dispositivo eletrônico local e para um HD externo de acesso somente das pesquisadoras, apagando os registros de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”. Após o término da pesquisa, os dados serão apagados.

Informamos que poderão ocorrer os riscos/desconfortos a seguir: descrever as eventuais motivações para os eventos abordados neste estudo, principalmente para os estudos sobre questões relacionadas ao Feminismo, pode evocar lembranças, sentimentos e emoções desagradáveis. A sua participação é totalmente voluntária, portanto, se isso acontecer você poderá recusar-se a participar ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Você tem o direito de não responder a alguma pergunta. Caso queira, a qualquer momento, retirar o consentimento de utilização dos dados, você pode solicitar a exclusão enviando *e-mail* para as pesquisadoras, especificado ao final do documento, sem nenhum prejuízo. Você também poderá contatar a professora orientadora para tratar de eventuais efeitos ou condições adversas relacionadas à sua participação na pesquisa como respondente da entrevista.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, podendo ser divulgadas em congressos e revistas especializadas, mas, qualquer que seja a forma de publicação utilizada, as informações serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Não há benefícios diretos a você. No entanto, a pesquisa espera contribuir para aumentar as discussões e os estudos sobre Feminismo e Análise do Comportamento, principalmente no Brasil. Além disso, poderá haver uma divulgação indireta da sua produção publicada no livro Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento.



É importante que você tenha uma cópia do TCLE e a guarde em seus arquivos. Para ter a cópia, clique neste link e faça o *download*:

<https://drive.google.com/drive/folders/1e3adVQIfNd9Jz8tmFbIokG64FtPjwGwY?usp=sharing>

Caso não consiga obter por essa via, envie um *e-mail* para uma das pesquisadoras, que encaminhamos a você. Aconselhamos também a fazer uma cópia (“print”) da tela.

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser dirimida com as pesquisadoras conforme o endereço eletrônico:

Nome/E-mail: Carolina Laurenti (claurenti@uem.br) e Yana Linhares (yana.linhares0@uel.br)

Ou pelo endereço e telefone:

Carolina Laurenti. Departamento de Psicologia (bloco 118, sala 04). Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo, 5790 – Jardim

Universitário – CEP: 87020-900 – Maringá-PR

Telefone: (44) 3011-4291 (Departamento de Psicologia-UEM)

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790. UEM-PPG-sala 4. CEP 87020-900. Maringá-PR. Tel: (44) 3011-4444. E-mail: copep@uem.br.

Para participar da pesquisa, é necessário que você concorde com o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ao clicar no botão abaixo, você concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador

- Li e concordo em participar da pesquisa.

## Apêndice B – Roteiro das entrevistas

Data:

Horário de início da entrevista:

Horário de término da entrevista:

Duração:

Nome fictício:

Grau de especialização:

Profissão:

1) Com o passar dos anos o movimento feminista se difundiu por diversos meios, seja por passeatas, marchas, panfletagens, jornais, revistas, produções acadêmicas e, mais recentemente, pela disseminação via redes sociais (Galetti, 2014). Levando em consideração, então, esses diversos âmbitos de divulgação dos ideais e dos questionamentos do movimento, quando e em que contexto se deu o seu primeiro contato com o movimento feminista?

2) Apesar de a Análise do Comportamento já ter sido alvo de críticas quando da entrada do movimento feminista na academia, pesquisas mostram que as mulheres analistas do comportamento vêm contribuindo para a expansão e a disseminação da Análise do Comportamento no Brasil desde os anos 1960. Elas atuaram e realizaram pesquisas, criaram cursos, departamentos, laboratórios e centros de formação, ministraram disciplinas nas principais universidades brasileiras, dentre outras contribuições, além de estudar cada vez mais sobre questões feministas na teoria. Dessa forma, diversos contextos foram sendo criados para possibilitar o contato das analistas do comportamento com o movimento

feminista (Silva & Arantes, 2019). Considerando, então, esse cenário, quando e em que contexto você se deparou pela primeira vez com as discussões sobre o Feminismo relacionado à Análise do Comportamento?

3) Depois desse contato inicial com a discussão, por que você decidiu estudar sobre esse tema?

4) O que você pesquisou? Por quê?

5) Que resultados você encontrou com sua pesquisa e quais foram os impactos para a sua vida pessoal, acadêmica e profissional?

6) Estudos mostram (Narvaz & Koller, 2007) como as pesquisas sobre gênero muitas vezes não encontram suporte na universidade, principalmente por serem consideradas apenas militância, associadas a movimentos sociais e partidos de esquerda; como há uma resistência em estudar esses temas na Psicologia, por haver um receio acerca do seu questionamento dos seus métodos científicos, por exemplo; e também na Análise do Comportamento, por receio de incorporar um movimento político na teoria, por haver dificuldades metodológicas etc (Laurenti, 2019; Sampaio & Andery, 2010). Considerando, então, essas dificuldades, quando você começou a estudar sobre esses temas, teve que enfrentar obstáculos? Se sim, quais foram e como isso afetou suas pesquisas? Se não, considerando as dificuldades que são descritas na literatura, a que fator você atribui o fato de ter conseguido estudar o Feminismo sem esses empecilhos?

7) Levando em consideração seu histórico com o movimento feminista e a Análise do Comportamento, você continua estudando sobre o tema? Por quê?

8) Se sim, em que contextos você ainda discute sobre isso?

9) Estudos mostram como hoje as publicações sobre o Feminismo e a Análise do Comportamento, especialmente no Brasil, têm crescido, bem como a discussão de diversos temas importantes para a luta contra a desigualdade entre os gêneros (Mizael, 2019). Levando

isso em consideração, você considera importante continuar estudando Feminismo na Análise do Comportamento, ou esses estudos já cumpriram o seu papel na área? Por quê?

10) Para você, o que ainda falta ser estudado sobre Feminismo em Análise do Comportamento?

11) Qual texto, e/ou autora, seja analista do comportamento ou não, foi significativo para os seus estudos sobre Feminismo e Análise do Comportamento, por quê?

12) Alguns autores (Nuernberg et al., 2011) destacam como o Feminismo muitas vezes é considerado somente como militância, ou como uma moda passageira. Você acredita que esse seja o caso? E em relação aos estudos sobre Feminismo e a Análise do Comportamento, você acredita que seja algo passageiro? Por quê?

13) Levando em consideração as críticas muitas vezes tecidas à teoria da Análise do Comportamento por não se envolver suficientemente nas discussões sobre questões sociais (Laurenti, 2019), principalmente considerando seu potencial em desenvolver e oferecer ferramentas para mudanças no contexto cultural (Silva & Laurenti, 2016; Todorov & Moreira, 2004), para você, qual seria a importância de estudar questões sociais na Análise do Comportamento? Por quê?

14) Considerando as dificuldades já mencionadas em estudar questões feministas na universidade, na Psicologia e na Análise do Comportamento, bem como as dificuldades que você possa ter enfrentado nos seus estudos, você identifica ainda nos dias de hoje obstáculos para pesquisar questões sociais em Análise do Comportamento, especialmente Feminismo e questões de gênero? Quais? Como superá-los?

15) Estudos apontam como, além de produções acadêmicas, outros contextos foram sendo estabelecidos na academia que possibilitaram discussões relacionadas ao gênero, em especial na Psicologia. Dentre eles estão núcleos e grupos de estudo, encontros, congressos, grupos de trabalho, fundação de associações científicas, de ONGs, a realização de

capacitações, atividades de extensão e dentre outras iniciativas (Costa & Sardenberg, 2015; Nuernberg et, al., 2011; Teixeira & Ferreira, 2010). Levando em consideração esse cenário, e os estudos que estão sendo realizados sobre o Feminismo e a Análise do Comportamento, o que poderia ser feito para se estabelecer mais contextos para discussões sobre o tema? Como?

Somente para os autores homens:

16) Como o fato de você ser homem impactou nos seus estudos sobre Feminismo em Análise do Comportamento?

17) Você gostaria de fazer algum comentário ou acrescentar algo que não foi perguntado?

18) Nós iremos realizar a transcrição dessa entrevista, no entanto optamos por não a publicá-la na íntegra. Isso porque são poucas(os) autoras(es) que estão nesse livro, sendo mais fácil de identificá-la(o) por meio das informações fornecidas. Iremos então, como alternativa, agrupar os dados da transcrição em categorias temáticas e trazer apenas alguns trechos que possam ilustrar melhor os tópicos trazidos e que auxiliem na discussão posterior. Porém, primeiramente gostaríamos de enviar para você esses resultados para que você possa aprovar ou não as informações que foram selecionadas. Você teria disponibilidade para essa leitura e aprovação do material?

### Apêndice C – E-mail para o convite das(os) entrevistadas(os)

E-mail:

Prezada(o) Nome

Meu nome é Yana Linhares, eu sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina e estou desenvolvendo uma dissertação intitulada “Variáveis envolvidas no estudo do Feminismo por analistas do comportamento brasileiras(os): uma investigação exploratória”, sob orientação da Professora Doutora Carolina Laurenti. A pesquisa tem como objetivo explorar alguns fatores que estão envolvidos no comportamento de estudar Feminismo e Análise do Comportamento por pesquisadora(e)s analítico-comportamentais brasileiras(os). Para tanto, uma de nossas estratégias metodológicas é a realização de entrevistas semiestruturadas com autora(e)s do livro “Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento”, a fim de entender como se deu o seu contato com as discussões sobre temáticas feministas, quais assuntos estudou, se ainda estuda, por que, dentre outras questões. Como você é uma das autoras, estou entrando em contato para saber se você teria disponibilidade e interesse em participar da entrevista, que seria realizada de forma remota. Estou enviando o link para o acesso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que descreve melhor como se daria a sua contribuição, como seria a dinâmica da entrevista e quais os procedimentos para lidar com os dados. Sua participação é muito importante, visto que o livro traz discussões sobre questões relevantes relacionadas à interface entre Análise do Comportamento e Feminismo, e entender como se deu o contato da(o)s pesquisadora(e)s com o tema pode nos auxiliar na ampliação de contextos para realizar esses debates.

Poderia retornar este e-mail confirmando ou não sua participação até .....

Aguardo seu retorno.

Atenciosamente,

Yana Linhares

Carolina Laurenti

## **Apêndice D – E-mail para a autorização dos dados pelas(os) entrevistadas(os)**

E-mail:

Prezado (a) ....

Gostaria primeiramente de agradecer sua participação na minha pesquisa. As informações coletadas na entrevista foram de extrema importância, não só para que eu pudesse desenvolver minha dissertação, mas para que eu também entendesse melhor sobre o movimento feminista, sobre a participação das analistas e dos analistas do comportamento no Brasil nessa luta, e como a Análise do Comportamento pode ter resultados frutíferos ao realizar uma interface com o Feminismo.

Dito isso, gostaria de descrever um pouco sobre como lidarei com os seus dados e pedir algumas autorizações de uso. Inicialmente, eu irei ler todas as transcrições das entrevistas e separá-las em categorias temáticas na seção de resultados. Vou destacar possíveis semelhanças e divergências nas respostas das(dos) participantes, de acordo com as categorias, e irei colocar alguns trechos das entrevistas na íntegra para exemplificar alguns pontos. Na seção de discussão eu irei debater, então, sobre o que surgiu nas categorias, traçando paralelos com a literatura do Feminismo e da Análise do Comportamento.

Antes de realizar esse procedimento, eu gostaria que você destacasse se há algum trecho ou alguma informação da sua entrevista que você não gostaria que fosse utilizada, bem como se gostaria de alterar alguma coisa. Para isso, estou enviando a transcrição da sua entrevista na íntegra. Peço que destaque em amarelo as informações que você não gostaria que aparecessem, e as informações que você alterar, que escreva em vermelho. Logo após, gostaria que você escrevesse seu nome e CPF no final do documento como forma de autorizar o uso das demais informações na dissertação.

Tentaremos o possível manter o seu anonimato, alternando as suas informações com as de outras(os) entrevistadas(os), evitando utilizar nomes e optando pelo uso de um sujeito neutro, “Participante X”. Porém, gostaríamos de lembrar que a comunidade de autoras e autores do livro é pequena, portanto, é possível que em alguns casos possa ocorrer uma identificação. Mas cuidaremos ao máximo para lidar com seus dados de forma responsável e comprometida.



Peço que me retorne até o dia X, já que preciso iniciar o desenvolvimento da seção de resultados. Desde já agradeço sua participação e o seu tempo.